

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS
DISSERTAÇÃO
PROFESSOR: Dr. Roberto Pontes
MESTRANDO: José Aglailson Lopes Pinto

**CÂNTICOS: o sagrado e o feminino na poesia de Cecília
Meireles**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FORTALEZA – CEARÁ
2007
José Aglailson Lopes Pinto

**CÂNTICOS: o sagrado e o feminino na poesia de Cecília
Meireles**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientador: Dr. Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros.

Fortaleza - Ceará
2007

Dedico este estudo à memória de Francisco Assis Pinto, meu pai, irmão, amigo e homem de caráter que me ensinou a enfrentar as dificuldades do mundo físico. E a Marcos Antônio David Ferreira, um irmão que tive aqui e que tenho hoje no plano espiritual. Estejam com Deus amados irmãos.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, por estar vivo, material e espiritualmente, e produzindo. Observando, trabalhando para sempre progredir, por isto ser a grande lei que o Senhor nos concedeu.

À arte de tecer e decifrar palavras que é a mais expressiva dentre todas as manifestações artísticas, pois é capaz de conter todas as outras artes.

Em especial a meu mestre e orientador Dr. Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros; às mulheres de minha vida (minha mãe, minha esposa e minhas três filhas); aos professores do Departamento de Literatura da UFC, especialmente aos do Mestrado; aos meus alunos e colegas do Colégio Estadual Liceu do Ceará e do Colégio Santo Inácio; a outros estabelecimentos de ensino nos quais estudei e lecionei; a todos(as) colegas professores(as) e, muito particularmente, à professora Ana Maria Nogueira Cruz; ao recente amigo e médico Dr. Edson Rocha Cantal que me acompanhou e orientou, clinicamente, quando eu mais precisava. E aqueles(as) que, por um lapso de esquecimento, não os declinei nesta lista, meus mais sinceros agradecimentos.

Abranger, compreender o Universo! E, antes de tudo, encontrá-lo na infinidade de seus elementos esparsos, recolher preciosamente todas essas coisas de que ele é feito. Nenhuma há entre elas que seja estranha ao poeta, nenhuma que não tenha algo para lhe dar. E como poderia conhecer o conjunto se não tivesse antes a certeza de todas as partes?
(Louis Barjon)

RESUMO

O trabalho intitulado *CÂNTICOS: o sagrado e o feminino na poesia de Cecília Meireles* tende a uma análise literária que recorre aos preceitos espiritualistas presentes na História do mundo ocidental. Nesta análise, usamos o método de investigação denominado Teoria Da Residualidade cujo idealizador é o orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Roberto Pontes. Os *remanescentes* religiosos ou espiritualistas presentes na poesia de Cecília Meireles (*Cânticos* e *Oratório De Santa Maria Egípcíaca*) remontam a várias vertentes da *sacralidade* judaico-cristã. Na Idade Média, observa-se um hibridismo de vertentes espiritualistas que se estende até a contemporaneidade. Buscamos, com isso, salientar que o texto poético de Cecília Meireles dialoga e contém *remanescentes* de uma cultura do *sagrado* amalgamada no Ocidente. Outro aspecto importante de nosso estudo é a visão feminina do amor. Em nossa pesquisa, buscamos, com o texto de Cecília, justificar que a voz e o sentimento femininos estão mais próximos da *sacralidade* do que o sentimentalismo patriarcal e masculino. Portanto a nossa dissertação é um estudo que tem como principais fontes os textos sagrados de várias tendências espiritualistas (Cristianismo, Judaísmos, Islamismo, Budismo, Hinduísmo, Zoroastrismo etc.), bem como o estudo historiográfico dos preceitos sagrados no mundo ocidental, tendo no sentimentalismo feminino um meio de difusão.

RESUMEN

El trabajo titulado *CÁNTICOS: lo sagrado y lo femenino en la poesía de Cecília Meireles* tiende a un análisis literario que recurre a los preceptos espiritualistas presentes en la Historia del mundo occidental. En este análisis, usamos el método investigativo denominado Teoría De La Residualidad, cuyo idealizador es el orientador de esta investigación, Prof. Dr. Roberto Pontes. Los *remanecientes* religiosos ó espiritualistas presentes en la poesía de Cecília Meireles (*Cánticos y Oratorio De Santa María Egipcíaca*) se remontan a varias vertientes de *sacralidad* judaico-cristiana. En la Edad Media, se observa un hibridismo de vertientes espiritualistas que se extienden hasta la contemporaneidad. Buscamos, con eso, resaltar que el texto poético de Cecília Meireles dialoga y contiene *remanecientes* de una cultura del *sagrado* amalgamada en el Occidente. Otro aspecto importante en nuestro estudio es la visión femenina del amor. En nuestra investigación, buscamos, con el texto de Cecília, justificar que la voz y el sentimiento femeninos están más próximos de la *sacralidad* que el sentimentalismo patriarcal y masculino. Por tanto, nuestra disertación es un estudio que tiene como principales fuentes los textos sagrados de varias tendencias espiritualistas (Cristianismo, Judaísmo, Budismo, Zoroastrismo etc.), como también el estudio historiográfico de los preceptos sagrados en el mundo occidental, teniendo en el sentimentalismo femenino un medio de difusión.

SUMÁRIO

1. A Sacralidade Literária	9
2. Cecília Meireles: uma profeta que também é poeta	26
2.1. A Paixão pelo Sagrado	41
2.2. O Amor e a Voz feminina	61
2.3. Dialogação com o Divino	79
3. Texto Incidental(Oratório de Santa Maria Egípcíaca)	90
4. O Sagrado e o Feminino	109
5. Bibliografia	115
6. Apêndice	122

1. A Sacralidade Literária

Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?
(João, 3: 11 e 12)

A importância da poesia de Cecília Meireles para a Literatura em Língua Portuguesa é muito significativa, visto que esta poeta é mais do que reverenciada nos parâmetros de nossas letras¹. Para atestar o que dissemos, vejamos o que nos diz Massaud Moisés a respeito desta escritora que se prontifica em ser profeta em nossa análise:

Não obstante, representa a voz feminina mais sonora das nossas letras, e quiçá da Língua Portuguesa, ao ver dum crítico lisboeta; inscreve-se, sem favor nenhum, entre os maiores nomes da poesia brasileira deste século.²

A poesia de Cecília Meireles, entendemos nós, transcende a barreira dos gêneros masculino e feminino, bem como da sexualidade, contudo é marcada por um forte apelo à valorização do feminino nas questões espiritualistas e, por extensão, poéticas. É uma poesia carregada de todos os desígnios do ser humano, o amor, a paixão, o ódio, a felicidade, a riqueza, a espiritualidade, a nobreza de caráter, a sensualidade, o orgulho, a poesia, enfim, falta-nos espaço para listarmos as seções que abrange o texto poético ceciliano. Neste trabalho procuraremos analisar a poesia de Cecília em um de seus valiosos trabalhos, o livro *Cânticos*³, obra que nos remete ao passado sagrado e religioso, chegando-nos ao

¹ Consideram-se, no caso, Brasil e Portugal.

² MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira Vol. V*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 144. O crítico lisboeta em questão é João Gaspar Simões. A expressão *neste século* se refere ao século XX.

³ Manuscritos inéditos de Cecília Meireles que foram publicados postumamente pela editora Moderna. O nosso trabalho segue a leitura da segunda edição deste livro de poemas espiritualistas.

presente em forma de verso como algo que sempre existiu, competindo ao consciente espiritual afirmar e confirmar tal expediente, outra tarefa destinada a esta investigação literária. Agora, o que se convencionou chamar de *sagrado*? A resposta pode estar dentro de cada um de nós, conforme o aforismo *conhece-te a ti mesmo*, professado pelos gregos antigos, há um processo semelhante ao verificado em muitos livros ditos sagrados, como os livros dos judeus, islâmicos, budistas, hinduístas, cristãos e outros que, no decorrer desta investigação, certamente, serão mencionados. E no que tange à literatura, e principalmente a literatura nesta obra de Cecília Meireles, é a ela que recorreremos como elemento crucial na confirmação da presença do *sagrado* em textos literários desta autora. O livro *Cânticos* é a nossa fundamentação espiritual mais relevante, uma vez que nele se podem depreender aspectos que atestam a presença da literatura de vertente espiritualista, ou seja, um texto que ascende ao plano espiritual, engajado numa proposta de cunho cristão.

Recorreremos ao estado de espírito que brota na obra desta escritora, o que pode ser considerado como mentalidade do passado religioso referido no parágrafo anterior, mas também de elementos estritamente medievais que muito se percebem na trajetória poética de Cecília. E por que a Idade Média? Acreditamos que este período histórico é o mais propício a uma investigação de ordem sacra, pois, neste momento da história da humanidade, no mundo ocidental, observam-se variadas vertentes que se unem, amalgamando-se em um propósito comum, ou seja, amalgamando-se para se consolidar a espiritualidade no mundo ocidental. Aqui buscaremos comprovar, através da *Teoria da Residualidade*⁴, marcas dos livros sagrados judaico-cristãos e também das decodificações

⁴ Teoria defendida com propriedade pelo Dr. Roberto Pontes, a qual consiste na “presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro”.

desses em *Cânticos*, um louvor transcendental, como bem se pode observar neste texto que se segue:

Perguntarão pela tua alma.
A alma que é ternura,
Bondade,
Tristeza,
Amor.
Mas tu mostrarás a curva do teu vôo
Livre, por entre os mundos...
E eles compreenderão que a alma pesa.
Que é um segundo corpo,
E mais amargo,
Porque não se pode mostrar,
Porque ninguém pode ver...⁵

Nesta mensagem a voz interna⁶ do canto declara a um interlocutor virtual que o ser está além da matéria, que a alma é um outro corpo, visto a sua ternura, bondade, tristeza e amor, porém, antes disto, livre, para voar e ser outra vida em outro corpo. Esta percepção, grosso modo, só a tem quem se submete ao encontro da palavra com o espírito, o que se faz perceber no livro em questão. Aqui constatamos marcas que sobrevivem de livros do *poeta* hebreu Salomão, em *Sabedoria*, como também o *Siracides*, mensagens e louvores de teor espiritualista do Velho Testamento, bem como uma vertente cristã advinda do Novo Testamento.

Portanto o livro *Cânticos*, de Cecília Meireles, pode ser considerado um louvor ao espírito, dada a proximidade que há com textos de caráter sagrado. Mas esta obra, antes de transcender a matéria corporal do ser humano, transcende também a poesia, o que a autora soube como bem poucos na centúria passada, conforme se percebe em outros poemas, de outras obras de Cecília Meireles, como o intitulado *Resíduo*, um repasse de valores que se congregam em matéria e espírito.

⁵ MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1982.

⁶ Esta acepção é o próprio eu-lírico. Expressão cunhada por nós.

Quando passarem os dias,
e não mais se avistar
nosso rosto, e o sereno
modo nosso de olhar,

e a nossa evaporada
voz não vier mais no ar,
e as sombras esquecerem
a que era a do nosso andar,

vai ser doce pensar-se,
– em que secreto lugar? –
nos sonhos que inventávamos,
ternos e devagar,

no perfil que tivemos,
tão fino e singular,
e no louro e nas rosas
que o poderiam coroar,

e nos vergéis que sentíamos,
quando íamos a par,
ouvindo o amor, que nunca
chegou a sussurrar.⁷

Nos versos acima transcritos, pode-se perceber a predominância de rimas primárias, mas isto é tão somente um detalhe, visto que não está em questão este quesito, observa-se no poema uma tendência filosófica entre a essência e a existência, algo que também encontramos no poema de *Cânticos*.⁸

O fundamento deste estudo são livros que indiquem a proximidade que existe entre espiritualidade e poesia ou, de forma mais ampla, literatura e sacralidade⁹. O maior destaque é o livro em que Cecília congrega o material e o espiritual, uma aliança onde predominam os elementos condutores de uma moral transcendente, o que se verifica em *Cânticos*, possibilitando, desta feita, o objetivo principal deste trabalho que é a valorização da voz feminina nesta literatura de Cecília Meireles.

⁷ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa Vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 332 e 333.

⁸ Consideramos todo o livro *Cânticos* um longo poema com temáticas entrelaçadas.

⁹ Faremos também analogias entre trabalhos poéticos de autores luso-brasileiros e a produção da poeta Cecília Meireles.

Analisar Cecília Meireles à luz dos textos sagrados e de suas descodificações não é tarefa tão árdua quanto se pensa a princípio, uma vez que a produção desta poeta abrange as dimensões humanas, e a espiritualidade não poderia ficar de fora. Essa concepção nos faz remeter ao historiador francês Gérard de Sède em seu livro *Estranho Mundo dos Profetas*, onde afirma que profecia e poesia, na Grécia, mais que em qualquer outro lugar, não podiam ser dissociadas.¹⁰ Esta assertiva é justificada, neste livro, à medida que o historiador cita e comenta obras-primas da literatura helênica, mormente as de Homero e Ésquilo. Ora, se a Literatura na cultura grega está muito ligada à divinização da palavra, e se a Grécia é o berço da civilização ocidental, logo, por meio das mentalidades cultural, literária e sacra, pode-se afirmar, de forma mais ampla, que Literatura e Religião¹¹ são partes que se associam mais do que se dissociam no mundo ocidental. Tal postura se acentua em autores que procuram tornar a palavra uma fonte numinosa, caso de Cecília Meireles, principalmente, em seu livro *Cânticos*. Essa conduta pode ser associada ao que menciona Rubem Alves ao citar Ludwig Feuerbach:

Como o disse poeticamente Ludwig Feuerbach: ‘A consciência de Deus é autoconsciência, o conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor’. E poderíamos acrescentar: e que tesouro oculto não é religioso? E que confissão íntima de amor não está grávida de deuses? E quem seria esta pessoa vazia de tesouros ocultos e de segredos de amor?¹²

Podemos, pelo menos, responder a última indagação do filósofo, cuja resposta refere-se diretamente a um indivíduo que trabalha com os segredos de amor: o Poeta. Poetas como Cecília Meireles, que carregam no interior de seus textos a consciência da

¹⁰ SÈDE, Gérard de. *Estranho Mundo dos Profetas*. São Paulo: Hemus, 1984, p.21.

¹¹ A palavra *religião* só será utilizada neste trabalho dentro de um conceito amplo.

¹² ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984, pp. 12-13.

Divindade e, por conseguinte, de si mesmo(a), revelando os “seus pensamentos íntimos”, numa “confissão aberta dos seus segredos de amor”.

É comum em alguns livros de Literatura Brasileira, mormente os voltados para o Ensino Médio, o engajamento desta autora dentro de uma corrente modernista cuja denominação, à primeira vista, causa um certo desconforto a quem busca se aprofundar em uma investigação literária. Tal corrente recebe a denominação de *neo-simbolismo*, por buscar a valorização dos elementos de cunho subjetivista.

Limitar a poesia de Cecília Meireles a uma característica meramente estética e estilística não tem razão de ser, pois mencionar o Simbolismo apenas como uma escola de teor subjetivista é reduzir o seu valor histórico.

Sabemos da importância do Simbolismo, em fins do século XIX, a partir de seu aspecto subjetivo, porém não se deve resumir a escola a uma marca tão somente, pois a característica anteriormente mencionada não é a única, existem outras tão valorosas quanto o subjetivismo. Portanto também devemos recorrer a essas outras características tais como a musicalidade, o espiritualismo, a visão etérea do universo, o desprezo ao materialismo exacerbado etc. E isso possibilitará que o nosso estudo se direcione a várias vertentes de valor espiritualista. Vertentes essas que podem ir além da estética simbolista, contudo sempre concedendo ao texto poético uma relevância subjetiva sem apego ao esteticismo academicista. É o que devemos fazer em termos poéticos, porque a subjetividade extrapola toda e qualquer tentativa de conceitos e escolas.

É verdade que, no Simbolismo, a espiritualidade é uma das principais marcas, entretanto não é a única. Além do mais, a poesia de Cecília vai muito além do condicionamento entre matéria e espírito, pode, inclusive, evidenciar o que se denomina por *literatura empenhada*, o que se percebe em textos que buscam repassar um

esclarecimento, usando para tanto a sua própria estrutura textual ou o seu valor moralístico. Para nos esclarecer sobre este tipo de procedimento, vejamos o que nos diz Segismundo Spina acerca de *literatura empenhada*, isto é, uma literatura que se prontifica ao engajamento didático-pedagógico:

Empenhada, no sentido em que uma intenção pedagógica, didática, apologética, missionária, edificante, preside à sua elaboração. Referimo-nos àquela literatura de propósitos meramente didáticos, representada pelos *lapidários* (sobre as virtudes das pedras preciosas) e pelos *bestiários* (zoologia alegórica, ordinariamente em versos de oito sílabas, cujo protótipo é o *Physiologus* alexandrino do século II); mas sobretudo à literatura moral religiosa, vigente e atuante desde os primeiros séculos do Cristianismo, cujas formas fundamentais estão representadas pelos *hinos*, pelas *hagiografias*, pelos *poemas sacros*, pelo drama litúrgico e suas modalidades posteriores: os *milagres*, os *mistérios*, os *autos*, as *moralidades*.¹³

Neste trecho de Spina, nos chama atenção a referência à *moral religiosa* que parece se aproximar do texto ceciliano em *Cânticos*, no entanto é válido ressaltar que o poema *Cânticos* não se reduz ao moralismo religioso, este poema não se move por normas pré-estabelecidas, é acima de tudo uma liturgia comungada por variadas propostas religiosas. Então a menção à *literatura empenhada* serve aqui como um recurso a mais, não sendo, pois, plausível de discussões avantajadas. É algo a mais no texto ceciliano que é tão rico em diversas temáticas. A mundividência ceciliana é ampla e muito abastada, assim podemos chegar à conclusão de que toda a sua literatura evidencia, explícita ou implicitamente, um procedimento *empenhado*, porém, não iremos detalhar aqui este elemento, porque o mais interessante à nossa proposta é a postura sacra dentro da poesia de Cecília Meireles, principalmente no livro *Cânticos*.

¹³ SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, p. 20.

Retomando a questão estética mencionada anteriormente, Cecília não é só *neo isto* ou *neo aquilo*, a sua poesia de vertente espiritualista remonta ao trovador provençal, às cantigas líricas trovadorescas e palacianas, transita pelos apelos e angústia religiosa do Barroco, nos moralismos cristãos do Romantismo, no âmbito metafísico simbolista, fazendo-nos remeter até o mais distante profeta hebreu. Portanto a acepção do novo nunca foi nova, uma vez que sempre existiu. O que ocorre de fato é um repasse de mentalidade, o que se pode justificar com a *Teoria da Residualidade*, conforme o trecho a seguir do Dr. Roberto Pontes:

A *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. Este último é o caso de artistas que, independente da estética à qual pertençam, incluem em suas obras uma linguagem precursora, sendo por isso comumente considerados artistas *avant la lettre*. Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange igualmente a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes.¹⁴

Os escritos desta poeta em *Cânticos* são um exemplo bem peculiar do que se comentou no excerto de Roberto Pontes. Pode ser uma cristalização espiritualista da antiguidade pagã e judaico-cristã e do que se convencionou chamar de lirismo medieval, ou seja, escritos carregados de espiritualidade individualistas que remontam à Idade Média. Mas também podem ser considerados remanescentes culturais e *sacralizados*, norteados por gerações vindouras, e de poetas, conforme também se observou na nota explicativa de Pontes.

E como justificar tal procedimento da poeta maior das letras brasileiras? Pesquisando textos de diversificados estilos de época? Não. Simplesmente compreendendo

¹⁴ PONTES, Roberto. “Mentalidade e Residualidade na Lírica Camoniana”. Ensaio contido no livro *Escritos do Cotidiano, Estudos de Literatura e Cultura*. Fortaleza: 7 Sóis, 2003, p. 88.

que a vertente espiritualista de Cecília Meireles existe devido à permanência deste elemento em todas as épocas da história humana. O ser humano sempre foi fascinado pelo desconhecido, pelo simbólico, pelo sagrado, não somente em propostas artísticas, mas também no seu próprio modo de viver, pois “é verdade que os homens não vivem só de pão. Vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, e nem vontade de viver”.¹⁵

Sobre o período compreendido por Idade Média, Rubem Alves nos esclarece os símbolos do ponto de vista religioso, fundamentando ainda mais o que se procura atestar aqui em nossa pesquisa, o sacramento espiritual no texto poético de Cecília Meireles. A Idade Média é um período da história da humanidade em que os procedimentos sagrados foram por demais desenvolvidos e cristalizados por serem referências de diversificadas tradições culturais e religiosas, e curiosamente são modelos que se estendem até os nossos dias. Segundo o filósofo Rubem Alves:

No processo histórico através do qual nossa civilização se formou, recebemos uma herança simbólico-religiosa, a partir de duas vertentes. De um lado, os hebreus e os cristãos. Do outro, as tradições culturais dos gregos e dos romanos. Com estes símbolos vieram visões de mundo totalmente distintas, mas eles se amalgamaram, transformando-se mutuamente, e vieram a florescer em meio às condições materiais de vida dos povos que os receberam. E foi daí que surgiu aquele período de nossa história batizado como Idade Média.¹⁶

E prossegue enaltecendo este contexto histórico, afirmando que o mesmo é um modelo incomparável no quesito religiosidade, porque ali os símbolos se ampliaram e tomaram conta de toda a existência conhecida pelo homem. Estava além do que se pode

¹⁵ ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984, p. 35.

¹⁶ Idem, p. 39.

tocar com as mãos e com os olhos. Era o mundo espiritual que habitava no plano terreno e ditava todas as regras de conduta moral, ética e principalmente sagrada. Até se pode duvidar deste item, pois Alves parece fazer uma apologia do período histórico anteriormente citado, mas não devemos duvidar de que a Idade Média é uma intercessão entre a Antigüidade e a Modernidade, logo, um momento de retomada e antecipação de valores e, por extensão, cristalizador de modelos espiritualista como bem se observa neste filósofo e estudiosos da religiosidade.

Não conhecemos nenhuma época que lhe possa ser comparada. Porque ali os símbolos do sagrado adquiriram uma densidade, uma concretude e uma onipresença que faziam com que o mundo invisível estivesse mais próximo e fosse mais sentido que as próprias realidades materiais. Nada acontecia que não o fosse pelo poder do sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade.¹⁷

No que se refere à arte, a Idade Média, segundo Alves, propiciou o que havia de mais sagrado em nossa história. É o período que condiciona o ser humano ao contato direto com a supremacia divina. E a arte, seja a Pintura, a Literatura, o Teatro, a Música, enfim, seja qual for a manifestação, seria o veículo condutor do contrato entre o seres terrenos e Deus. Era como que uma regra estabelecida por Deus, e o ser humano era a representação divina na terra, produzindo obras em várias vertentes artísticas para se aproximar de Deus. Na Idade Média, a arte, além de veículo que conduzia ao contato com Deus, era por seu turno uma forma de externar as apreensões do espírito, servia como uma catarse espiritual. E toda ela, a arte, era dedicada às formas sublimes, espirituais, enfim, sagradas, como bem assegura Alves no trecho transcrito a seguir, onde se observa que a natureza não se manifesta como os olhos humanos a vêem. Atente-se, pois:

¹⁷ Ibidem, pp. 39 e 40.

Não é por acidente que toda a sua arte seja dedicada às coisas sagradas e que nela a natureza não apareça nunca tal como nossos olhos a vêem. Os anjos descem à terra, os céus aparecem ligados ao mundo, enquanto Deus preside a todas as coisas do topo de sua altura sublime.¹⁸

Quanto ao imaginário, marca inconfundível deste período histórico, nele verifica-se o castigo aos maus elementos, e a proteção divina era lançada àqueles que temiam os mandamentos, ordenamentos, de Deus. Este não só habitava no plano superior, mas também na terra, lugar de pecado e iniquidade. Os escolhidos que temessem ao ser supremo não teriam a sorte daqueles que se mancomunavam com coisas demoníacas, assim diz o filósofo:

E havia possessões demoníacas, bruxas e bruxarias, milagres, encontros com o diabo, e as coisas boas aconteciam porque Deus protegia aqueles que o temiam, e as desgraças e pestes eram por Ele enviadas como castigos para o pecado e a descrença.¹⁹

Deus, na Idade Média, regia os homens em todos os aspectos. Determinava a vida em seus mais restritos elementos. Indicava os escolhidos para governarem os povos que estivessem em danação. Era preciso pôr ordem na casa de Deus, e apenas os homens escolhidos pelo ser supremo tinham capacidade de exercerem a tarefa de expurgar o mal da terra, o universo, a casa de Deus, conforme a seguinte passagem:

Todas as coisas tinham seus lugares apropriados, numa ordem hierárquica de valores, porque Deus assim havia arrumado o universo, sua casa, estabelecendo guias espirituais e imperadores, no alto, para exercer o poder e usar a espada, colocando lá em baixo a pobreza e o trabalho no corpo de outros.²⁰

¹⁸ Ibidem, p. 40.

¹⁹ Idem, ibidem.

²⁰ Ibidem, pp. 40-1.

E a Idade Média é, em seu aspecto histórico, o período em que Deus ordena um ajuste entre o homem e a Sua autoridade. Aquele que não compreendesse ou aceitasse a designação divina sairia da terra direto para o inferno, lugar onde as almas danadas iriam ficar até o final dos tempos, enquanto o eleitos, por suas condutas exemplares, habitariam no reino do pai supremo. É o que se observa neste trecho do pensador anteriormente citado:

Tudo girava em torno de um núcleo central, temática que unificava todas as coisas: o drama da salvação, o perigo do inferno, a caridade de Deus levando aos céus as almas puras. E é perfeitamente compreensível que tal drama tenha exigido e estabelecido uma geografia que localizava com precisão o lugar das moradas do demônio e as coordenadas das mansões dos bem-aventurados.²¹

Insistimos aqui no momento histórico denominado Idade Média, porque, em nenhum outro momento da história do mundo ocidental, a conduta espiritualista foi tão enaltecida e reprimida em sua expansão. A Idade Média pode ser considerada o período historiográfico em que mais se cristalizaram todos os elementos de postura religiosa oriundos da Antigüidade. Foi no período medieval em que o profano, que vinha dos povos bárbaros do norte, e o sagrado, preceito da igreja de Roma, se amalgamaram, confirmando, assim, o que já predizia o apóstolo Paulo em suas epístolas.

O procedimento *espiritualista-medieval* ainda é uma marca na conduta religiosa do ser humano moderno do Ocidente. Isto se expande desde as grandes nações européias até os mais humildes povos da América Latina, principalmente no Brasil, o maior país católico do mundo. A mentalidade espiritual é por demais relevante nas nações católicas. Nestas se percebem não somente condutas de valor exclusivamente católico, mas um verdadeiro ecletismo espiritual. Uma junção esotérica de proporções inimagináveis, um ecumenismo jamais observado em parte alguma ou em tempo algum. Uma riqueza espiritualista

²¹ Idem, *ibidem*.

imprescindível. Esta riqueza é mencionada não só nos templos, terreiros, centros espíritas, sinagogas, mesquitas, é também difundida em veículos de comunicação de massa, e em muitos textos literários de autores que tomaram o espiritualismo por marca em suas composições. Não estamos querendo afirmar que a autora em questão seja apenas um meio de difusão da espiritualidade, mas, sim, alguém empenhado em confirmar o que já é sabido desde tempos remotos, que o ser humano precisa de um modelo para o aperfeiçoamento de seu caráter. E esse modelo paira no Cosmos, como bem ilustra Shakespeare na citação “há mais coisas entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Cecília Meireles, no livro *Cânticos*, sabia disto com muita propriedade, pois o que se percebe em várias partes desta obra é uma perfeita união entre Literatura e espiritualismo.

A *Teoria da Residualidade* pode nos ser muito eficaz para revelar o enigma das mentalidades sacras que se processaram na poesia de Cecília Meireles em *Cânticos*. Mentalidades que são resgatadas do mais remoto profeta do Judaísmo até os nossos dias. E a nossa análise acerca do livro de Cecília Meireles tende a verificar tal expediente a partir da *Teoria da Residualidade*.

Sobre a palavra *cântico*, vejamos algumas definições. O dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é lacônico na definição deste verbete:

Cântico. [Do lat. *Canticu.*] *S. m.* **1.** Canto em honra da divindade; hino. **2.** Ode, poema.²²

²² HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986, p. 339. Estas duas definições inscrevem-se, perfeitamente, no livro de Cecília Meireles.

Já Massaud Moisés amplia a definição do termo *cântico*, em seu dicionário de termos literários, para o contexto histórico-religioso.

CÂNTICO – Latim *canticu(m)*, poema destinado ao canto.

Confundindo-se com a ode, a canção, o hino, o salmo, o cântico resiste a uma conceituação precisa. Historicamente, principia por ser um canto religioso, em louvor a Deus. E embora conhecido de gregos e latinos, acabou por identificar-se com o rito cristão. Já no *Velho Testamento* podem-se localizar vários espécimes, às vezes designados de salmos (como os de David), dos quais ressalta o *Cântico dos Cânticos*, série de poemas amorosos atribuídos ao rei Salomão. Na liturgia cristã, católica ou protestante, denominam-se cânticos os cantos em língua vulgar.²³

Como se pode observar nas considerações acerca deste vocábulo, o livro *Cânticos* apresenta tanto a questão *sacra*, que é objeto deste estudo, como a significação poética, o que também se insere no contexto de nosso trabalho. Por isso, é necessário ressaltar que as duas definições estão amalgamadas, isto é, cristalizaram-se, à medida que Literatura e Religião tornaram-se questões interdependentes no decorrer da história da humanidade, mormente no mundo ocidental.

Composto por vinte e seis cantos, este livro nos passa um anseio espiritual que faz lembrar livros de mentalidade sacra. Nele a autora remete a mensagem a um interlocutor virtual de segunda pessoa. Sendo virtual, então, esse elemento também presente no texto tende mais à essência espiritual do que propriamente à matéria. É uma espécie de desdobramento do *eu*, o qual é visto de um ponto sublime. Esse desdobramento da primeira pessoa pode ser o mesmo que denuncia Muniz Sodré quando afirma que o “eu” desdobrado é pura analogia.

²³ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 74.

Ora, a consciência subjetiva, a consciência de si, implica igualmente uma metaforização do próprio sujeito, uma espécie de “eu” análogo (um *self* imaginado), que se movimenta substitutivamente na imaginação, podendo mesmo comportar-se de maneira diferente da do sujeito do mundo externo. O “eu” análogo comporta ainda uma outra metáfora, que se poderia chamar de “mim”. Ou seja, “eu” pode dirigir-se a “mim” ou “me” ver.²⁴

Ou talvez o “eu” pode ser o “tu” em forma etérea, o que em *Cânticos* não se deve descartar, pois os textos do livro nos são autênticas mensagens de caráter espiritualista.

Neste estudo, a nossa pretensão é a de estabelecer um comentário espiritualista ilustrado por textos do livro *Cânticos*, incluindo um outro escrito, tido por incidental, de Cecília Meireles, *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*. A relação entre estes dois textos de Cecília Meireles nos proporciona um novo elemento para o nosso trabalho, a presença da voz feminina na literatura desta escritora. Se considerarmos o desejo de resgate da conduta feminina nos tratados espiritualistas, perceberemos que todos os livros analisados, tendo por fim fundamentar esta dissertação, dão a uma personagem do *Novo Testamento* a primazia do resgate da feminilidade sagrada. Esta personagem nada mais é senão Maria Madalena, injustiçada pelos próprios cristãos, e relegada até 1969²⁵ pela Igreja à condição de prostituta. Buscaremos de maneira historiográfica e isenta de quaisquer dogmas um lugar merecedor para esta mulher tão significativa na espiritualidade cristã, mas que foi esquecida, e nos parece propositadamente, pelos mentores desta doutrina. Juan Arias, em um grande estudo histórico acerca desta personagem, afirma que:

À força de lendas, tradições e invencionices, Maria Madalena converteu-se no protótipo da pecadora arrependida. Nem sequer entre os cristãos se manteve outra idéia. Mas Maria Madalena, a mulher mais citada nos Evangelhos, não foi uma prostituta nem esteve possuída por demônios impuros. É assim, no entanto, que foi apresentada essa personagem desde os primórdios do cristianismo e como o testemunham

²⁴ SODRÉ, Muniz. *Jogos Extremos do Espírito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.43.

²⁵ Neste ano, o papa Paulo VI retira o nome de Maria Madalena da categoria de prostituta.

milhares de pinturas sobre ela: como prostituta arrependida que se retirou para o deserto a fim de se penitenciar por seus luxuriosos pecados. Assim aparece durante séculos, descrita em infinitos sermões nas igrejas, em exercícios espirituais e em numerosos escritos católicos. Chegou-se, inclusive, a considerar Madalena como a padroeira das prostitutas.²⁶

No texto dito incidental, *Oratório de Santa Maria Egipciaca*, podem-se observar muitas semelhanças entre as duas personagens, Maria Madalena e Santa Maria Egipciaca, porém, no *Oratório*, há uma notória resignação. A mulher é e se assume como luxuriante, mas procura se redimir com o ascetismo voluntário. Já Maria Madalena não é, como bem se observa nas palavras do crítico acima citado, a pecadora que a igreja universal tentou impingir a esta tão singular personagem sagrada.

²⁶ ARIAS, Juan. *Madalena: O último tabu do cristianismo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 15

Portanto este estudo contém duas propostas que se associam a partir da palavra *sagrado*, e o sagrado mais evidenciado aqui é o de vertente feminina (não feminista), que se omitiu durante toda a Idade Média até os nossos dias, no entanto está sendo retomado como ponto de equilíbrio no mundo ocidental. E a literatura de Cecília Meireles contribui para este expediente, ou seja, para esta investigação que busca o *sagrado* nos sentimentos abarcados pela literatura. O livro *Cânticos* está carregado de valores espiritualistas com um considerável procedimento feminino. Porém, é importante salientar, este sentimento não se revela de forma direta, buscam-se, nas entrelinhas dos poemas, as vertentes que designam o sentimento feminino no texto ceciliano. Este trabalho poético de Cecília Meireles também será relacionado a outros de vertentes semelhantes. Buscaremos uma relação sentimental e espiritualmente procedente com outros trabalhos poéticos e mitos *sacralizados* por diversas culturas. Neste segmento é válido ressaltar a significância da teoria utilizada como canal de investigação em nossa pesquisa. Trata-se da *Teoria da Residualidade*, elemento por demais relevante que foi idealizado e desenvolvido pelo Dr. Roberto Pontes, membro do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Assim tentaremos, através de variados recursos que esta teoria nos oferece, analisar o texto de Cecília Meireles pelo prisma do sagrado e do feminino.

2. Cecília Meireles: uma poeta que também é profeta

As mulheres, quando amam, põem no amor algo divino. Esse amor é como o sol que é a alma da natureza.(Plutarco)

Cecília Meireles, como mencionamos anteriormente, transpõe a barreira dos gêneros masculino e feminino. É uma autora absurdamente preocupada com o ser humano, seja esse ser mulher ou homem, melhor, é uma poeta que se dispõe a tornar o ser humano algo além de sua estrutura física; o homem e a mulher, em sua poesia, são dotados de espírito, um espírito ciente da condição etérea. A questão do gênero, não como tópico literário, na poesia de Cecília, limita-se ao condicionamento típico da matéria, ao passo que a tendência espiritualista amplia a visão de ser, de existir não só física, mas, acima de tudo, espiritualmente, ou seja, o homem e a mulher não são apenas elementos de sexo diferente,

são, antes de qualquer conceito materialista, entes *sagrados*, que comungam com um plano acima da tacanha concepção do mundo material. Tal procedimento tem a sua base nos conceitos espiritualistas medievais. A poesia de Cecília Meireles em *Cânticos*, obra que nos remete ao passado de vertente espiritualista, tem uma forte fundamentação nas sentenças espirituais da Idade Média, sobretudo no que diz respeito à intensa rivalidade entre *matéria* e *espírito*. É bem sabido que toda essa luta foi, e quem sabe ainda seja, propiciada pelo moralismo ortodoxo dos clérigos católicos durante o período de ascensão e consolidação do Cristianismo – e as Cruzadas nos dão suporte para tal conjectura –, como *religião* predominante no mundo ocidental. Segismundo Spina, em uma consideração que abrange a cultural medieval em seus aspectos literários, nos confia que todo o conjunto de valores, oriundos do paganismo ou das crenças de ordem cristã, tornou-se uma amalgamação de caracteres.

A estrutura social, a influência permanente da Igreja, os sucessivos fluxos migratórios e invasores (germânicos, húngaros, irlandeses e árabes), de altas e complexíssimas conseqüências culturais; a organização política feudal, o fenômeno ecumênico das Cruzadas e a conseqüente contribuição das formas culturais do Oriente (asiática e bizantina); as heterodoxias religiosas e, como substrato disso tudo, a permanência dos resíduos culturais da Antigüidade Clássica atenuada e descaracterizada pela Igreja constituem o pano de fundo de um longo período em que os povos anseiam pela sua unidade política na definição das nacionalidades, e em que os falares românicos procuram superar o latim como instrumento de comunicação oral e escrita.²⁷

Uma observação acerca deste trecho de Spina nos possibilita afirmar que a oralidade, como suporte de repasse de valores estéticos, culturais, políticos, sociais e religiosos, é muito relevante para o que propomos nesta tese. O repasse oral é algo que vem de tempos remotíssimos. Caso consideremos tão somente os textos sagrados judaico-cristãos, constataremos que o Antigo Testamento e, principalmente, todo o Novo

²⁷ SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, pp. 15 e 16.

Testamento sofreram intervenções orais para a sua construção enquanto textos sagrados. Daí a nossa preocupação em afirmar que os valores espiritualistas no livro *Cânticos* sejam remanescentes da Antiguidade amalgamados na Idade Média, e que chegaram aos nossos dias por uma tradição imaterial, o que se justifica, neste livro de Cecília, com a incidência de elementos de livros sagrados dos antigos²⁸.

A peculiaridade deste livro sobre o qual discorreremos, reside na consagração da poeta em profeta. Este aspecto se faz perceber desde o início da obra *Cânticos*. A transformação e conversão da mulher em ser divinizado partem do pressuposto de que não há sexualidade no âmbito do *sagrado*, tanto o homem quanto a mulher estão diametralmente ligados a um meio onde a obrigação material de ser homem ou de ser mulher perde o valor, uma vez que espiritualmente o ser é único. Porém, com a paternalização do *sagrado*, mormente no mundo ocidental, o feminino se ocultou. Neste poema ceciliano, o precioso trabalho feminino busca na Idade Média um motivo para se firmar e afirmar, pois a voz feminina não se aniquilou, apenas se ocultou, por motivos que fingimos não conhecer para não gerar ainda mais intrigas. Um dos tópicos relevantes de nossa pesquisa é o feminino divinizado e, neste livro da escritora Cecília Meireles, a questão da mulher enquanto ser sacerdotal e divino é bem marcante. Historicamente isto pode ser verificado a partir de escritores que se fundamentaram em referências medievais.

O fundamento histórico de nossa proposta está em livros cuja essência se direciona ao modelo espiritualista medieval. Autores como Denis de Rougemont, Jacques Le Goff, Georges Duby, Richard Cavendish – este um especialista em questões sobrenaturais e espiritualistas –, e o medievalista brasileiro Hilário Franco Júnior formam a parte histórica

²⁸ Entende-se por livros sagrados todos os textos de cunho espiritualista que se fazem perceber em congregações religiosas da antiguidade no Ocidente e também no Oriente.

de nossa dissertação tanto no conceito cientificista propriamente dito quanto no religioso-espiritual.

Denis de Rougemont, estudioso da primeira metade do século XX, pode nos ser mais convincente acerca da questão espiritualista ao comparar esta com o *escrúpulo materialista*:

Todos nós, herdeiros do século XIX, somos mais ou menos materialistas. Se nos mostram rudimentos de fatos “espirituais” na natureza ou no instinto, logo julgamos possuir uma explicação para esses fatos. *O mais baixo parece-nos o mais verdadeiro*. É a superstição do tempo, a mania de “reduzir” o sublime ao ínfimo, o estranho erro que toma por causa suficiente uma condição simplesmente necessária. É, também, o chamado escrúpulo científico, do qual precisamos para libertar o espírito das ilusões espiritualistas. Mas não consigo compreender o interesse de uma libertação que consiste em “explicar” Dostoievski pela epilepsia e Nietzsche pela sífilis. Curiosa maneira de libertar o espírito, essa que se “reduz” a negá-lo.²⁹

Nesta passagem o estudioso suíço beira a ironia, se é que não ironiza a conduta de uma análise bastante materialista. Nós, a exemplo de Rougemont, trataremos de não desprezar o materialismo, contudo o apelo espiritualista é o mais relevante nesta tese. Em suma, devemos ser mais espírito do que matéria nesta análise, por ser o livro de Cecília Meireles uma obra que possibilita um estudo de caráter espiritual. E nada como a *mentalidade* medieval para nos assegurar o cerne deste trabalho, uma vez que a espiritualidade na Idade Média era muito acentuada. Mesmo Jacques Le Goff, em livros

²⁹ ROUGEMONT, Denis. *História do Amor no Ocidente*. Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2003, p. 77.

como *Em busca da Idade Média*, *São Luís* e *São Francisco de Assis*, embora criterioso na escolha do material de pesquisa, deixa-se conduzir por questões de ordem espiritual, mormente na biografia do santo que também foi rei de França.³⁰

Cecília Meireles, sabedora que era da herança oitocentista no século XX, conhecia o procedimento patriarcal e materialista que vinha do século XIX e expõe de maneira sublime a feminilidade *sagrada* no poema *Cânticos*. Para tanto se posta como uma sacerdotisa conhecedora dos desígnios divinos, e usa da poesia para testemunhar que a mulher *sagrada* ainda se faz presente em nossos dias. E vai exigir a sua parte em nossas vidas. Talvez isso falte para o equilíbrio da memória coletiva de nosso mundo, principalmente o ocidental.

No que diz respeito ao livro em si, logo de início revela-se o senso de espaço³¹. Está subentendida uma conduta espiritualista centrada na mensagem divina de Jesus: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”, por isso não queiras dividir nem a Terra, nem o Céu, porque estás em tudo e “alcançarás todos os horizontes. Que o teu olhar, estando em toda parte te ponha em tudo”.

Se no primeiro segmento mencionou-se uma questão espacial, o segundo centra-nos na questão temporal. Desta feita, coadunando espaço e tempo, dois elementos que, na concepção meramente material, se opõem. Esta oposição para o espiritualista é inconcebível. Passemos, pois, ao texto, a fim de que se comprovem tais posturas.

Não sejas o de hoje.

³⁰ Nesta biografia, o historiador francês é seduzido mais pelo santo do que pelo monarca. Este é o motivo de considerarmos o personagem santo antes de ser rei.

³¹ Não iremos atribuir notas aos textos de Cecília Meireles retirados do livro *Cânticos*. Uma simples menção é suficiente. A partir daqui, nas transcrições dos textos deste livro de Cecília Meireles, não indicaremos também notas de rodapé.

Não suspires por ontens...
 Não queiras ser o de amanhã.
 Faze-te sem limites no tempo.
 Vê a tua vida em todas as existências.
 Em todas as mortes.
 E sabe que serás assim para sempre.

Para comprovarmos a vertente de profeta neste trabalho de Cecília Meireles, vejamos esta mensagem do Siracides e busquemos associá-la ao livro desta escritora.

Ele sonda os abismos e o coração do homem e lhe conhece os pensamentos, pois o Altíssimo possui toda a ciência e observa os sinais do tempo. Manifesta o passado e o futuro e revela as coisas ocultas. Nenhum pensamento lhe escapa e nenhuma palavra lhe é oculta. Dispôs em ordem as maravilhas de sua sabedoria, porque ele é o mesmo antes dos séculos e para sempre; (...) Tudo isso vive e permanece eternamente, adaptado a toda a necessidade; e tudo lhe obedece.³²

Relacionando o texto de Cecília ao texto bíblico, perceberemos algumas semelhanças, principalmente em relação ao elemento *tempo*, que é visto em ambos como uma simples criação humana e não divina. Deus nos fez para a eternidade: esta é a mensagem contida.

Os textos seguintes são confirmações do que se disse nos dois primeiros. Por isso passaremos aos versos que se seguem, a fim de que se estabeleça uma analogia entre corpo e espírito. Sendo este elemento a verdadeira amplitude do ser. O espírito é o sopro que se amplia para a vida eterna.

Esse teu corpo é um fardo.
 É uma grande montanha abafando-te.
 Não te deixando sentir o vento livre
 Do infinito.
 Quebra o teu corpo em cavernas
 Para dentro de ti rugir
 A força livre do ar.
 Destrói mais essa prisão de pedra.
 Faze-te recepo.
 Âmbito.
 Espaço.

³² SIRACIDES, 42: 18 a 23.

Amplia-te.
Sê o grande sopro
Que circula...

Estes versos revelam que o indivíduo enquanto matéria é limitado em todos os seus sentidos. Mas, ao ter consciência disto, perceberá que é capaz de se expandir em todas as direções. O espiritualismo aqui se justifica amplamente com a passagem “Sê o grande sopro / Que circula...”, porque só o espírito pode circular em todas as direções, o que pode ser comprovado pela presença da aposiopese em seu final. Importante que se ressalte a questão espiritualista a partir de uma conduta *sagrada*. O espiritualismo pertinente ao texto é de alguém que já transcendeu, está além de um mero corpo material. É o ser que se expande e detém os sentidos que o espírito tem, que é o de ser onipresente. O vagar pelas dimensões transcendentais é puramente de uma profeta.

Sobre a questão do espiritualismo encontramos a resposta mais racional no *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, vejamos, pois, o que nos diz o teórico francês.

Para as coisas novas necessitam-se de palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos. As palavras **espiritual**, **espiritualista**, **espiritualismo** têm uma aceção bem definida: dar-lhes uma nova para as aplicar à doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem crê haver em si outra coisa que a matéria, é espiritualista. Mas não se segue daí que crê na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras **espiritual**, **espiritualismo**, empregamos para designar esta última crença as de **espírito** e de **Espiritismo**, das quais a forma lembra a origem e o sentido radical, e que, por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra **espiritualismo** a sua aceção própria.³³

Muitos versos deste livro de Cecília Meireles apresentam a vertente espiritualista evidenciada por Kardec. Esta mentalidade não é típica da Doutrina Espírita. Tal postura

³³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Araras-SP: IDE, 97ª edição, 1995, p. 9. Os grifos são do próprio Allan Kardec.

pode ser encontrada nos mais diversos compêndios religiosos, principalmente, nos do Oriente, próximo e extremo.

No texto seguinte, Cecília procura ironizar o medo da morte: “Tu tens um medo: / Acabar”. Esta postura é pertinente ao mundo ocidental, e oriunda dos textos transcritos no Velho Testamento, como em Siracides: “Sobre todo ser vivo pesa sentença de morte”. A ironia se acentua com o verso “Não vês que acaba todo o dia”. Os textos seguintes a este texto indicam dúvidas sobre o amor, o mundo e o próprio ser. Entretanto há um que começa com uma afirmação: “Este é o caminho de todos que virão”. O pronome que inicia o verso explicita que o caminho é conhecido pelas duas vozes presentes. E que tanto a primeira voz, isto é, a que envia a mensagem, como a segunda voz, a que recebe, têm consciência do que está para acontecer.

Com eles não poderás impedir
Que passem, os que terão de passar,
Nem que fiques de pé,
Na mais alta montanha,
Com os teus braços em cruz.

Outro fragmento que merece ser transcrito em sua totalidade é o XII. Este texto é uma paráfrase salomônica, uma vez que há elementos de pura sabedoria lingüística e espiritual. E onde Cecília Meireles haveria de obter este discernimento senão em textos *sagrados*? Observemos o texto e estabeleçamos uma comparação com o texto bíblico.

Não fales as palavras dos homens.
Palavras com vida humana.
Que nascem, que crescem, que morrem.
Faze a tua palavra perfeita.
Dize somente coisas eternas.
Vive em todos os tempos
Pela tua voz.
Sê o que o ouvido nunca esquece.
Repete-te para sempre.
Em todos os corações.
Em todos os mundos.

Estes versos podem dialogar com estas palavras do livro bíblico da Sabedoria:

Guardai-vos de vã murmuração, guardai a língua da maledicência: pois nem a mais leve palavra fica sem castigo e a boca mentirosa mata a alma.³⁴

A língua da maledicência profere palavras dos homens, por isso é importante não falar as palavras dos homens, porque a boca mentirosa mata a alma, procura exterminar com o espírito. Esta conscientização da espiritualidade é uma das mais belas atitudes do texto poético. E Cecília Meireles, como bem poucos, faz, com tamanha simplicidade, uma convergência entre poesia e profecia.

Outro aspecto presente no livro de Cecília está no texto onde se sentencia que o ser deve constantemente se renovar, “Renascer em ti mesmo”. Os membros que tocam e os olhos que vêem não são, pois, necessários à vista espiritual, já que a visão do espírito contém muitos olhos. Já um outro texto fundamenta-se na questão da riqueza material, a qual é desnecessária para o espírito. Esta conceituação engaja-se na seguinte passagem do Novo Testamento:

Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os consumirão, onde os ladrões os desenterram e os roubam; acumulai tesouros no Céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os consumirão; onde os ladrões não penetram nem roubam, pois onde está vosso tesouro, está o vosso coração.³⁵

A postura cristã quanto ao que se acumula ou não na Terra é questionada até os nossos dias. Mas coube a um homem rico, Francisco de Assis – o jogral de Deus, como diz um verso de Cecília no *Pequeno Oratório de Santa Clara* –, na Baixa Idade Média, consolidar o que o Cristo falara a respeito da riqueza, pois “é dando que se recebe”. O

³⁴ SABEDORIA, 1: 11.

³⁵ MATEUS, 6: 19 a 21.

único bem que é teu é a riqueza do espírito, a qual pode ser entendida, também, como sabedoria. Então, a verdadeira riqueza emana do espírito, verdadeiro sábio. Estes versos são, em nosso entendimento espiritualista, os mais conceituados em *Cânticos*. E a conduta de Cecília nos versos chega a ser sublimada pela autêntica mensagem carregada de louvor e testemunho. E prossegue a profecia. Outro texto de destaque é o que se segue:

Tu ouvirás esta linguagem,
Simples,
Serena,
Difícil.
Terás um encanto triste.
Como os que vão morrer,
Sabendo o dia...
Mas intimamente
Quererás esta morte,
Sentindo-a maior que a vida.

Mais uma vez aparece a aposiopese no texto de Cecília. As reticências são recursos que, além de darem continuidade a uma idéia, também a obscurecem, tornando-a um tanto quanto misteriosa. Tom de mistério é o que não falta à obra desta escritora. Estes versos condizem com a seguinte assertiva de Salomão: “O justo, embora morra cedo, acha repouso”. O justo sabe da proximidade da morte e entende que esta não é o final, mas um começo, por ser a morte maior que a vida, uma vez que aquela não é o fim da vida, da verdadeira vida, mas a continuidade de uma existência eterna.

O tema da morte vem de um tempo remoto. Entretanto foi na Idade Média quando se encontrou um certo repúdio devido à devastação que se configurou por meio da *peste*. A partir de então a morte foi conceituada como algo nocivo à vida. Como fundamentação para esta parte, vejamos o que nos diz Segismundo Spina a respeito desta tematização:

O tema da Morte nasce literariamente em fins do século XII, mas adquire caráter verdadeiramente epidêmico no século XV, em que a Morte ocupa obsessivamente a consciência dos homens, invadidos pelo desespero e pelo ceticismo de uma época devastada pela peste, pela miséria e pela fome.³⁶

Jacques Le Goff, de maneira muito peculiar, expõe a questão da *morte* na Idade Média. Atribui ao Cristianismo toda e qualquer vertente relativa a esta temática tão antiga e tão arraigada à vida de homens e mulheres.

Contrariamente à nossa época, quando o medo parece estar focalizado na dor e na agonia, o maior temor dos homens da Idade Média era a morte súbita. Com uma morte precipitada, corria-se o risco de morrer em estado de pecado mortal e, assim, reforçavam-se as chances de ser condenado ao inferno. Como ensina o Evangelho de Mateus, no fim dos tempos, quando do Juízo Final, Deus separará os maus dos justos. De um lado, os “bodes” irão encontrar o caldeirão do diabo e o fogo eterno do inferno, de outro, as “ovelhas” serão conduzidas ao jardim do paraíso. A conduta da vida determina o destino após a morte. Aos pecadores, o inferno; aos piedosos, o paraíso. As mulheres e os homens da Idade Média são invadidos por esse pensamento, por esse horizonte celeste ou funesto.³⁷

No entanto, para aqueles que entendem que a vida não se restringe à vestimenta corporal, morrer súbita ou lentamente não é a última coisa que acontece à vida. Tal entendimento é comum em textos de cunho filosófico-espiritual, mas também em literaturas de altíssimo nível como esta que agora comentamos.

Ainda sobre a tematização da morte, vejamos o que nos informa Allan Kardec, quando confirma que a verdadeira vida não é a do plano terreno, mas sim a do plano superior ou espiritual.

A vida espiritual é, de fato, a verdadeira vida, é a vida do Espírito. Sua existência terrena é apenas transitória e passageira, espécie de morte, se compararmos ao esplendor e a atividade da vida espiritual. O

³⁶ SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, pp. 57- 8.

³⁷ LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Tradução de Marcos Flaminio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 127-8.

corpo é apenas uma vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeira cadeia que o prende à gleba terrena e da qual fica feliz em se libertar.³⁸

As palavras do pensador francês são precisas quanto a este aspecto da vida humana. Na poesia de Cecília Meireles, mormente em *Cânticos*, encontramos resíduos desta mentalidade espiritualista. Não pretendemos de forma alguma, com isso, afirmar que a autora fosse uma seguidora do Espiritismo, contudo, elementos da Doutrina Espírita se estabelecem fortemente nas entrelinhas do texto de Cecília em *Cânticos*. Os versos seguintes, ou seja, o texto XVII, é um exemplo bastante pertinente à questão espiritual, por isso o seu comentário pode ser o que fez Allan Kardec na questão da existência do corpo e do Espírito. Destacaremos aqui uma passagem que exemplifica uma conduta espiritualista.

E eles compreenderão que a alma pesa.
Que é um segundo corpo,
E mais amargo,
Porque não se pode mostrar,
Porque ninguém pode ver...

Não se pode ver com olhos que a terra come, mas pode-se ver com uma visão mais aguçada, mais espiritualizada. E a alma pesa para aqueles que temem deixar o corpo, achando que a alma carregará os estigmas da matéria. Esta revelação de Cecília Meireles em *Cânticos* é exageradamente espiritualizada.

Passemos agora a outros versos deste significativo trabalho de Cecília Meireles e comparemos os seus ensinamentos a este do Cristo apresentado pelos evangelistas na passagem:

Chegando a casa, lá reuniu-se uma multidão tão grande de pessoas que nem mesmo puderam completar sua refeição. Quando seus

³⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo: contendo a explicação dos ensinamentos morais do Cristo; em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida*. São Paulo: Petit, 1997, p. 238.

parentes ouviram isto, saíram para o prender, pois diziam: Ele tinha perdido o espírito.

Entretanto, sua mãe e seus irmãos chegaram, ficando do lado de fora, e o mandaram chamar. O povo estava sentado ao seu redor, e disseram-Lhe: Vossa mãe e vossos irmãos que estão lá fora vos chamam. Mas Jesus lhes responde: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E olhando para aqueles que estavam ao seu redor: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois quem quer que faça a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.³⁹

O texto de Cecília pode ser considerado um repasse de mentalidade espiritual e conhecimento filosófico que se fundamenta nos textos sagrados e em suas descodificações, principalmente a do Espiritismo estabelecida por Allan Kardec. Porém é importante ressaltar que não existe uma intenção nitidamente kardecista nos cânticos da autora, as mentalidades espirituais se configuram em diversificada gama de textos de caráter espiritualista, como ocorre a seguir nesta comparação entre o texto ceciliano e um fragmento bíblico.

Comparemos agora o texto bíblico acima transcrito ao seguinte canto *ceciliano*, a fim de que possamos cada vez mais atestar o nosso propósito, isto é, que Cecília Meireles merece a alcunha de *profeta*.

Não digas: Este que me deu corpo é meu Pai.
Esta que me deu corpo é minha Mãe.
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram
Em espírito.
E esses foram sem número.
Sem nome.
De todos os tempos.
Deixaram o rastro pelos caminhos de hoje.
Todos os que já viveram.
E andam fazendo-te dia a dia
Os de hoje, os de amanhã.
E os homens, e as coisas todas silenciosas.
A tua extensão prolonga-se em todos os sentidos.
O teu mundo não tem pólos.
E tu és o próprio mundo.

³⁹ MARCOS, 3: 20 e 21, 31 a 35; MATEUS, 12: 46 a 50.

Para concluir esta breve apreciação⁴⁰ de *Cânticos*, atentemos para o último texto deste livro formidável. Nele Cecília fecha a sua trajetória filosófico-espiritual com *chave de ouro*. Estes versos são uma autêntica renúncia ao mundo físico. E a consolidação do espírito, o elemento que contém a verdadeira sabedoria. Nestes versos, a poeta recorre à função conativa para concluir, e não deixar dúvidas, o tema que predomina em toda a obra: o verdadeiro conhecimento está no Espírito, assim mesmo, com inicial maiúscula, que é para reverenciar, como bem atesta Cecília, este elemento tão pouco alimentado por nós seres que insistem em morrer. Mas a morte para o espírito é começo de uma nova trajetória que irá se concluir a partir de vários retornos do espírito ao mundo material.

Sê o que renuncia
Altamente:
Sem tristeza da tua renúncia!
Sem orgulho da tua renúncia!
Abre a tua alma nas tuas mãos
E abre as tuas mãos sobre o infinito.
E não deixes ficar de ti
Nem esse último gesto!

Estas afirmações acerca de alguns textos do livro *Cânticos*, de Cecília Meireles, nos possibilitou aprofundar o assunto espiritual na obra da poeta. Portanto são registros daquilo que se verificou a partir de uma leitura espiritualista. Aqui procuramos confrontar e justificar a conduta da autora com textos que revelam a mentalidade religiosa. Textos de obras como o Velho e o Novo Testamentos. Mas também recorreremos a livros que procuram explicar as condutas espirituais do ser, isto é, livros que descodificam as questões religiosas.

⁴⁰ Nesta parte apenas nos limitamos à questão da vertente bíblica em Cecília Meireles, ou seja, procuramos associar alguns textos de *Cânticos* a textos de ordem judaico-cristã, para justificarmos a alcunha *profeta* a Cecília Meireles.

Literatura e Religião são manifestações que mais se associam do que propriamente se dissociam. E por Religião não se devem entender dogmas, o que é bastante diferente, pois o dogma é uma imposição feita pelo homem, enquanto que Religião, em nosso entendimento, é pura revelação de algo que as ciências físicas não puderam ainda explicar. Talvez o nome não seja bem *religião*, mas sim *espiritualismo*, que é a valorização da essência do ser (o Espírito) em detrimento de sua parte grosseira (o corpo físico).

A autora de *Cânticos* nos proporciona uma leitura que se aprofunda nos valores espirituais. Não tentando buscar as questões biográficas, mas, simplesmente, os aspectos textuais e historiográficos, esta passagem do nosso trabalho procura evidenciar o que existe de mais significativo na obra desta poeta em termos espiritualistas. Cecília é poeta por ser profeta, pois revela um plano ainda indecifrável para muitos.

O livro *Cântico* pode ser lido, em nosso entendimento, dentro de uma tendência que alia Literatura e Espiritualismo. Não queremos afirmar com isso que a obra de Cecília Meireles seja uma releitura de mensagem de auto-ajuda, algo que vem sendo difundido de forma desordenada em nosso meio literário. Mas, sim, dizer que a produção desta escritora de primeira grandeza nos possibilita uma leitura dentro do universo da espiritualidade, à proporção que comparamos os seus escritos com textos de grandeza espiritualista e historiográfica como os que aqui se mencionam.

Portanto, sem querer estereotipar o livro *Cânticos*, podemos confiar que este livro de Cecília é tão sublime quanto qualquer mensagem de teor filosófico-espiritualista. É uma visão metafórica do mundo invisível ou imaginário que só os poetas da magnitude de Cecília Meireles são capazes de revelar, devido ao dom da profecia.

2.1. A Paixão pelo Sagrado

Os fenômenos mágicos não são contrários à Natureza, mas contrários à representação ou à idéia que fazemos da Natureza. (Santo Agostinho)

A presença de aspectos espiritualistas em textos de caráter literário é marcante na Literatura brasileira. No entanto, em Cecília Meireles, essa característica é bastante peculiar, uma vez que, nos textos de ordem espiritualista – *Cânticos* –, a presença do sagrado ou a procura por este se verificam em todos os textos, o que nos possibilita fazer uma afirmação categórica: existe uma verdadeira paixão de Cecília pelo *sagrado* em seus versos no livro *Cânticos*.

Mircea Eliade nos diz que o *sagrado* está em todas as épocas e nos espaços habitados material ou espiritualmente; e que não existe uma determinação natural quanto à designação deste aspecto religioso. Vivenciá-lo é o que mais há de necessário, com isso, o mundo material é um espaço contido no *sagrado*, e o *sagrado* nos cerca em todos os sentidos, uma vez que somos parte dele; vejamos o que nos diz o teórico acima mencionado:

Uma das características proeminentes das sociedades tradicionais é a oposição que elas estabelecem entre o território que habitam e o espaço desconhecido e indeterminado que o circunscreve. O primeiro é o Mundo (mais precisamente, “o nosso mundo”), o cosmo; tudo que está fora dele já não é o cosmo mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço alienígena, caótico, povoado de fantasmas, demônios, “estrangeiros” (que são iguais a demônios e às almas dos mortos). O mundo é um universo dentro do qual o sagrado já se manifestou.⁴¹

A palavra *sagrado* por si já denota um preceito sobrenatural, algo que foge à análise de ordem científico-positivista⁴². Logo o nosso estudo busca uma linha de análise mais voltada para os modelos espiritualistas. E nossa fundamentação está centrada em muitos mitos medievais, pois entendemos que neste período histórico a conduta espiritual se fez presente como em nenhum outro, para tanto a Idade Média recorreu a um modelo teocêntrico de conduta social, política e, principalmente, religiosa. Não pretendemos com isso diminuir a pesquisa do estudioso supracitado que abrange o conceito de *sagrado* nas mais variadas eras e culturas, porém entendemos a Idade Média como um marco religioso em todos os segmentos a que o ser humano recorre. Marco este capaz de fazer ou descaracterizar os seres, conforme o ritual católico, santificados. Isso ocorreu com Maria Madalena, mulher seguidora de Cristo que se submeteu a um verdadeiro martírio póstumo, a uma proscrição jamais vista na história do mundo ocidental. Mas este assunto ficará para tópicos posteriores, onde abordaremos o esquecimento do *sagrado feminino*, representado e mistificado com esta personagem da história do Cristianismo, bem como a retomada deste fundamento cristão que se autentica com a presença de mulheres na vida do homem divino.

O homem e a mulher são seres sacramentados, pois a sua verdadeira essência está centrada nos elementos de caráter espiritual. A matéria biológica não passa de um modelo

⁴¹ ELIADE, Mircea. *O Conhecimento do Sagrado de todas as Eras*. Tradução de Luiz L. Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1995, p. 107.

⁴² Vertente teórica muito cultivada em fins do século XIX e que, curiosamente, insiste ainda se fazer presente em nossos dias. A conduta cientificista, modelo materialista do século XIX, não é objeto metodológico de nossa pesquisa, ainda que tenhamos em nossas fontes alguns estudiosos inseridos nesta linha de investigação.

utilizado pelo espírito com o propósito de se manifestar, melhor, animar. O espírito é a entidade que direciona todo o sentido de vida dos seres animados. O homem é apenas um desses seres, mas com uma particularidade, ele apresenta em sua animação discernimentos que vão além dos instintos. O discernimento humano não se tipifica tão somente na matéria biológica, faz parte dela, contudo não deve ser condicionado a servi-la em seus caprichos. Quem nunca pensou em algo que fez e não se lembra de como procedeu para finalizar o trabalho feito? Esta indagação nos remete ao conceito do *caminho sagrado* pregado por Carl Jung, nas assertivas do consciente e inconsciente, em texto organizado por Richard Cavendish.

A psicologia que emergiu – muito aos poucos, e com muito tatear em busca do caminho – foi descrita por Jung como *Heilsweg*. A palavra alemã incorpora duas acepções: um método de tratamento e “um caminho sagrado”. O mapa da psiquê desenhado por Jung baseava-se numa divisão entre consciente e inconsciente: o inconsciente pessoal era, por assim dizer, um galho da árvore do inconsciente coletivo.⁴³

Contudo o nosso caminho não tem o conceito dentro dos paradigmas da Psicologia ou da Parapsicologia. Recorremos a Jung com o objetivo da organização ideológica da *alma* no caminho do *sagrado*. Entendemos, por assim dizer, que o despertar feminino se aproxima mais da consolidação do *sagrado*, e isso está presente no texto espiritualista de Cecília Meireles, como bem se verifica nos versos que se seguem:

O teu começo vem de muito longe.
O teu fim termina no teu começo.
Contempla-te em redor.
Compara.
Tudo é o mesmo.
Tudo é sem mudança.
Só as cores e as linhas mudaram.
Que importa as cores, para o Senhor da Luz?
Dentro das cores a luz é a mesma.
Que importa as linhas, para o Senhor do Ritmo?

⁴³ *Enciclopédia do Sobrenatural: magia, ocultismo, esoterismo, parapsicologia*; org. Richard Cavendish. Tradução de Alda Porto e Marcos Santarita. Porto Alegre: L&PM, 1993, p. 119.

Dentro das linhas o ritmo é igual.
 Os outros vêem com os olhos ensombrados.
 Que o mundo perturbou,
 Com as novas formas.
 Com as novas tintas.
 Tu verás com os teus olhos.
 Em Sabedoria.
 E verás muito além.

A afirmação presente nos primeiros versos, já nos proporciona várias conjecturas, sendo todas de questionamento filosófico-espiritual: o que é o começo? Se ele vem de muito longe, como partimos, então, dele? Se o fim é o começo, então, partimos do fim? As respostas podem corresponder ao ciclo que se renova a cada vivência, pois temos em matéria corporal, conforme uma tendência espiritualista, vivências, e não vidas, porque a vida pertence à eternidade, e esta é espiritual, não é material. Como o início está no fim, e este está no início, logo não existe um fim, o que existe é recomeço. E o começo vem de longe, porque somos e temos vida eterna por sermos seres essencialmente espirituais, porém, materialmente, tendemos a ser espiritualizados, segundo a consciência individual. É um jogo simbólico que parece sem explicação, e não tem mesmo explicação, o que há é uma causa sacramentada.

No que diz respeito a esse ciclo que se fecha, abre-se e, assim, renova-se, transcrevemos aqui um mito designado *O Mundo Sagrado: os Dayaks, de Bornéu*, retirado da obra de Mircea Eliade. Este mito em muito se aproxima do texto de Cecília Meireles, porém, antes de sua transcrição, é válido atentar para a questão da *morte*. No mito mencionado, a *morte* é vista como algo que acontece ao indivíduo com o intuito de elevá-lo ainda mais ao estágio divinizado, mas também é capaz de exterminá-lo, no mais importante aspecto que esta temática pode gerar, a escatologia, caso o homem não saiba aproveitar as oportunidades, acabando, por assim dizer, aniquilado, adquirindo, desta feita, o fim

absoluto, ou a sorte de vaguear sem consciência do que seja, espírito ou ser encarnado. Já no texto de Cecília, não existe espaço para o fim absoluto; o que ocorre é uma intensa renovação, tendência muito próxima do símbolo da serpente que aparece na seguinte passagem:

A área habitada pelo povo sagrado é a terra sagrada. Foi dada a ele pela divindade, que a formara dos restos do sol e da lua. Jaz no meio das águas primordiais, entre o Mundo Superior e o Mundo Inferior, e está assentada no dorso da Cobra-d'água. É limitada pela cauda levantada e pela cabeça da deidade do Mundo Inferior. Também encontramos nos mitos a idéia de que o mundo está contido em um círculo formado pela Cobra-d'água mordendo sua própria cauda. O mundo é assim amparado e envolvido pela divindade; um homem vive sob a proteção dela, na paz divina e no bem-estar.⁴⁴

E o homem (mulher) é também uma divindade, uma vez que faz parte do plano esboçado pelo Ser Supremo. No Cristianismo se diz que o homem (mulher) é a imagem e semelhança de Deus, e que o próprio Deus se fez carne para convencer os homens (mulheres) disto, portanto os mitos se entrelaçam, formando uma teia de costumes e culturas sacras para bem afirmar que tudo é parte de um todo estendido por todo o universo. Deve-se entender por universo o mundo que ao homem (mulher) foi concedido. E o ser carnal comunga com o Ser Supremo através de sua própria condição de criatura que faz parte do criador, a que os mitos judaico-cristãos denominam Deus. Continuando com o mito expressado por Eliade:

O homem vive na terra sagrada e divina da Mahatala e Jata. As montanhas da terra sagrada elevam-se até o Mundo Superior. A divindade desce até essas montanhas e ali encontra-se com os homens e lhes dá seus presentes sagrados. O homem vive na terra sagrada em comunhão com as deidades supremas.⁴⁵

⁴⁴ ELIADE, Mircea. *O Conhecimento do Sagrado de todas as Eras*. Tradução de Luiz L. Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1995, pp. 107.

⁴⁵ Idem.

E o homem (mulher) é uma divindade, caso não seja, entrando em contato direto com o Ser Supremo, atingirá esta condição. O homem (mulher) foi feito para a supremacia, é o ser mais próximo da divindade, uma vez que tem afinidades com ela. Prosseguindo o mito, pode-se observar uma particularidade entre ele e o Gênesis, primeiro livro judaico-cristão, no que diz respeito à presença duma serpente, bem como a condição dos primeiros seres humanos. A serpente no livro judaico-cristão é perniciosa, enquanto no mito a ser comentado, é o símbolo de superioridade.

O mundo apresentado no mito pertence ao povo sagrado que é a própria humanidade, conforme a passagem que se segue:

O mundo e a humanidade (*kalunen*), ou o homem como parte desta humanidade, são sinônimos, e o mesmo termo *kalunen* é empregado para ambos. O mundo nada mais é do que a terra sagrada, e esta é habitada pelo povo sagrado.⁴⁶

O povo é sagrado porque habita a terra sagrada. O homem (mulher) tem o seu destino traçado e condicionado a ser um ente supremo. Porém a entidade a que se destina o homem (mulher) não é alcançada no mundo material, encontra-se no plano Superior que é a verdadeira habitação da deidade, e a humanidade deve disto se conscientizar, pois:

A verdadeira aldeia natal da humanidade não é deste mundo: é Batu Nindan Tarong, no Mundo Superior. O homem habita neste mundo apenas durante certo tempo que lhe é “emprestado”, e quando este se acaba e o homem está velho, ele volta para seu lar original e lá fica para sempre.⁴⁷

O mundo material é um empréstimo ao homem (mulher). Este(a) permanece nele apenas o período que lhe é concedido para a sua evolução espiritual. O espírito, que é verdade, ao atingir a sublimação, ficará para sempre no plano que lhe é pertinente. A vida material serve como provação de seu caráter, de sua personalidade, de sua elevação, é, portanto, um período de tribulações; se suportar e superar a todas as provas, chegará ao

⁴⁶ Idem, p. 108.

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

estágio supremo, sendo, pois, uma divindade. Não necessitando mais do plano material, ficará para sempre no “lar original”. E ao “lar original”, como se deve chegar? Através da passagem da morte. Morrer não é o final absoluto, trata-se do retorno à verdadeira existência, é uma idéia muito parecida com os preceitos judaico-cristãos, porém não há uma influência direta deste, visto que, conforme pretendemos afirmar, pela *Teoria da Residualidade*, os mitos e os símbolos sagrados são os mesmos, porque eles partem de uma mesma idéia, culminando em uma conjunção de valores. A morte, no mito estabelecido em Eliade, é o caminho do retorno ao verdadeiro lar ou “lar original”, segundo o que se observa em:

Morrer não significa tornar-se morto; morrer é *buli*, quer dizer voltar para casa. Esta idéia nada tem a ver com qualquer influência cristã; é um antigo conceito dayak que é inteligível em relação aos eventos sagrados e ao modo de pensar ligado a esses eventos.⁴⁸

O Cristianismo tomou por empréstimo muitos mitos associados ao retorno do ser para o mundo espiritual. Isso não se deve à questão de autenticidade sacra, trata-se de uma questão muito além dos preceitos religiosos, está, por assim dizer, amalgamado no espírito humano. Faz parte de toda uma existência⁴⁹.

É preciso também observar neste mito o valor e a força literária de seus cânticos. Tais formas são apropriadas às mulheres, que nunca saíram de seu lugar, por entenderem que o mundo é toda a aldeia que as cerca. A beleza poética expressada nos cânticos possibilita uma descrição *in loco* do que se chama *mundo*. A aldeia é o mundo conhecido e suficiente para a existência de todos, uma vez que a mãe divina estará sempre a protegê-los(as) dos perigos, como se pode ver no seguinte trecho transcrito:

⁴⁸ Idem, ibidem.

⁴⁹ Para um esclarecimento mais apropriado, buscar a teorização, à luz do Espiritismo, professada por Allan Kardec.

A descrição da aldeia e do mundo em mitos e em cânticos sacerdotais tem força e beleza poéticas. Existem pessoas velhas, mulheres principalmente, que nunca saíram de sua aldeia; (...) A paz, a segurança, a felicidade e a boa vida só se encontram na aldeia natal de cada um, no mundo de cada um, onde se é protegido pela divindade, rodeado pela Cobra-d'água primitiva e maternal, onde se descansa sobre o corpo dela e se é protegido pela cabeça e a cauda dela.⁵⁰

A Cobra-d'água é mãe e protetora do mundo. Ela é a *sabedoria espiritual* para que se viva de forma completa, tendo o espírito, após a morte, o seu lugar garantido, pois seguiu aos preceitos da grande mãe. O mito representa a condição do(a) homem (mulher) na vida material, caso ele(a) o siga sem restrições, terá uma vida eterna em perfeita harmonia, caso não, os delinqüentes terão a solidão e o desamparo em terras de “mau agouro”. Deus não lhes deve nenhuma satisfação, uma vez que lhes concedeu todas as oportunidades de reabilitação, porém sem ser ouvido e obedecido. Portanto o castigo chega, e esses homens (mulheres) terão que suportar um terrível destino: o de não mais ter contato com a terra sagrada. Vagueiam sem direção por regiões inóspitas e não têm ciência que existem. Uma terrível situação.

Pessoas que tiveram morte aterradora jazem fora da aldeia, e é aqui que os criminosos são sepultados, isto é, aqueles que são excluídos do povo sagrado pela comunidade e até pela própria divindade. Não repousam entre o povo sagrado, na terra sagrada, nem ficam circundados, na morte, pela Cobra-d'água; são sepultados em solo profano. Deus e o homem já não têm mais nada a ver com eles, dos quais se separam para sempre. Essas pessoas são afastadas para a solidão e o desamparo, banidas para regiões de mau agouro.⁵¹

⁵⁰ ELIADE, Mircea. *O Conhecimento do Sagrado de todas as Eras*. Tradução de Luiz L. Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1995, pp. 108.

⁵¹ Idem, p. 109.

A terra sagrada faz parte da existência do homem (mulher). Este que seguiu à risca os mandamentos da divindade. O ser obediente, e provedor de sua vida espiritual, tem a condição de habitar para sempre em ambiente sagrado. Deus não se esquece daqueles que o têm como o exemplo maior. Assim dará aos seres conscientes de seus atos de benevolência uma vida eterna carregada de luz, paz e harmonia. A terra sagrada, além de ser o homem (mulher) de bem, faz parte da divindade, é a própria divindade e representa tudo que existe de importante e de bom, como bem se verifica no trecho final do mito expresso e comentado por Eliade em seu renomado trabalho de pesquisa que envolve a questão do sagrado.

A terra sagrada é a terra da divindade. Não foi apenas criada e mantida pela divindade; ela é a própria divindade e representa a totalidade do Mundo Superior e do Inferior, de Mahatala e Jata. O homem vive não apenas na terra divina, não apenas na paz da divindade, mas efetivamente na divindade, pois a terra sagrada é uma parte da Árvore da Vida; foi criada do sol e da lua, que ladeiam a árvore e que provieram da Montanha do Ouro e da Montanha das Gemas, e, portanto, da divindade total.⁵²

Resolvemos transcrever este mito com o intuito de compará-lo aos versos da poeta. No texto desta percebe-se a riqueza de símbolos sugerindo o sentimento feminino acerca do universo. O todo está em cada um, desde que se tenha plena consciência de sua tarefa no plano material. No mito apresentado por Mircea Eliade, a figura feminina é representada por uma serpente, que dita os desígnios dos homens. A mulher de carne e osso não é referendada neste mito, apenas aquela que emana poesia e valores relacionados ao espírito, mas existe uma causa para isso: a figura feminina está acima de todos, visto ser

⁵² Idem, pp. 109 e 110.

representada pela entidade materna da *Cobra-d'água*. Outro aspecto pertinente entre o texto de Cecília e o mito da *Cobra-d'água* é a visão de que a matéria (corpo físico) é o abrigo para que o espírito se desenvolva e comungue com o todo sagrado. Em Cecília, observa-se uma sublimação que extrapola o conceito de matéria puramente física; é um texto espiritualista em altíssimo nível, posto ser comparado com outros de mesma ordem e de vários segmentos religiosos. E o que mais aproxima ambos os textos é a procura da confirmação de que o ser humano é uma figura divina, portanto, sagrada. E isso atesta que há mais similitude do que diferença entre os textos propriamente ditos, pois a defesa maior é a presença do *sagrado* em nossas vidas, esta a qual vivenciamos, e a outra em que iremos eternamente viver.

Considerando-se apenas o texto da poeta, é importante destacar a retomada do mito, do símbolo sagrado não como uma referência cultural ou até mesmo textual, mas algo que se arraigou em nossa tradição e memória coletiva, por conta de um repasse de mentalidades vivo e ativo, principalmente quando esteve em evidência na Idade Média, tempo em que muitos mitos sagrados foram cantados em verso e prosa.

Os versos de Cecília Meireles tendem a uma concepção barroca, mas tudo apresenta uma lógica, caso sigamos o caminho que ainda não foi ensombrado pela perturbação mundana. Aqui este termo se aplica a uma composição materialista. A fusão de elementos dá sentido ao que se pretende consolidar de acordo com uma visão essencial da vida. Assim o paradoxo⁵³ se consolida no instante em que os olhos se abrem verdadeiramente, enxergando-se em *Sabedoria*, emanada pelo espírito, que enxerga muito além, enxerga tudo, pois tem olhos para ver e distinguir.

⁵³ A fusão de aspectos antagônicos entre si.

Chama-nos a atenção as expressões *Senhor da Luz* e *Senhor do Ritmo*, pelos substantivos estarem grafados com letra inicial maiúscula, o que sugere a formação da vida em imagem e som, proposta conceptista que nos remete aos ideogramas espiritualistas do período barroco, os quais, por seu turno, nos conduzem à visão teocêntrica do mundo medieval.

Tudo, explanado nos últimos parágrafos, se prende a uma análise extremamente espiritualista. Há uma sensibilidade espiritual aguçada pela observação feminina, uma postura muito semelhante ao que faziam as primeiras sacerdotisas cristãs, como se verifica neste comentário de Elaine Pagels:

Isso é um desenvolvimento extraordinário, se considerarmos que nos seus primeiros anos o movimento cristão mostrou ter uma abertura extraordinária para a mulher. O próprio Jesus violou a convenção judaica ao falar abertamente com as mulheres, e as incluía entre os seus companheiros. Até mesmo Lucas, no Novo Testamento, conta a resposta de Jesus quando Marta, sua anfitriã, reclama por estar fazendo sozinha todo o trabalho de casa enquanto Maria estava sentada escutando-o: “Não se importa por minha irmã me deixar servindo só? Diga-lhe, então, para ajudar-me.” Mas, em vez de apoiá-la, Jesus repreende Marta por ficar tão ansiosa com isso, e declara que “uma só coisa é necessária: Maria escolheu uma boa parte, que não lhe será tirada”. Dez a vinte anos após a morte de Jesus, certas mulheres tinham posição de liderança em grupos cristãos locais; agiam como profetas, professoras e evangelistas.⁵⁴

Os versos de Cecília Meireles *Tu verás com os teus olhos. / Em Sabedoria. / E verás muito além* parecem de um raciocínio fortemente atrelado à cosmovisão feminina. A evidência encontra-se na escritura da palavra *Sabedoria* com inicial maiúscula. Não há quem afirme que a expressão tende mais ao masculino do que para o feminino, porque a própria palavra pertence ao gênero feminino. Entretanto nos versos não acontece a questão de gêneros, mas de conduta sagrada, típico das profetisas medievais cristãs.

Como bem informa, retomando Jung, Cavendish, é válido afirmar que:

⁵⁴ PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnóstico*. Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 68.

O *Heilsweg* era um caminho de *individuação* – ou diferenciação do ego do inconsciente comunal que era a matriz do ser. Havia vários estágios definidos no caminho da individuação. O primeiro era o encontro com a “sombra”, termo junguiano para o trazer à consciência aqueles aspectos do ego que o nosso tipo nos fez ignorar. Isso envolvia a dissolução da persona, ou do ego ilusório com o qual começamos a jornada. Em seguida, o viajante encontrava a “imagem-alma”, a *anima* ou *animus*: estes termos significam os aspectos femininos de toda pessoa masculina, e os aspectos masculinos de toda pessoa feminina.⁵⁵

O masculino e o feminino estão em um mesmo ser. É a fusão do *yang* e do *yin*, porém a tomada de consciência sempre parte do lado feminino para o masculino, nunca do masculino para o feminino. É o que se pode concluir do texto acima de Cecília. A essência é uma só, contudo a materialização do espírito indica-lhe o gênero, quer dizer, o ser só se norteia enquanto homem ou mulher com a materialização do espírito. E a *Sabedoria* está no e com o espírito.

A propriedade do texto de Cecília Meireles designa uma valorização da espiritualidade numa proporção bastante significativa. A certeza de que a vida é espiritual indica que a *Sabedoria* vem do espírito. Essa tese de preceitos místicos remonta ao mais sublime aspecto religioso, tem uma origem em vertentes variadas, um amálgama de tradições religiosas peculiar ao mundo ocidental. Mitologia celta, grega, latina, judaico-cristã, islâmica, persa, enfim, uma infinidade de conjecturas espiritualistas que levam a um só caminho: a certeza de uma existência após a morte e depois o retorno para o resgate de algumas dívidas. Como exemplo disto temos a mitologia celta, que, segundo relatos romanos à época de Júlio César, valorizava a vida espiritual acima das questões físicas, por acreditar no retorno ao plano material. Logo o procedimento da transmigração não é um

⁵⁵ *Enciclopédia do Sobrenatural: magia, ocultismo, esoterismo, parapsicologia*; org. Richard Cavendish. Tradução de Alda Porto e Marcos Santarita. Porto Alegre: L&PM, 1993, p. 119.

atributo conhecido a partir de Allan Kardec, em meados do século XIX, vem desde nossa origem, por ser um fator natural, conforme as crenças mencionadas, concedendo, portanto, sustentação ao procedimento reencarnatório.

Ainda sobre a cultura celta, a figura feminina tinha um papel de relevância na comunidade. Charles Squire nos assegura a determinação feminina nos segmentos comunitários, a mulher tinha muita representatividade e liberdade para executar tarefas diversas, ainda que tal consideração não passe de especulações, conforme se pode perceber no trecho que se segue:

Os costumes celtas eram, como os homéricos, aqueles do mundo primitivo. Toda terra (embora possa teoricamente ter pertencido ao chefe) era cultivada em comum. César afirma que esta comunidade de propriedades era extensiva às suas esposas; mas não se pode dizer que esta imputação tenha sido comprovada. Pelo contrário, nas histórias de ambos os ramos da raça celta, as mulheres parecem ter assumido um lugar mais alto na estima masculina e ter aproveitado muito mais liberdade pessoal do que entre os gregos homéricos. A idéia pode ter surgido de má compreensão de alguns outros curiosos costumes celtas. A descendência parece ter sido traçada através da linha materna em vez da paterna, um autêntico procedimento não-ariano que alguns acreditam ter sido tomado por empréstimo de outra raça.⁵⁶

Como esta cultura nos foi passada através do registro oral, é válido afirmar que muitos elementos se perderam ou se fundiram com outras, originando, assim, um novo preceito e, por vezes, ampliando os preceitos mais antigos. Isso veio se consolidar no período medieval, quando a peregrinação aos lugares sagrados propiciou o engajamento de costumes diversos para o aparecimento de novas tradições culturais e, por extensão, religiosas. A propósito do conceito religioso, é importante destacar a conduta celta no que diz respeito à tradição espiritual. Mais uma vez recorremos a Squire na elucidação deste segmento.

⁵⁶ SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas: Rei Artur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003, p. 34.

Pouco sabemos do famoso ensinamento dos druidas, devido ao seu hábito de nunca permitir que suas doutrinas fossem postas por escrito. César, contudo, registra de modo superficial o seu propósito: “Eles inculcam como um dos seus dogmas principais: que as almas não são aniquiladas, mas passam depois da morte de um corpo para outro, e sustentam que por este ensinamento os homens são muito encorajados à bravura, pela despreocupação com o medo de morrer.”⁵⁷

Logo esta tradição espiritualista não é privilégio, como fazem crer alguns doutrinários de ordem cristã, dos espíritas kardecistas, isso já é muito antigo e nos foi repassado muito provavelmente através dos remanescentes de variadas tradições culturais, e, como é a nossa linha de pesquisa, também espiritualistas.

O repasse de mentalidades materiais e não-materiais se processou, com maior desempenho, nas tradições que se fizeram presentes na Baixa Idade Média. No tocante à cultura em Língua portuguesa, isso se configurou na formação do estado lusitano. A tradição oral, muito fortemente ligada à produção literária deste período, foi crucial ao estabelecimento de vertentes diversas na cultura portuguesa no que diz respeito aos estilos literários. O Trovadorismo, primeira época medieval da Literatura portuguesa, apresentou-nos uma diversificada linhagem textual com um modelo filosófico em comum: a espiritualização na arte e na cultura em geral. O dogmatismo teocêntrico ditou as regras neste tempo rico em tradições artísticas. A visão espiritualista do universo propiciou a trovadores (jograis e menestréis) um contato com outros segmentos religiosos. É sempre bom lembrar que os artistas medievais mais pareciam andarilhos e peregrinos, que estavam atentos à importância pertinente aos aspectos espiritualistas, do que meros intérpretes de cortes. A valorização de histórias sacras, nos mitos narrativos de cavalaria e hagiografias, e o sentimentalismo serviçal das cantigas líricas nos chegaram não como uma referência

⁵⁷ Idem, p. 40.

textual, mas como uma tradição verificada através de remanescentes culturais, inserida numa memória coletiva em comum e indissolúvel na tradição espiritualista ocidental.

Engajando-se o texto – *Cânticos* – no período medieval mencionado, não se verifica nos versos da poeta intertextualidade – ainda que muitos desses elementos estejam dentro da obra –, mas uma determinada força poética cujo objetivo maior é continuar repassando os valores acima citados para gerações vindouras. Observa-se uma pretensão de se manter um valor estético que está muito além de referências textuais. A *residualidade* medieval, no texto ceciliano, não deve ser confundida com intertextualidade, pois a poeta não pretende referendar o seu poema, deseja tão somente que ele viva sem se tornar um estereótipo; ou seja, se há elementos medievais em Cecília Meireles, isso ocorre pelo simples fato do repasse de mentalidades acontecido devido a uma tradição fortemente estruturada a partir de diversas culturas e mitos sagrados.

Quanto ao aspecto feminino presente em Cecília, deve-se considerar que muitas tradições medievais tinham na figura da mulher um ente sublime, isto é, um ser acima dos valores mundanos. A presença do sentimento feminino em *Cânticos* verifica-se através de símbolos valorativos deste sentimento tão peculiar aos escritos de Cecília. Não se pode entender sentimentalismo feminino como uma mera tendência feminista. O feminismo é muito pragmático, já o sentimento feminino, espiritualizado e, por vezes, apocalíptico. Em *Cânticos*, é patente uma tendência apocalíptica. Podemos justificar esta assertiva com muitos textos de ordem historiográfica medieval, no entanto recorreremos ao historiador Jacques Le Goff, o qual afirma que a questão apocalíptica na Idade Média seguiu no plano do Ocidente uma cristalização de preceitos judaico-cristãos, islâmicos e persas.⁵⁸

⁵⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003, pp. 337-8.

A questão do fim e da decadência material é uma das principais temáticas apresentadas da Alta até a Baixa Idade Média. Le Goff, em seu fantástico ensaio acerca de temas tão controversos, nos assegura a ocorrência de variados modelos decadentistas cristãos, porém ressalta que a decadência foi transferida por um mito pagão, ou melhor, uma figura mítica pagã, a saber:

Todas estas tendências são também alimentadas por idéias tradicionais pagãs, de *renovação* e de renascença, e modificam profundamente as teorias do envelhecimento. A decadência é cada vez mais promessa, anúncio de renovação. Por outro lado, uma idéia mais modesta vai-se insinuando, pouco a pouco, nos espíritos do Ocidente medieval – a do papel da Fortuna no destino das nações e dos indivíduos. É Boécio quem, no século VI, introduz esta deusa pagã na ideologia cristã. Personagem cômoda, a Fortuna explica, sem dificuldades ideológicas, as inversões de situação, as mudanças da sorte. É invocada com mais frequência para os declínios, ruínas, quedas, do que para promoções, ascensões ou sucessos.⁵⁹

Ainda nos justifica a presença dos mitos pagãos com um grau de conhecimento de transferência de mentalidades acima da média. Compara por assim dizer dois pólos: a *Fortuna* com a *Providência*:

É certo que a Fortuna nada pode sem a intervenção divina, como também é certo que os seus caprichos coincidem, muitas vezes, com o comportamento dos homens, cujos pecados acabam sempre por explicar as quedas. Os veredictos da Fortuna são, contudo, tão imprevistos e desconcertantes como os da Providência, mas nem sempre coincidentes. A fada Morgana exprimiu bem esta idéia a propósito de um dos destituídos no *Jeu de la Feuillée*: “A Fortuna fê-lo cair sem que ele merecesse tal sorte”. A Fortuna, esse instrumento generalizado de decadência em miniatura, reforça a impressão de que a Idade Média soube conjurar definitivamente e de diversas formas as ideologias ameaçadoras de decadência.⁶⁰

⁵⁹ Idem, p. 387.

⁶⁰ Ibidem, p. 388.

Se por um lado a *Fortuna* está relacionada com o comportamento do ser humano, a *Providência* religa este ser ao seu estágio primário e essencial, a fonte do ser, o mundo espiritual.

Em muitos versos de *Cânticos*, Cecília Meireles eleva a sua poesia à sublimação, ou seja, nela é observada uma visão etérea do universo. O mundo nada mais é senão um estágio complementar das tradições e dos desígnios humanos. O corpo material passa a ser um recurso a mais na estrada do progresso do ser sacramentado. O espírito é o ser sacramentado e, por mais que se insista em respostas materialistas na explicação dos fenômenos da natureza humana, sempre ocorrerá alguma pergunta sem resposta, uma vez que o mundo material é limitado, enquanto que a verdadeira vida está na essência do ser, está em seu estágio superior, na vida divinizada, no corpo espiritual, no sagrado que existe em cada um de nós. O texto abaixo transcrito nos remete à idéia platônica da existência em um plano desconhecido, mas também justifica, por assim dizer, o sagrado que é a verdadeira vida.

Não tem mais lar o que mora em tudo.
Não há mais dádivas
Para o que não tem mãos.
Não há mundos nem caminhos
Para o que é maior que os caminhos
E os mundos.
Não há mais nada além de ti.
Porque te dispersaste...
Circulas em todas as vidas
Pairas sobre todas as coisas
E todos te sentem
Sentem-te como a si mesmos
E não sabem falar de ti.

O primeiro verso deste texto pode perfeitamente nos conceder a idéia de mundo além da matéria. O que é morar em tudo? É ter bens materiais para adquirir todo espaço necessário à vida? Não. A afirmação no verso supracitado não deixa dúvida acerca do que mora em tudo. Quem está em tudo ao mesmo tempo é a essência da vida, a seiva mantenedora de tudo pertinente ao espírito, quer dizer, somente o ser de caráter transcendental pode atuar da maneira explicitada no verso de Cecília. O espírito não espera as ocorrências limitantes da matéria corpórea. Ele já tem consciência de tudo, se já não é a própria consciência.

O importante neste texto é a presença da palavra *não*. Esta palavra, apesar de geralmente designar negação, aqui denota afirmação. Afirma-se que não há espaço, não há milagres, não existem expressões corporais, enfim, não há mais nada além do que já existe e sempre existiu, a essência verdadeira. Muitos sentem que algo acontece, mas não sabem falar, não sabem explicar, não conhecem a causa, pois não estão devidamente preparados para esse fim, que é a comunhão com o mundo convencionalmente chamado invisível. O *sagrado* se confirma na sentença *Porque te dispersaste... / Circulas em todas as vidas*. Gramática e lingüisticamente o emprego do artigo definido, como ocorre neste segundo verso, indica uma universalização, é o todo e não o individual que interessa. São todas as vidas e não uma vida só que importa. Tendo já o conhecimento de tudo isso, o ser ganha a sua expansão e trafega pelo etéreo, pelo sublime, pela verdade, pelo mundo dos seres invisíveis aos olhos materiais, trafega e tem a forma sagrada.

Outro aspecto gramático-lingüístico nos chama atenção nos versos de Cecília Meireles, trata-se do tratamento em segunda pessoa do singular. Esta uniformidade ocorre em todos os textos de *Cânticos*. E qual o propósito no emprego deste tratamento? Revelar o

duplo do indivíduo.⁶¹ Nós somos um composto de matéria corporal com elementos etéreos, sendo que estes últimos são a nossa verdadeira identidade, a nossa vida em todos os sentidos. No livro da poeta, todos os escritos estão impregnados de afirmações da existência do ser *sagrado*, ou melhor, da divinização do ser.

Ainda sobre os versos anteriormente transcritos, existe um contrato que se consolida a cada afirmação. Parece uma sugestão, porém, diferentemente daquela sugestão proposta pelos autores simbolistas do século XIX. Não há sugestões nos textos em *Cânticos*, existem sim afirmações apropriadas à conduta do ser em busca da sublimação. E o ser espiritual tem a sublimação porque *Pairas sobre todas as coisas*.

Um texto como o de Cecília, que se esvai em subjetividade, não pode em nenhuma perspectiva materialista ser analisado. Pode-se até denominar de uma idiossincrasia a tentativa de um estudo seguindo a preceitos materialistas e estruturalistas. Portanto recorreremos à *Teoria da Residualidade* como um meio de investigação que abrange vertentes diversificadas, considerando, desta forma, os aspectos espiritualistas. Esta teoria não se restringe aos modelos propostos pelos críticos de caráter estrutural, vai muito além do que supunha o seu idealizador. Trata-se de uma teoria que, no conceito de memória, pode estudar as memórias materiais, não-materiais e as espirituais⁶². A memória espiritual pode residir naquilo preconizado pelos idealizadores do repasse de vidas, ou da transmigração do espírito, segundo kardecistas, budistas, hinduístas dentre outros que costumam pregar esse evento. Os remanescentes espirituais existem, à medida que o ser tenha a necessidade de retornar ao mundo material para resgatar dívidas e para avançar na sua evolução. O verso *porque te dispersaste* ilustra este conceito da pluralidade de vida,

⁶¹ No início deste trabalho, procuramos evidenciar esse aspecto tendo por fundamentação o livro de Muniz Sodré *Jogos Extremos do Espírito*.

⁶² Termo próprio, cunhado a partir da análise feita aos escritos de Cecília Meireles em *Cânticos*.

pois a dispersão denota várias vivências até se chegar ao ponto em que o ser se torna um avatar, figura encarnada e de característica divina. Kardec, em seu *Livro dos Espíritos*, nos mostra uma defesa racional da pluralidade das existências, quando afirma que:

Admiti as existências consecutivas e tudo se explicará conforme a justiça de Deus. O que não se puder fazer numa existência, se fará em outra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso, em que cada um será recompensado segundo o seu mérito *real*, e ninguém está excluído da felicidade suprema, a que todos podem pretender, quaisquer que sejam os obstáculos que tenham encontrado em seu caminho.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, porque os problemas psicológicos e morais que não encontram solução, senão na pluralidade das existências, são inumeráveis; limitamo-nos aos mais gerais. Qualquer que ele seja, dir-se-á que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; isto seria, pois, a subversão da religião.⁶³

A felicidade suprema está na concepção de *sagrado*. O ser existe para ter a felicidade suprema. E como conquistar tal estágio? Através da pluralidade das existências, a que Kardec menciona no fragmento acima transcrito. Se existem os resíduos materiais, não-materiais, no sentido de coisa abstrata, há desta forma também os resíduos de vidas passadas que ficam guardados na memória individual do espírito. E, se há a memória individual do espírito, também haverá a memória coletiva dos espíritos. Verdade seja dita que não ocorre esta menção explicitamente no texto de Kardec. No entanto, o que dizer de *limitamo-nos aos mais gerais*? Provavelmente que a interpretação pode chegar ao ponto a que nós nos referimos: a cultura espiritual, a memória espiritual, a mentalidade espiritual, a sabedoria espiritual, enfim, remanescentes guardados em uma memória ainda desconhecida pela erudição, algo de que a *Teoria da Residualidade* pode tratar. Não só pode, como deve também tratar, visto que estamos na área do conhecimento, e esta é vasta, portanto, pesquisemos.

2.2. O Amor e a Voz feminina

⁶³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Araras-SP: IDE, 97ª edição, 1995, p. 128.

Dai às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio. (Alexandre Herculano)

A presença do sentimento feminino na literatura de Cecília Meireles – *Cânticos* – não deve ser restrita ao modelo puramente estético ou academicista; está acima de questões meramente artísticas, algo que muitos refutam, em se tratando do texto desta escritora, que é o seu engajamento, ou melhor, a literatura desempenhando uma função que vai além das questões estilísticas. O feminino em *Cânticos* é velado e com uma natureza mística, simbólica, uma visão sublimada das questões terrenas e, por extensão, espirituais. Esta última verifica-se no momento em que se observa um papel de desprendimento do plano físico. A matéria física não interessa ao sentimento que busca a comunhão com o divino, melhor, que procura o *sagrado*. E é certo afirmar a existência dessa comunhão, já que a plenitude espiritual se configura num sentimento acima dos valores carnavais, o que encontramos nestes textos da poeta maior de nossas letras. Cecília Meireles torna o seu texto um misto de leveza e ternura, no entanto rigoroso no que tange aos aspectos espirituais. Exige do interlocutor uma doação de mente e de espírito. Devem-se ler as linhas não apenas com os olhos e o pensamento do plano físico, mas sobretudo com a crença de que a vida está do outro lado da ponte, está além do que imaginamos concretamente. A sensibilidade feminina aqui é bem mais aguçada e se configura a partir do encontro com a luz espiritual.

A questão do feminino na literatura não é um aspecto da modernidade, vem desde tempos remotos, quando se tinha uma veneração pela *Grande Mãe*, personagem mística encontrada em muitas culturas européias e do Oriente próximo. O amor materno é mais espiritual do que material; uma mãe deseja para o filho e a filha uma felicidade plena, não apenas uma ilusão físico-amorosa. Porém essa mãe está muito entristecida, porque observa a humanidade se desviando do seu caminho evolutivo. O investigador espiritualista Geoffrey Hodson nos assegura que a presença do feminino em nossa tradição e memória é condição primária para a formatação dos valores nobres da humanidade, conforme passagem que se segue:

O Cristianismo, o Hinduísmo e outras grandes religiões do mundo ensinam que há um Ser na Terra que encarna à perfeição todos os mais altos atributos do aspecto feminino tanto da divindade criativa quanto da raça humana, incluindo a maternidade humana. Ela, a Piedosa, olha com ternura infinita e se preocupa com a vida sobre a Terra. O que ela deve estar vendo? Uma violação e profanação cínicas e totalmente impiedosas efetuadas pela humanidade – principalmente, mas não de todo, pelo macho – de tudo o que é sagrado, bonito, e que ela defende. Ela deve ver em toda parte do mundo a irreverência, o abuso e a crueldade, o sofrimento desnecessário que é continuamente infligido aos humanos e ao reino animal.⁶⁴

E o desejo desta mãe é que a humanidade se renove e retome os paradigmas de amor e fraternidade perdidos com os adventos materialistas presentes no decorrer da história. Ela tem a certeza de que tudo tornará a ser o que era, e a humanidade resgatará os seus valores morais e espirituais, ainda que seja com dores. O mesmo Geoffrey Hodson nos assegura que:

⁶⁴ *O Novo despertar da Deusa: o princípio feminino hoje*. Org. Shirley Nicholson. Tradução de Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 121.

Ela também deve saber, apesar de tudo isto, que esta época é uma fase da qual emergirá uma civilização mais nobre, justa, bonita e gentil; não fosse essa certeza, seu coração seria insuportavelmente destruído pelo que ela deve presenciar. Se acrescentarmos que, em seu amor divino, ela permanece voluntariamente próxima da humanidade, que ela não é apenas uma observadora isolada, não apenas um grande Espírito retirado de nós, não apenas um adepto ascético que há muito tempo alcançou o cume de montanha espiritual, como também, de forma misteriosa, está realmente presente em nossos corações, e especialmente nos corações de cada mulher e de cada criança, que experiência quase insuportável essa proximidade da humanidade seria para a Deusa!⁶⁵

Nos cânticos de Cecília, observa-se a certeza de que o ser irá superar as adversidades do mundo, caso se comporte como um ente de visão espiritual, e isso pode ser associado ao sentimento de mulher e, de maneira implícita, também com o de uma criança.

O comportamento aparentemente ingênuo para os padrões da humanidade mundana deve ser o passo necessário ao avanço dos sentimentos e da consciência plena da entidade espiritual; amar é o mandamento, mas não o amor carnal, típico dos homens, mas o amor sublime, o amor que ama o ato de amar, é o amor pelo sentimento nobre. Amor sem interesse de recompensa, sem deixar de viver a verdadeira vida, enfim, é amar como as mulheres verdadeiras na arte de amar e as crianças amam. Todo o texto se exprime como um mandamento contínuo, é a dedicação quase exclusiva ao sentimento espiritual, talvez seja a própria manifestação do espírito que a escritora não conseguiu detectar no ato da produção do texto, ou seria psicografia do texto. Seja qual for o expediente, vamos ao texto:

Não ames como os homens amam.
 Não ames com amor.
 Ama sem amor.
 Ama sem querer.
 Ama sem sentir.
 Ama como se fosses outro.
 Como se fosses amar.

⁶⁵ Idem.

Sem esperar.
 Por não esperar.
 Tão separado do que ama, em ti,
 Que não te inquiete
 Se o amor leva à felicidade,
 Se leva à morte,
 Se leva a algum destino.
 Se te leva.
 E se vai, ele mesmo...

Mais uma vez se afirma um preceito com a palavra *não*. Esta característica denuncia que o ser ao negar afirma também, e as negações em seqüência são afirmações consistentes e universais. Aposiopese no final destes versos indica que o sentimento do texto se vai sem destino ou destino certo. Mas, qual o destino certo? A vida espiritual que tem no amor um mandamento sem imposição, e sim uma condição do espírito que leva à felicidade ou a morte, caso se confunda com o modelo físico do amor.

Para esta configuração do espírito, um contraponto entre alma e matéria, Jacques Maritain nos esclarece que o ser moderno busca o espírito na própria carne. É a busca pelo desconhecido em que se revelam as fraquezas do ser carnal. Mas o verdadeiro espiritualismo despreza essa questão estritamente carnal. Enquanto o ser preso aos ditames da matéria se vê cercado por tão somente o palpável, o ser espiritualista vê mais longe e credita as suas forças na supremacia divina. Deus habita onde o homem deseja que Ele esteja, mas a condição é a de que o homem se porte como um filho obediente e sensato no que diz respeito aos mistérios do plano superior. O homem é limitado enquanto estiver por lidar apenas com os motes materiais, no entanto, a partir do momento que se desliga do corpo e passa a receber orientação do espírito, ele se comportará como um verdadeiro filho, à imagem e semelhança de seu criador. Ainda que a imagem de Maritain seja restrita a um dogma estabelecido pelo catolicismo, é válido afirmar a sua disposição quanto ao julgamento material através dos desígnios espirituais, atente-se, pois:

Espírito. É na própria carne que a heresia moderna busca o espírito. A heresia moderna planta na carne todos os pecados do espírito – o orgulho, o desprezo de Deus. O de que acima de tudo tem medo é da verdade.

Amar apenas a procura – sob a condição de jamais encontrar – querer apenas a inquietação, é odiar a verdade.⁶⁶

Parece que o texto de Maritain tem alguma correlação com o poema, ainda que seja de oposição, pois no poema revela-se que o amor dos homens não deve ser considerado, já Maritain diz que, ao ocorrer esta fuga, restringindo-se tão somente à procura, foge-se da verdade. Mas este comentário centra-se no preceito materialista de cada indivíduo, enquanto que os versos de Cecília buscam a essência do ser.

A presença do *Amor feminino* em nossa tradição literária vem desde a Idade Média. O século XII com suas cantigas de teor lírico deixa transparecer a voz feminina dentro do próprio ente masculino. As cantigas líricas de amigo são um exemplo da duplicidade de sentimentos que acomete o ser humano, seja ele homem ou mulher, neste caso, é um homem de voz e sentimento femininos que expande um sentimentalismo para se vangloriar de uma conquista e da presença real da mulher amada. Posta-se como a amada no sentido figurativo e revela o sentimento desta em relação a ele. Trata-se de uma intensa autoafirmação sentimental, algo que é típico dos machos. As cantigas trovadorescas nos proporcionam uma análise envolvendo sentimentalismo carnal e espiritual. Esta duplicidade acomete os seres humanos em sua essência não-material, torna-se, portanto, um jogo de opostos sem vencedores, expondo-se, assim, um conceito que extrapola toda e qualquer conduta materialista. Recorde-se, pois, o que se escreveu anteriormente acerca das considerações de Maritain e acrescente-se o que se revela a seguir segundo Maritain:

⁶⁶ MARITAIN, Jacques. *Arte e Poesia*. Tradução de Edgar de Godói da Mata-Machado. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1947, p. 59.

Todos os amálgamas de imagens e todas as duplicidades que põem, num só homem, vários homens e postulações contrárias simultâneas (sem chegar, entretanto, a deslocar o substrato da livre escolha entre dois fins últimos opostos e eficazmente amados acima de tudo) são compatíveis com a unidade substancial da personalidade metafísica. Mas esta, que é a própria subsistência da alma espiritual, só se realiza em ação, só se torna personalidade moral pela seiva formadora da inteligência, do amor e de suas virtudes.⁶⁷

O homem é um ser duplo, conforme citação acima de Maritain. É um ente que tem duas faces, uma real, verdadeira, outra ilusória, transitória, mas que se fundem para indicarem que a vida está além de apenas um valor, esteja esse valor na matéria ou no espírito. Quando tudo se une, a partir de ações meritórias e pela inteligência, que entendemos vir do espírito, então o ser humano se consubstancia e adentra ao plano divino. Já o texto ceciliano tende a induzir e até mesmo conduzir o leitor aos ditames do mundo espiritual. É uma pregação com um único objetivo: tornar o leitor sensível a questões de ordem espiritualista. A habilidade de se conduzir o sentimento presente no texto propicia ao leitor uma reflexão semelhante àquela surgida após a leitura de todo e qualquer texto de caráter espiritualista. Considerando-se ainda a assertiva de Jacques Maritain, concluímos que no homem (metonímia de humanidade) existe uma duplicidade ideológica, moralística, sentimentalista e espiritualista, aspecto que tipifica o ser espiritual, ou, conforme Maritain, metafísico.

O procedimento amoroso feminino na tradição literária portuguesa encontra o seu ponto alto nos modelos do Barroco e do Romantismo, que se tornaram cúmplices de uma mesma proposta estética: a valorização espiritual a partir de um sentimentalismo exacerbado. Entretanto, esse procedimento não teve origem nem numa estética, nem na outra, é, sem dúvida, o acúmulo de tradições que se estabeleceram no decorrer da história do mundo ocidental. Ou, usando-se uma expressão do tópico de Maritain, um amálgama

⁶⁷ Idem, pp. 67-8.

que se processou a partir de tradições diversificadas, e essas tradições estão nos diversos mundos que compuseram a cultura ibérica e, por extensão, a cultura brasileira, a saber: grega, egípcia, romana, celta, gótica, árabe, persa, hindu, suméria dentre outras tradições secundárias. Tudo isso veio se justapor no tempo medieval, momento em que o repasse cultural, mais do que nunca, era registrado em documentos para os mais abastados e repassado oralmente para a maioria, o povo menos esclarecido, e isso foi o que permaneceu em nossa tradição.

Depois dos compostos do Barroco e do Romantismo, o Simbolismo, um contraponto dos elementos materialistas predominantes em fins do século XIX, elevou ao extremo uma conduta espiritualista. Autores lusitanos como Antônio Nobre e Eugênio de Castro, e os brasileiros Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, estabeleceram um diálogo espiritualista em meio a um mundo muito materialista. Na linha de um Antônio Nobre, e tendo este poeta como referência, Florbela Espanca foi a voz feminina em Portugal que soube amalgamar os valores materialistas com os espiritualistas, sem perder o norte de sua postura maior que era a valorização extremada do sentimento. Mesmo tendo afirmado Feliciano Ramos que Florbela Espanca está sempre longe de encontrar o que espera, dizemos que esta escritora não esperava neste plano encontrar a felicidade suprema, pois o seu reino ficaria para além, como ela mesma chegou sentenciar. Vejamos aqui um modelo de Florbela que pode dialogar com algum texto de Cecília em *Cânticos*, não queremos, com isso, estabelecer um estudo na linha da literatura comparativa, o nosso desejo é de atestar uma semelhança entre uma e outra postura literária, é certo que em Florbela ocorre um desejo reprimido configurado no plano físico, ao passo que em Cecília há o tráfego entre um plano e outro, predominando o sentimento do espírito. Em Florbela há um questionamento que se restringe ao plano material, percebe-se um drama cercando o

eu-lírico ao ponto deste desprezar a condição física, desejando, por assim dizer, acabar com a vida, pois esta não passa de mera ilusão. Trata-se de um barroquismo extremado, onde a vida terrena não passa de lamentos.

PARA QUÊ?

Tudo é vaidade neste mundo vão...
Tudo é tristeza; tudo é pó, é nada!
E mal desponta em nós a madrugada,
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção
Que o nosso peito ri à gargalhada,
Flor que é nascida e logo desfolhada,
Pétalas que se pisam pelo chão!...

Beijos d'amor! Pra quê?!... Tristes vaidades!
Sonhos que logo são realidades,
Que nos deixam a alma como morta!

Só acredita neles quem é louca!
Beijos d'amor que vão de boca em boca,
Como pobres que vão de porta em porta!...⁶⁸

Os seguintes versos de *Cânticos* são uma resposta ao que o sentimento feminino em Florbela procura. Estabelece-se, portanto, um diálogo entre os sentimentos de um de outro texto. Como aferimos anteriormente, não se confirma em nossa análise uma comparação, mas uma justaposição, uma complementação de vozes. É o que ocorre, quando se complementam estes versos de Cecília com os versos da poetisa lusitana. E mais extensivamente, existe uma sublime comunicação entre as duas poetisas. Se uma, Florbela, posta-se como um lamento terreno em busca de resposta aos sofrimentos da vida material e passageira, a outra, Cecília, atenua o sofrimento daquela ao decretar que tudo são visões dos olhos humanos, e que um dia passará tudo; portanto atentemos:

O que tu viste amargo,
Doloroso,
Difícil,

⁶⁸ ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca V. I.* Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002, p. 153.

O que tu viste breve,
 O que tu viste inútil
 Foi o que viram os teus olhos humanos,
 Esquecidos...
 Enganados...
 No momento da tua renúncia
 Estende sobre a vida
 Os teus olhos
 E tu verás o que vias:
 Mas tu verás melhor...

As palavras que estruturam versos, *Esquecidos* e *Enganados*, sugerem uma complementação. Esquecidos de quem? Enganados por quem? Do mundo e pelo próprio mundo é a resposta mais provável, ou podem encontrar complementação nos versos de Florbela. A presença de reticências no soneto acima também indica que algo deve ser concluído, contudo o sentimento feminino é obstruído por uma visão limitada, pela visão humana; é como que uma procura desesperada por resposta. E a resposta pode ser transmitida não pela matéria, mas pelo espírito que, certamente, conforme o cântico, verá melhor, por não ser limitado como os seres mundanos.

A voz feminina dos dois textos dialoga, porque o sentimento feminino vai além do plano material, está em todas as esferas do universo, segundo se pode inferir das leituras dos versos tanto de Florbela quanto de Cecília Meireles. A presença de um aspecto sacramentado pela visão sublime das coisas e do próprio universo se manifesta mais no texto da poeta brasileira do que em sua confrreira⁶⁹ lusitana. Cecília Meireles é mais astral, enquanto que Florbela busca o astral como um subterfúgio do físico, material. O plano transcendente nas duas autoras é peculiar à condição da voz interna, no caso feminina, dos poemas. No primeiro texto ocorre uma reflexão do que já fora vivenciado, para, em seguida, aparecer uma sentença: a de que tudo são ilusões. O texto de Florbela Espanca pode ser considerado uma desilusão ao estilo da escola barroca, ao passo que os versos de

⁶⁹ Usamos esta palavra por ela ter origem na forma masculina do Latim medieval.

Cecília Meireles buscam apresentar a causa maior para as chagas e decepções humanas, que vem à tona no verso *Foi o que viram os teus olhos humanos*. Ou seja, os danos da vida breve e humana são vistos com olhos humanos, no entanto, quando tudo passa, melhor, se transpõe para um outro espaço, e não-material, percebe-se a ingenuidade presa ao apego desnecessário às coisas mundanas. Este último aspecto é percebido nos versos de Cecília os quais buscam responder as inquietações do eu-lírico posto nos versos da autora portuguesa. Havia uma intenção de se responder, por parte da autora brasileira, as inquietações da autora portuguesa? É óbvio que não. E como explicar o diálogo entre as duas formas poéticas? A partir de uma tradição cultural e espiritual que remonta a tempos diversos. Mas o tempo e a tradição não respondem integralmente ao questionamento proposto. É verdade e, refletindo acerca deste modelo, resolvemos apresentar a seguinte conjectura: o diálogo espiritual não se explica por análises materialistas, o que nos possibilita afirmar que em todos os preceitos sagrados existem preocupações e respostas afins. Entre um texto e outro é possível inferir que a maior preocupação, principalmente em Cecília Meireles, é deixar a roupagem física para entender com mais propriedade as respostas dadas pelo espírito. Em Cecília Meireles a resposta espiritual já é patente, isto é, o texto em sua primazia comunga com o sagrado e passa a responder todo e qualquer questionamento de inquietude sobre a vida humana, posto que a chama do espírito é a luz que revela a verdade. Só um espírito de natureza feminina poderia responder a outro de mesma natureza, porém limitada pela presença da venda materialista que diminui o discernimento do ser enquanto matéria física. Assim são os versos de Florbela, limitados e inquietados pelos sofrimentos e decepções físicas, causados pela ignorância gritante do ser humano. Uma é luz vulcânica; a outra, luz astronômica. Uma é desejo, anseio de realização, mas movida por sentimentos torpes; a outra, ternura e certeza de que tudo passa na vida terrena. Uma é barroca; a outra,

trovadoresca romântico-simbolista. Uma é carne; a outra, espírito. Uma é ilusão; a outra transmissão de conhecimentos astrais. Uma é Florbela Espanca; a outra, Cecília Meireles. Poetas que se fundem num misto místico entre amor sublime e poesia.

A contradição parece ganhar dimensão além do aspecto semântico, mas essa contradição é providencial para que se confirme o sacramento sentimental. Neste tópico recorreremos ao mito de Tristão e Isolda muito bem comentado por Denis de Rougemont, ao afirmar que:

Encontram-se, portanto, numa situação apaixonadamente contraditória: amam, mas não se amam; pecaram, mas não podem arrepender-se, pois não são responsáveis; confessam-se, mas não desejam curar-se, nem mesmo implorar o perdão... Em verdade, como todos os grandes amantes, eles se sentem arrebatados “para além do bem e do mal”, numa espécie de transcendência das nossas condições comuns, num absoluto inefável, incompatível com as leis que governam o mundo, mas que eles sentem como *mais real do que este mundo*. A fatalidade que os persegue, e à qual se abandonam gemendo, elimina a oposição do bem e do mal; ela chega a conduzi-los para além das origens de todos os valores morais, para além do prazer e do sofrimento, para além do domínio onde as coisas se distinguem e os contrários se excluem.⁷⁰

Em Tristão e Isolda, mito medieval de tradição oral, o amor parte mais da personagem feminina, porque ela sente segurança naquilo que viria após a passagem terrena e por ser o elemento sublimado da tradição, enquanto o ente masculino se resume ao mito do belo cavaleiro conquistador. A oposição entre amor carnal e amor sublime permite aos amantes vivenciar o sentimento de forma extremada, pois têm a certeza da existência do sentimento nobre em outra esfera que não seja a das ilusões. Não é nossa intenção afirmar que a contradição encontrada entre o texto de Cecília e o de Florbela Espanca é

⁷⁰ ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2003, pp. 54-5.

nutrida por sentimentos estabelecidos entre as autoras. Longe disso, a contradição presente entre os poemas são lados de uma mesma moeda que é jogada a cada instante pelos desígnios condutores da humanidade. A oposição faz parte do jogo amoroso, porque as partes são bastante interessadas em que o sentimento esteja acima da qualificação passional. Então não se ama o ser carnal, mas o próprio amor.

O sentimento amoroso é mais evidenciado em textos poéticos cuja voz interna, ou sentimento do poema, tende ao feminino. Parecem elementos de um mesmo corpo – físico e espiritual –, o amor e a voz feminina são partes de um mesmo segmento; são termos que se confundem, por terem um do outro a mesma essência. Confundem-se no sentido espiritualista, porque, partindo da mulher em questão de sentimento, tudo é sublimado, tudo é amado, pois o sentimento nobre também o é, conforme o mito medieval de Tristão e Isolda. Ele, força terrena que busca a sublimação a partir de uma conduta religiosa; ela, elemento que absorve toda a ternura sentimental, quer dizer, ela é a mediação entre o Céu e a Terra; e ele tem que segui-la, pois deseja a salvação, ou sublimação. O amor é mais amado que os amantes entre si. E a mulher venceu a morte, porque teve com antecipação a visão do *sagrado*. Este mito responde todas as questões de sentimento do mundo ocidental.

É sempre válido recorrer às tradições medievais, uma vez que elas são como uma interseção entre o antigo e o que se diz moderno. Contudo também é importante destacar outro mito judaico-cristão, registrado nos textos sagrados do Antigo Testamento: o *Cântico dos Cânticos*. Um diálogo entre o amor sublime e a busca pelo enobrecimento terreno a partir dos valores sentimentais, tendo a sexualidade pertencente ao universo do *sagrado*. Já não é novidade em nosso trabalho a associação entre o *amor* e a *divinização feminina*. A mulher enquanto ente material busca em demasia comungar com o plano maior, ou plano

espiritual, sabedora que é da certeza da existência pós-morte, bem como do retorno de uma tradição cultural e espiritual que se estenderá até a evolução completa do ser espiritual. Em *Cântico dos Cânticos*, é possível perceber a união do feminino com o masculino com o propósito definido de se unirem eternamente, caso um dos entes se perca, o mundo terá conflitos tenebrosos, caso os noivos não se unam novamente, o mundo se perderá e tudo serão sombras. Este mito é retomado pela associação existente entre Jesus Cristo e Maria Madalena, conforme se verifica em seu mais famoso livro:

Após mais de dois mil anos do nascimento de Jesus, é hora de dar a versão correta dos fatos para revisar e completar a sua história relatada nos Evangelhos e incluir a sua mulher. Nosso meio ambiente destruído, nossas crianças vítimas de violência, nossos veteranos de guerra mutilados, nossas famílias autodestrutivas e nossos cônjuges abandonados... todos estão clamando pelo resgate da Noiva de Cristo. Talvez a angústia deles seja mais bem resumida na imagem da Madona que chora. Numerosos ícones da Virgem Maria receberam cobertura da mídia nos últimos tempos porque derramavam lágrimas, desafiando explicações racionais. Sem dúvida, ela está sofrendo por seus filhos, os *anawin* de Deus.⁷¹

A ausência do feminino, segundo a autora acima, faz com que haja um desequilíbrio constante nas coisas terrenas. A mulher é a força harmônica e sensível da união, estando ela esquecida, ou relegada a um papel secundário, tudo em torno dos *amantes* será consumido por forças destrutivas. Neste texto de Starbird, procura-se uma explicação de ordem sexual e espiritual para as causas do sofrimento da humanidade nos últimos tempos. Humanidade cristã notadamente forçada a aceitar os dogmas estabelecidos pelos senhores do poder eclesiástico. É hora do resgate do feminino em nossa tradição, e a palavra resgate é providencial, caso associemos a problematização de Starbird com o texto bíblico do

⁷¹ STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena e o Santo Graal: a mulher do vaso de alabastro*. Tradução de Simone Lemberg Reisner. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 192.

Cântico dos Cânticos. Neste a nova tem e apresenta a sua voz ao noivo, não sendo submetida aos caprichos políticos e sociais do lado masculino, mas fazendo parte de uma relação que busca na eternidade o tempo necessário para se amarem, como bem se observa no trecho que se segue:

A fisiologia do amor é pura poesia

O coro das donzelas:

Onde costuma ir teu bem-amado,
ó tu, a mais bela das mulheres?
Para onde costuma dirigir-te,
para contigo o buscarmos?

Ela:

Meu bem amado desceu ao seu jardim,
aos perfumados canteiros,
para apascentar o rebanho no jardim
e colher os lírios.

Pertenço ao meu bem-amado,
e meu bem-amado me pertence.

Ele apascenta seu rebanho entre lírios.⁷²

Neste trecho bíblico, a voz feminina afirma que não deve existir sem o *bem-amado*, um está no outro, e ambos são cúmplices de tudo que ocorre em relação a eles. Sulamita é tudo em carne e espírito para o Rei Salomão, talvez seja isso que Starbird queira dizer em se tratando de Jesus e Madalena. Não há espaço para o desequilíbrio se homem e mulher em carne e espírito estiverem cristalizados. Recorrendo mais uma vez a Starbird, vejamos o que nos afirma:

Infelizmente, nos últimos milênios, a balança pendeu para o lado masculino, criando um desequilíbrio em todos os níveis. Por séculos, os profetas e os verdadeiramente sábios têm exortado a comunidade a ser misericordiosa e bondosa, uma vez que o próprio Deus expressa essas qualidades. Nesta Nova Era, talvez o princípio do Aguadeiro, o feminino, tenha influência suficiente para apagar o fogo alimentado por dois mil anos de orientação masculina do Lógos e para começar a curar no deserto. É, sem dúvida, uma questão de assumir uma nova consciência. Quando a Noiva-Irmã for devolvida ao paradigma celeste como a Amada de Lógos, então as feridas serão cicatrizadas, pois, como vimos, a origem de todas elas é a alienação e a separação desses dois arquétipos.⁷³

⁷² CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 6: 1 a 3.

Ou como bem se verifica no *Cântico dos Cânticos* em que, se ambos estiverem juntos, tudo será fertilidade:

Ela:

Levanta-te, ó aquilão!

Vem, ó austro!

Soprai sobre o meu jardim,

que ele exale seus perfumes.

Entre meu bem-amado em meu jardim,

e prove-lhe os frutos deliciosos!

Ele:

Entro em meu jardim,

minha irmã, minha noiva,

colho minha mirra e meu bálsamo,

eu como meu mel e meu favo,

bebo o meu vinho e o meu leite.

Comei, amigos, bebei;

inebriai-vos, diletos!⁷⁴

Tudo será próspero para todos, uma vez que os noivos estão juntos e pretendem ficar assim até a eternidade não se ouse separá-los, pois as conseqüências serão desastrosas ou, como bem disse Starbird, autodestrutivas.

Voltando ao texto de Cecília Meireles, o casamento sagrado também pode estar subentendido ou cifrado em códigos de uma linguagem universal. O texto poético *Cânticos* é uma autêntica mensagem de plenitude espiritual, um amálgama do feminino com o masculino, corporificados e principalmente espiritualizados no plano maior. Cecília Meireles recorre ao preceito do *sagrado* com o intuito de conscientizar, com os *cânticos*, um ente que se afasta e se aproxima de nós. Somos nós mesmos a quem procuramos. E somos homem e mulher ao mesmo tempo, sem discriminações terrenas e suposições chulas. Isto pode ser verificado em todos os segmentos da cosmovisão humana, porém o que pretende Cecília é que essa cosmovisão seja além de humana, também humanitária, solidária, fraterna, enfim, espiritualizada. E juntos, os pólos supostamente antagônicos entre

⁷³ STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena e o Santo Graal: a mulher do vaso de alabastro*. Tradução de Simone Lemberg Reisner. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 193.

⁷⁴ CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 4: 16 e 5: 1.

si, *masculino* e *feminino*, poderão resolver todos os problemas e problemáticas criados ou enviados como provações. Algo que se depreende da epígrafe no início do livro *Cânticos*, uma mensagem para todas as matizes que tentam limitar e fechar a vida em um casulo. Nós todos, segundo o fragmento textual, devemos afirmar e fazer o que se sugere na seguinte mensagem:

Dize:
O vento do meu espírito
soprou sobre a vida.
E tudo que era efêmero
Se desfez.
E ficaste só tu, que és eterno...

A linguagem da poesia de Cecília é por demais sublime. A própria poesia chega à pretensão de ser um contato, e contrato, com a divinização do ser espiritual. É por demais pertinente ao texto poético o contato com o *sagrado*. O plano maior é vasculhado pelo poeta como se fosse a sua própria casa. Aqui, tão somente uma suposição, mas, a bem da verdade, o poeta tem a sua casa não no mundo limitado dos olhos terrenos, mas no mundo universalizado pelos olhos do espírito. Cecília Meireles é esse poeta que comunga com a divindade sem teorias poéticas, pois sabe que a teorização do que não se pode teorizar é a perda total de comunicação que poderia se estabelecer entre o plano inferior e o tido e dito superior, o qual tende a ser o nosso objetivo maior. Neste quesito recorremos a Antônio Ramos Rosa e sua mais que providencial dissertação sobre a poesia, vejamos, pois:

A ambição da poesia é absurda. Ela é uma tentativa de acessão à totalidade, o acto por excelência da relação original entre o espírito e a realidade. A unidade é o mito da poesia e em cada poema verdadeiro esse mito se encarna. A voz dum poeta é a voz desse mito, a voz de todos e a voz sempre única e total. Um poema é uma entidade religiosa, um mistério vivo, uma afirmação do todo e do singular, a unidade de todas as contradições. Em suma, um poema é a expressão da condição humana, uma revelação da vida total. O que, no entanto, um poema exprime não é necessariamente a unidade *dada* entre o eu e o mundo, mas sim a unidade

anterior e, por assim dizer, envolvente, através da própria tensão nascida da separação entre a consciência e o ser.⁷⁵

A linguagem poética é a que mais se aproxima de Deus. É uma linguagem suprema, em que poucos têm o privilégio de contato, de contactá-la, de ser atuantes e eternos. Em *Cânticos*, observa-se a extremada intenção poética de Cecília Meireles. É a busca por algo que se perdeu de vista, mas que se pode resgatar, caso se atente para os ditames da *Verdade*, expressados numa linguagem que beira o divino, o qual é pronunciado através da visão feminina. A mulher é capaz de comungar com o plano espiritual tendo a poesia como o canal de comunicação. E a contradição entre carne e espírito não encontra mais razão de ser, visto ser a poesia algo que o crítico acima mencionado conjectura:

Ela é o testemunho desta condição de segregação e, contraditoriamente, o desvendamento da liberdade essencial que possibilita a superação, o encontro através do desencontro, a mediação entre o espírito e a vida.⁷⁶

A relação entre Amor e a Voz feminina é como que partes de um mesmo segmento. O autêntico sentimento feminino está contido na nobreza denotada pelo Amor. A mulher quando ama, ama mais ao Amor do que o ser amado; cristaliza-se o ser amado no sentimento; não existe espaço para comparações sentimentais; não há quem ama mais, mas há, sobretudo, o Amor. A voz feminina na poesia eleva o sentimento à condição espiritual. Portanto ocorre que o Amor não está preso somente aos valores da carne; o verdadeiro amor está no universo, e a capacidade de senti-lo se aproxima mais do feminino do que do masculino. Não queremos estabelecer com isso uma batalha de gêneros, porém atestar que

⁷⁵ ROSA, Antônio Ramos. *Poesia, liberdade livre*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1962, p. 104.

⁷⁶ Idem.

a mulher é mais sensível do que o homem na relação amorosa; a mulher é mais poética; é mais espírito; é mais sentimento; deposita poesia no Amor e deseja, acima de tudo, uma vida eternamente amorosa.

2.3. Dialogação com o Divino

A vida é uma caminhada em direção a Deus, e lá chegaremos.(Ariano Suassuna)

Neste tópico abordaremos a relação que existe entre o plano material e o espiritual, tendo como meio de contato a *poesia*. Entendemos que o texto poeticamente elaborado, seja em prosa e, mormente, em verso, abre um canal para uma dialogação com o *Divino*. Deve-se entender por *Divino* toda e qualquer manifestação de ordem espiritual engajada na consciência sacra dos seres com hipersensibilidade⁷⁷. A linguagem poética é rica em

⁷⁷ Termo próximo, semanticamente, da designação de canalizador, o que os espíritas denominam *médium*.

aspectos espiritualistas, principalmente a praticada por poetas da categoria de Cecília Meireles que, em *Cânticos*, sai da vertente puramente material e lança-se ao plano espiritual, tendo como veículo condutor o texto poético. Neste texto poético, a poeta, cansada de mundo, adentra a uma linha extra-sensorial a partir do instante em que a conscientização do espírito toma conta de todo o ser. É como se fosse um desdobramento através de um ritual poético. A princípio o texto parece não ter sentido próprio, mas a identificação da marca espiritualista possibilita um entendimento, porque se estabelece a dialogação com o *Divino*.

A poesia de Cecília Meireles faz com que o leitor entre em contato com uma mentalidade além do material. Não é propriamente uma busca, mas uma tomada de consciência de que existe um sítio superior, ao qual só o ser espiritualmente sabedor de sua existência é capaz de chegar. Vejamos os versos que se seguem para atestarmos tal procedimento poético e, por extensão, espiritual.

Não tem mais lar o que mora em tudo.
 Não há mais dádivas
 Para o que não tem mãos.
 Não há mundos nem caminhos
 Para o que é maior que os caminhos
 E os mundos.
 Não há mais nada além de ti.
 Porque te dispersaste...
 Circulas em todas as vidas
 Pairas sobre todas as coisas
 E todos te sentem
 Sentem-te como a si mesmos
 E não sabem falar de ti.

O primeiro verso deste texto afirma, categoricamente, que se pode ir a qualquer lugar, pois os lugares estão naquele(s) que está(ão) disperso(s). Como isso ocorre? Com a tomada de consciência espiritual. Não somos um único ser, somos mais, porque estamos

dispersos. Estamos em tudo, basta abrir os olhos do espírito para vermos que a verdade existe em cada um de nós, as partes do universo, como que a nossa própria face estampada num espelho. Nós estamos conscientes por sermos parte do *Divino* e com ele comungarmos, conosco comungarmos, uma vez que também somos o próprio *Divino*. Tal procedimento só é possível graças à riqueza poética presente nos versos de Cecília. O todo *Divino* é a relação ocorrida sem se dar conta do que ocorre, é um sentir sem saber explicar, *Sentem-te como a si mesmos e não sabem falar de ti*.

Veja-se que não estamos em busca de procedimentos religiosos. Queremos comprovar que, independentemente de quaisquer vertentes religiosas, o ser consciente sabe que existe uma expansão do seu corpo físico e espiritual, por ser ele parte de um todo universal, entendido como *Consciência divina*. Todo o livro *Cânticos* clama por essa conscientização. Nossa análise apenas revela o que se pode depreender do livro. Não que tenhamos a mesma idéia do sentimento do texto, mas, por vezes, admitimos ser conduzidos pela linguagem da autora, por ser ela, a linguagem, persuasiva e exuberante. Somente o texto poético abre espaço para leituras que estão muito além do que os livros críticos, presos a valores materialistas, são capazes de atingir.

O nosso estudo recorre a vários procedimentos de ordem espiritualista, mas não se prende a dogmas, pois estes são candidatos a verdades absolutas e, em se tratando de texto poético, não há verdade absoluta ou verdade única e absoluta. Parece que estamos a dizer que à poesia pode-se atribuir qualquer coisa, mas não é bem assim, somente se atribui ao texto poético aquilo que se identificar com o mesmo. Neste texto de Cecília, o termo espiritualista está além da questão religiosa, porque a religiosidade é presa a valores estabelecidos por uma ordem materialista, conforme ocorre com as grandes religiões de nosso planeta; enquanto o espiritualismo pode recorrer a todas as religiões existentes, mas

não fica preso a nenhuma. O texto espiritualista é compreendido à medida que se toma discernimento da subjetividade humana e espiritual, não existe fórmula estabelecida para tanto, mas ocorre uma intuição que está dentro do ser identificado com o plano espiritual. O conhecimento parte do espírito para a matéria, por isso é possível a expansão daquele em lugares que não podemos definir, contudo há a possibilidade de se sentirem, basta abrir a mente e o coração, pois a mulher e o homem são seres de um mesmo ser, são alma de uma mesma alma, somos todos iguais, busquemos, pois, o entendimento amplo e superior do ser *Divino*, o qual pode ser tocado com a alma. Tal postura em Cecília Meireles faz referência ao texto a seguir de Huberto Rohden:

Tua alma é uma luz – não a extingas...
 Tua alma é uma harpa – não a destemperes...
 Tua alma é um espelho – não o embacies...
 Tua alma é uma flor – não a deixes murchar...
 Tua alma é uma fonte – não lhe turves as águas...
 Tua alma é um santuário – não o profanes...
 Tua alma é um poema – não lhe roubes a poesia...
 Tu alma é uma virgem – respeita-lhe a pureza...
 Tua alma é um mistério – silencia-lhe os segredos...
 Tua alma é um arco-íris – contempla-lhe os primores...
 Tua alma é livre – não a escravizes...
 Tua alma é um sopro de Deus – defende-lhe a vida divina...⁷⁸

Está patente em páginas anteriores que Cecília Meireles não toma outros textos como modelos a serem seguidos, o que ocorre, pois, é um pacto entre modelos espiritualistas, algo que pode ser entendido através da teoria aqui aplicada, uma vez que a

⁷⁸ ROHDEN, Huberto. *De Alma para Alma*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 31.

residualidade pode ser um método de investigação para os mais diferentes segmentos artísticos, filosóficos, históricos, culturais, sociológicos, religiosos etc.

A poesia em *Cânticos* é por demais extravagante no tocante ao espiritualismo, esta vertente no livro de Cecília Meireles ganha uma tal dimensão, que chega a ser inviável uma análise meramente estrutural. Neste longo poema ceciliano, há uma série de temáticas que abordam a questão sagrada em várias tendências religiosas sem determiná-las, tornando este trabalho da poeta maior de nossas letras ainda mais rico em se tratando de linguagem poética.

Uma das temáticas aplicadas no texto de Cecília é a *divinização do ser*. A pessoa é um segmento do *Divino*, é parte divina, por isso deve entendê-Lo. O Ser Supremo está em cada ser humano, porém, para senti-Lo, é preciso o desprendimento material. Nada como a poesia para entrar em contato com o plano maior, ou plano espiritual, aquele onde se encontra o Ser Supremo que é o destino dos homens e mulheres de espírito apurado. Todo o livro é uma conscientização espiritual de rara beleza em Literatura. Talvez a publicação póstuma deste livro fosse providencial para a poeta, uma vez que, em vida corporal, teria tido muito trabalho para explicar esta obra tão cheia de enigmas.

Existe, estabelecendo-se uma comparação de linguagem e abordagem poética, uma particularidade entre o que escreveu em verso Cecília Meireles e o que produziu em prosa Clarice Lispector. Estas duas escritoras têm, na linguagem poeticamente elaborada, uma subjetividade extremada. Em Cecília, observa-se uma forte presença divina no ser que externa o sentimento; o eu-lírico justapõe-se ao Ser supremo como que fazendo parte deste. É a realização espiritual propriamente dita. Já nos contos clariceanos, mormente em *Laços de Família*, verifica-se uma fuga para um outro plano, e essa fuga se torna providencial, porque o ser humano não suporta mais o seu mundo; o mundo exterior carregado de

futilidades que comprometem o avanço psicológico; desta feita o ser humano não somente foge externa bem como interiormente. O texto de Clarice Lispector é riquíssimo e possibilita uma entrega tamanha que, a certa altura, pensamos estar em uma verdadeira viagem astral, como bem expõe Alfredo Bosi:

Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura de seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio. 'Que se fará pela recuperação do objeto'. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. O sujeito só 'se salva' aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora.⁷⁹

Este comentário de Alfredo Bosi pode perfeitamente ser estendido à literatura de Cecília em *Cânticos*. Neste livro, o contato do exterior metafísico com o interior espiritual e psicológico apresenta um objetivo que é o de se justapor à Supremacia divina. A alma faz parte do Ser supremo, é o próprio Deus dos seres humanizados e espiritualizados, porém poucos têm esta percepção e acabam por tornar a vida mais enfadonha e penosa. A alma pesa para aquele que não sabe de sua verdadeira existência, ou seja, pesa para aquele que não quer acreditar no algo mais do que a ilusão terrena, segundo os seguintes versos:

Perguntarão pela tua alma.
A alma que é ternura,
Bondade,
Tristeza,
Amor.
Mas tu mostrarás a curva do teu vôo
Livre, por entre os mundos...
E eles compreenderão que a alma pesa.
Que é um segundo corpo,

⁷⁹ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33ª ed. São Paulo, Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 424.

E mais amargo,
 Porque não se pode mostrar,
 Porque ninguém pode ver...

Ainda sobre Clarice Lispector, é importante destacar a condição espiritualizada dos seres que trafegam em seus textos em prosa. A aparente loucura pode ser, em um de seus contos de *Laços de Família*⁸⁰, a fuga para um mundo desprovido de matéria orgânica. Trata-se de um mergulho no enigmático, no desconhecido, no místico, porém, para o ser aparentemente louco, esse mundo é tão real quanto o plano físico. Clarice Lispector tenta em prosa um contato com o plano que está além das possibilidades físicas, mas bem perto da alma. O texto de Clarice Lispector, por não aderir ao real, no sentido da não reprodução fiel da realidade, causa um certo impacto sobre o leitor acostumado a leituras que não rompem o automatismo cotidiano. Falta a esse tipo de leitor uma maior familiaridade com textos que o coloquem em confronto com uma realidade nova, inesperada, que o forcem a questionar o mundo, a problemática humana e espiritual. Compete ao leitor despertar de uma letargia real e ingressar no plano extrafísico, energético, sublime, enfim, divino. Assim poderá perceber que há bastante poesia nos textos de Clarice e que ela, antes de tudo, escrevia com amor, com a alma; escrevia para o deus interior. Nos contos dela, as convenções familiares se deparam com a relação entre o ser e o existir. Proporcionam o paciente registro de tudo desinteressante que se insere no mundo exterior. A partir de então, o mergulho ao mundo interior se procede de maneira gradativa, encontrando na linguagem o meio mais relevante para ser conduzido. É uma verdadeira viagem, não há como escapar. E o grande valor está exatamente nessa marca inconfundível de Clarice Lispector. Portanto os seus contos se não são a maior representação do gênero narrativo que predomina na contemporaneidade, são talvez um esboço da vida comum de seres comuns que buscam, incessantemente, um motivo qualquer para as suas maneiras de existir. Peca por não ter encontrado um público preparado para desvendar os seus enigmas e os seus suspenses. E isto também se estende a Cecília Meireles. Mas o nosso propósito não está no plano de Clarice, usamos deste plano apenas como um elemento possível de analogia, sendo assim, o enfoque é a *divinização* do ser em *Cânticos*, obra de teor espiritualista e de grande valor literário, mas inviável a um leitor sem referência espiritual. A literatura de Cecília, por analogia, se aproxima

⁸⁰ O conto, que consta neste livro de Clarice Lispector, recebe o título de *Imitação da Rosa*.

da autora Clarice Lispector, à medida que a linguagem poeticamente elaborada toma conta do texto, conduzindo o leitor assíduo⁸¹ a um contato e contrato com o plano divino através do texto literário, um meio valiosíssimo de se estabelecer um diálogo com o *Divino*. A arte literária está além de aspectos meramente materialistas e estruturalistas. Literatura não é tão somente a arte da palavra, é a arte de decifrar palavras, da interação entre o autor e o mundo descoberto em cada obra, objetivando-se à compreensão e abordagem de toda e qualquer área ou segmento social. Talvez a Literatura seja a única manifestação capaz de conter todas as demais e de dialogar com as mesmas. Através da Literatura conhecemos o Mundo, o Homem, a História, a Geografia, a Filosofia, a Sociologia, a Matemática, a Física, a Química, a Metafísica, a Música, o Teatro, a Pintura, a Dança, a Arquitetura, o Sagrado e o Profano, enfim, a Religião e a Ciência, o espírito e a matéria, o *divino* e o humano. E nós, leitores assíduos, temos a obrigação de saber disso. Não somos apenas *fantoches* neste mundo; somos, antes de tudo, aprendizes que são capazes de, de repente, ensinarem que a vida não se limita ao plano físico e palpável. E o texto de Cecília Meireles nos propicia essa intensa sublimação. Possibilita que entremos em contato com o plano maior de nossa existência, o plano da alma, do espírito, que é a parte divina de nossa vida, portanto possibilita o contato e a dialogação com o *Divino*.

Se foi possível uma comparação com a autora Clarice Lispector, é também providencial a comparação com o poeta cearense Pedro Lyra⁸². Observe-se, então, o que nos reserva Pedro Lyra, em sua Advertência VIII, de Lavragem, em que se verifica a junção da carne no espírito a partir do ato sexual. O sexo se sacramenta na voz do poeta cearense, pois de tanto exprimir um sentimento intenso, tal expediente só pode ser oriundo do plano divino. A questão do sexo ser um elemento pertinente ao plano maior não se configura como algo que se prende à contemporaneidade, vem de muito longe, desde tempos em que havia, segundo relatos de textos espiritualistas, o contato direto entre a humanidade e Deus. Deus concedeu ao homem (mulher) a forma de gerar os seus descendentes através do

⁸¹ Denominamos *leitor assíduo* aquele que está familiarizado com leituras diversas e que tem preparo suficiente para leituras de valor espiritualista.

⁸² Em *Desafio: uma poética do amor*, o poeta Pedro Lyra recorre a muitas formas de se amar, inclusive a forma espiritual.

prazer. Se considerarmos os textos presos ao Judaísmo e ao Cristianismo, certamente verificaremos esse contrato entre a supremacia divina e a humanidade. No entanto, existe uma cláusula nesse contrato, a de não se tornar promíscuo, ainda que os antigos heróis judaicos, Salomão é exemplo, tenham extrapolado nas variadas formas de amar. E são inúmeros os exemplos em que, por meio da intensa sexualidade, o ser se converte na santidade desejada por Deus. Em *Oratório de Santa Maria Egipciaca* tal expediente se confirma. Passemos, então, ao texto do autor cearense Pedro Lyra.

VIII

Percorrer
 penetrar
 ser percorrido
 voar
 ser penetrada
 abrir as órbitas
 e se ligar ao cosmos pelos nervos
 por mente
 sangue
 carne
 pelas ondas
 dessa corrente que atravessa as fibras
 aos extremos do ser;
 parar o tempo
 fender o espaço
 e se afogar nas termas
 sem trava
 sem limite
 sem retorno
 em descarga de essências e medulas
 queimando
 latejando
 deliciando
 e numa sensação de plenitude
 num átomo conter a infinidade
 num átimo cruzar a eternidade
 para fundir corp'alma

nesta síncope.⁸³

Pedro Lyra é um poeta que dialoga com as mais variadas vertentes da poesia em Língua Portuguesa. Podemos relacionar a sua poesia, no que diz respeito ao lirismo amoroso, com aspectos da poesia lírica e sagrada de Cecília Meireles. Em Lyra, o Amor toma uma forma sagrada, sendo o mais sublime dos sentimentos, é o que se pode observar nas mais variadas tendências da poesia contemporânea brasileira e lusitana, portanto pode-se dizer, sem a menor cerimônia, que o poeta cearense está de parabéns, porque a sua obra está fundamentada nas grandes composições poéticas da história da Literatura brasileira e portuguesa, como também da Literatura universal. Este sentimento que funde carne e espírito é uma revelação de que tudo no ser humano é sacralizado e entra em contado com o plano divino.

Considerando-se o livro *Desafio: uma poética do amor*, em sua quinta parte, os versos de Pedro Lyra são os do homem e da mulher que se libertam em um vôo rasteiro, observando de todos os ângulos para, assim, entonarem o seu canto mavioso de sedução em forma de verso, de poesia, de canção, de sexo, como bem se percebe em Soneto de Constatação – V de Figurações, lembrando inclusive o *Cântico dos cânticos*. A ambigüidade do sentimento é comprovada a cada soneto nesta parte do livro. O Poeta faz um alerta quanto aos extremos que estão atrelados ao Amor – perda, ganho; doçura, fel; arco-íris, treva etc. Pode-se perceber, nitidamente, a influência medieval e camoniana, em Lyra, quanto a essas marcas. Tais características fazem-nos lembrar Ritmas, do poeta lusitano. A lírica camoniana é marcada por uma dualidade – influências medievais e renascentistas –, que se acentua, à medida que os pólos antagônicos se aproximam. O tema

⁸³ LYRA, Pedro. *Desafio: uma poética do amor*. 2ª ed. Fortaleza: Topbooks/Edições UFC, 2001, p. 161

mais rico da lírica de Luís Vaz de Camões é o Amor, visto como idéia (neoplatonismo) e como manifestação da carne. Não ousamos, assim, uma comparação direta entre o maior poeta de todos os tempos da Língua portuguesa com o poeta cearense, mas podemos afirmar que em Lyra existe uma forte lembrança de elementos medievais e renascentistas que se cristalizaram há alguns séculos e que insistem em continuar nos dias que correm, bem como se observa na produção poética de Cecília Meireles. Porém, nesta autora, os elementos sacro-medievais são mais relevantes do que a visão puramente carnal e sensual posta em prática pelos poetas renascentistas. Em Cecília Meireles, o Amor leva à felicidade, à morte, a algum destino, até a supremacia divina, pois ele vai e não volta, visto que o seu destino é está diante da divindade que o espera, melhor, é ser a própria divindade, é ser sagrado, é o Amor de toda natureza de homens e mulheres.

3. Texto Incidental (Oratório de Santa Maria Egípcíaca)

Os Evangelhos são lendas; eles podem conter história, mas certamente nem tudo ali é histórico.
(Ernest Renan)

O texto de que iremos dispor a seguir é uma das obras de caráter religioso mais significativa do conjunto da literatura de Cecília Meireles. Trata-se do *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, um auto poético em que se destacam três vozes: Santa Maria Egípcíaca, Voz Mística e Voz Descritiva; três cenários: Alexandria, Jerusalém e Jordão. É um texto onde se observam os estigmas da figura feminina em busca do prazer carnal e, mediante os sofrimentos, da ascensão divina, o que consegue após o diálogo com a Voz Mística, que pode ser entendida como parte do *sagrado* na consciência dos seres. Esta voz é capaz de revelar os sentimentos mais escondidos de Maria. Tudo começa no cenário de Alexandria,

aonde Maria vai, em busca de prazer, pois se sente vigorosa para realizar os seus desejos.

Mas a *voz sagrada* a indaga, sabendo já o que Maria vai dizer:

VOZ MÍSTICA

Maria do Egito, Maria,
por que saís de casa,
por que foges de tua gente
que vai morrer de melancolia?

MARIA EGIPCIACA

Venho para Alexandria.

VOZ MÍSTICA

Que vens fazer, Maria,
sem conhecido, amigo ou parente,
Maria do Egito, em Alexandria?

MARIA EGIPCIACA

Fala Sou rio, serpente,
corro para onde quero, sozinha,
Canta para longe corro.
Sou perfume de óleo fervente,
ervas, flor, semente
em viva brasa.
Do meu fogo morro.
Fala Não há fogo de sol nascente,
não há fogo de sol ardente
que se compare a labareda minha.
Olha os meus braços que seguem na minha frente,
finas cordas de seda muito seguras,
olha o meu vasto cabelo sombrio,
que é uma vela redonda de noite e de vento.
Canta Olha o meu corpo como um navio
cortando as horas escuras
e a louca espuma fosforescente...
Olha na minha boca o mel das tamareiras...

VOZ MÍSTICA

Canta Cala-te, Maria,
faze da tua beleza
uma estrela acesa,
enquanto esperas
a luz do dia...⁸⁴

⁸⁴ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 247-8.

A Voz Mística tenta de forma autoritária demover Maria de seu intento, mas esta parece não atender o chamado e continua a se envaidecer, descrevendo-se, metaforicamente, a fim de se afirmar como mulher irresistível. Mas Maria não tem consciência suficiente, e a Voz Mística revela-lhe que o tempo é cruel e nada é para sempre nesta terra de enganos. Sem dar ouvidos, Maria segue para Alexandria à procura de satisfazer os desejos do corpo como que um vício. Vai deitar-se “nas franjas da água luzidia, inaugurar um porto de amores, ser a sua mais fina mercadoria”. Maria pretende-se sedutora e realizadora dos desejos masculinos, e divaga em filosofias simplistas, onde afirma que morre “melhor no amor que os sábios em sabedoria”. A Voz Mística segue aos ditames da fé católica a qual denuncia os iníquos, ameaçando-lhe o fogo da perdição, o fogo eterno do inferno. Mas Maria não se comove e detalha o que vai fazer:

MARIA EGIPCIACA

Fala Em cofres de marfim e sândalo
levantarão seus delicados presentes
de seda mais que o ar transparentes,
com folhas de ouro e prata e raios de água e lua.
Canta E quedarei velada e nua,
oculta e fosforescente...

VOZ MÍSTICA

Canta Maria do Egito, em fogo breve será consumida
tua pequena, ardente vida.
Maria do Egito, em fogo eterno será queimada
tua paixão desesperada.

MARIA EGIPCIACA

Fala Não me atireis palavras de escândalo,
que eu não serei jamais mulher que se venda,
seja mendigo ou imperador quem me pretenda.
Canta Eu sou mulher eternamente dada
que em seu próprio fogo se sente abrasada.
Sou a minha escrava, mas sou minha dona,
amo o meu próprio amor, que não me abandona,
que é todos os dias uma flor nova...

VOZ MÍSTICA

Fala Todos os dias serás uma pedra da tua cova...

MARIA EGIPCÍACA

Canta Envolver-me no bálsamo de todos os vícios...⁸⁵

A consciência de Maria é servir à devassidão, é peregrinar no pecaminoso caminho da luxúria. Os desejos são mais ardentes, como se, a cada intervenção da *voz sacra*, Maria se excitasse a cair em tentação. Vê-se nova, cheia de fogo, bela e independente, porém nada é eterno, e a *voz*, sempre a alertar, interpõe-se nos pensamentos de Maria para denunciá-la e chamá-la a uma vida cheia de vida e não de vícios. Diz que o presente não é o tempo determinante, uma vez que ele passa e todos os desenganos da vida se vão com ele, até percebermos o quão ingênuos somos, porque “a vida não é o dia de hoje!” A *voz sacra* lança outra ameaça para que Maria regresse a sua terra, onde se esqueceu de si e, perdida, percorreu caminhos de ilusão. Porém Maria ainda vive os impulsos da jovialidade e se diz amada, pois o amor está consigo, portanto não existe mais prazer do que estar amando no amor e se entregando de corpo inteiro a quem a procurar na busca do prazer.

MARIA EGIPCÍACA

Canta Eu sou a água, eu sou a rosa,
que me desfolho, que me desfolho.
Quero dar-me a quem passa, eu, Maria,
irreprimível dadivosa,
quem me recebe não vejo, só amo...
Fala Meu corpo é a minha sabedoria,
meu rito é o tempo que se goza
na trepidante Alexandria.
Meu nome é a ardente alegria.

VOZ MÍSTICA

Fala Volta, Maria do Egito, regressa
à tua casa, Maria do Egito, dessa
triste aventura despede-te, depressa!

⁸⁵ Idem, p. 252.

MARIA EGIPCÍACA

Canta É neste mar que navego,
 mirando o que por mim passa,
 em viagem de que nunca chego...
 Quem me beija, quem me abraça
 fica em deslumbrado sossego.⁸⁶

Finda a primeira parte. Maria revela que vai à procura de amores em Alexandria e navega fazendo conjecturas, planos e devaneios. A *voz sacra* não a convence de retornar ao lar, porém não se cansa de fazer interposições. Já em Alexandria, Maria recebe romeiros e todo tipo de homem que lhe quer os amores.

Está claro que esta história nos remete à Alta Idade Média, aquela bem próxima dos primeiros séculos do Cristianismo. A Terra Santa, Jerusalém, lugar de peregrinação e onde Nosso Senhor foi morto, é o destino daqueles que desejam redimir-se dos pecados, entretanto, ao passarem em Alexandria, muitos não resistem às tentações de Maria, caem por terra e nos afagos de Maria Egipciaca. Na segunda parte, aparece uma Voz Descritiva que apresenta a chegada de romeiros em Alexandria, bem como a ardilosa Maria tentando esses romeiros a se demorarem um pouco em seus domínios, ou então seguir viagem com eles.

VOZ DESCRITIVA

Fala Parou um barco em Alexandria,
 cheio de romeiros para a Terra Santa.
 Na sua almofada, de onde o mar se via,
 eis Maria que se levanta.

MARIA EGIPCÍACA

Fala De que terra falais, e de que profecias
 e por que navegais com pressa tanta?
Canta Vinde comer à minha mesa,
 onde o alimento é a minha beleza,
 vinde beber meu vinho doce e forte.
Fala Por que ireis procurar a morte?

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 254.

Canta Que gosto é o vosso por sepulcros e por cruzes?
 Ficaí comigo, descansai neste aposento
 onde o meu sonho é o mar e a minha voz, o vento,
 e meus olhos outros faróis de extensas luzes...
Fala Ou levai-me convosco que posso pagar o que quiserdes.
 Eu mesma serei a moeda, seja qual for o vosso preço:
 pois meu peito é uma cesta de frutas e flores,
 meus olhos, uns tanques de inquietos peixes verdes,
 minha cintura uma harpa com fitas de mil amores,
Canta e é uma noite de seda o meu cabelo aberto,
 e a minha boca uma tâmara entre os ventos do deserto...

87

Maria se entrega aos amores fugazes e seduz cada romeiro que a procura em busca de satisfação carnal. Estes esquecem até o propósito que têm. A Terra Santa parece não mais ser o destino dos romeiros “e da sua fraqueza mui surpreendidos, os romeiros devotos se debruçavam sobre Maria, e diante dela Jerusalém desaparecia”. Portanto os prazeres que oferece Maria Egípcíaca são a terra que a procuram. É uma história que aponta para a remissão, como todo relato de ordem religiosa. Maria está perdida, mas não é perdida, quando se encontrar, perceberá o quanto foi injusta com ela mesma e com os desígnios de Deus. Texto que, analisado à luz do Cristianismo, descamba para histórias semelhantes à de Maria Egípcíaca, uma mulher carregada de pecados, mas que se renova a partir do conhecimento da fé em Cristo, insistentemente citada pela *voz sacra*, a qual pede que Maria parta também em romaria, deixando os delírios de Alexandria, para “ver a vida que da morte se levanta, no milagre da Terra Santa, como sai da noite o dia”. E Maria vai à Terra Santa onde “os romeiros avistaram o sítio sagrado e pensaram em seu Mestre Jesus, que foi morto para que os homens tivessem alma e eterna vida”, esquecendo-se “daquela que era uma deusa no porto movimentado de Alexandria”.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 255

Maria também avista Jerusalém e parece sentir uma sublimação. A magia do lugar mexe com Maria e ela se deixa levar pelo sopro espiritual, tomando consciência de que Deus está perto dela e que o destino daquela pecadora é ser serva do Senhor. Pesa-lhe o corpo que tanto serviu aos homens, toda a magia da sedução se esvai e Maria encontra um novo caminho, o isolamento no deserto para diferenciar o certo do errado.

VOZ DESCRITIVA

Fala E Maria prostrou-se com o rosto na poeira,
e cheia de lágrimas respondia desta maneira:

MARIA EGIPCIACA

Fala Senhor, Senhor, Senhor, eu sou Maria,
aquela do porto de Alexandria,
que desde menina vivo dedicada
a amar quem passa pela cidade.
Como posso cantar para a Eternidade,
se a minha vida é só para breves instantes?
E como poderei amar a Divindade,
se apenas mortais têm sido os meus amantes?
Senhor, eu não sou romeira nem peregrina,
eu sou a que fugiu de casa, quando era menina,
a que era tão leve, tão bela e graciosa
que nem a palmeira, que nem a brisa, que nem a rosa.
Não posso mais levantar meu rosto para o rosto
daqueles que deixei desesperados de desgosto,
como o levantarei para a tua Face, que é divina? Senhor, não
posso dar um passo para frente!
Sinto nos pés a força de uma severa corrente
e não consigo acompanhar toda essa gente
que canta seus hinos diante de Ti ajoelhada...
Mas eu amei quanto pude, amei por amar, mais nada.
Deixe-me ir para trás, ao menos, para o deserto,
aprender o que está errado e o que está certo,
e voltarei, talvez, se conseguir um dia chegar perto
de Ti, Senhor, e iluminada!⁸⁸

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 260.

E Maria foi para o deserto abrindo o seu coração à luz Onipotente. Ela levou cinqüenta anos como penitente no deserto, mas, como bem disse a *voz sacra*, sobre o fogo que a consumia, “verás cair de teu corpo como um vestido encarnado, e estarás para sempre livre do vil pecado”. Típica moral religiosa. Uma mulher perdida, uma pecadora, uma pessoa cheia de demônios conhece a palavra e os ensinamentos do Cristo e decide não mais continuar em uma vida de perdição. A história desta Maria apresenta semelhança com a história de outra Maria, a Madalena, mulher perdida que Cristo acolheu como apóstolo, porém, nas passagens dos Evangelhos, não existe confirmação de que Maria, a Madalena, fosse uma pecadora e uma mulher da luxúria. Foi um mito que se criou e se arraigou no mundo cristão. Uma injustiça que permaneceu durante muito tempo como dogma eclesiástico, a fim de se evidenciar e confirmarem os poderes exercidos pelo filho de Deus na Terra⁸⁹. Segundo os evangelistas canônicos, Ele foi capaz de dar vida nova a quem vivia em ilusões passageiras. Assim também ocorre com Maria Egípcíaca, a sua vida de ilusões chega ao fim. Refugia-se no deserto para redimir toda a culpa existente em seu espírito, até encontrar o abade Zósimo, que se compadeceu com sua história e procurou-a por três vezes para dar ciência ao que estava ocorrendo ali com aquela mulher, a qual conseguia ver o passado e prever o futuro como um profeta antigo.

VOZ DESCRITIVA

<i>Fala</i>	Então, Zósimo estendeu à penitente um punhado de tâmaras, de lentilhas e de figos. E ela deslizou pelas águas, leve e nua como no quarto minguante o vulto da lua. “Como sabes meu nome?”, perguntou Zósimo [sempre assombrado.
-------------	--

⁸⁹ Sobre a vida de Maria Madalena com Jesus Cristo, consultar: STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena, a noiva no exílio*. Tradução de Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2006; ARIAS, Juan. *Madalena: o último tabu do Cristianismo*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006; *A Verdadeira História de Maria Madalena* / org. Dan Burstein e Arne J. de Keijzer; tradução de Alexandre Martins e Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MARIA EGIPCÍACA (*voz de Maria*)

Canta “O vento que me ensina o Evangelho
fez-me clarividente.
Sei o nome de amigos e inimigos,
e o de cada pecado:
vejo o futuro como vejo o passado,
minha alma vai sendo mais nova, no corpo mais velho.
Como é possível que eu tenha sido a de antigamente.
Choro por mim, como por outra pessoa.
E meu corpo que foi de chumbo agora voa.”⁹⁰

E o abade se comove com a história que ouvira e vira da peregrina de Alexandria. Encontra-lhe o corpo decaído no deserto, mas sente receio de enterrá-la, pois poderá desagradá-la, como bem se observa neste trecho da *Legenda Áurea*.

Quanto ao ancião, retornou a seu mosteiro e no ano seguinte foi ao lugar combinado, mas encontrou Maria morta. Pôs-se a chorar e não ousou tocá-la, mas disse consigo mesmo: “Eu sepultaria de bom grado o corpo desta santa, mas temo que isso a desagrade”. Enquanto pensava assim, viu as seguintes palavras gravadas na terra, perto da cabeça dela: “Zózimo, enterre o corpo de Maria, devolva à terra sua poeira e ore por mim ao Senhor, por ordem do qual deixei este mundo no segundo dia de abril”. Meditando sobre o fato, o ancião concluiu que ela terminara sua vida no deserto, no ano anterior, logo após ter recebido o sacramento do Senhor. Ora, antes de ir junto de Deus, Maria tinha ido em uma hora do Jordão ao deserto, distância que Zózimo com muita dificuldade levava trinta dias para percorrer.⁹¹

Voltando ao texto de Cecília Meireles, o padre resolve contar a história desta magnífica personagem da fé cristã e colocá-la à disposição de todo o mundo cristão. Conte-lhe a história rendendo-lhe graças e honras comovido pela situação em que se encontrava Maria Egípcíaca.

⁹⁰ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 266.

⁹¹ DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 354. Observar que, no escrito traduzido por Hilário Franco Júnior, o nome do abade se grafa com dois “Z”, já em Cecília Meireles o nome do clérigo está escrito com “Z” e “s”.

VOZ DESCRITIVA

Fala E seu vulto, na verdade, voava e desaparecia.
E Zósimo chorava também por Maria de Alexandria.⁹²

Dirigindo-se ao deserto pela terceira vez, Zósimo a procura intensamente e grita pelo seu nome. E procura-a, sem obter respostas, pois Maria Egipciaca não mais se fazia presente no mundo que a degradou.

VOZ DESCRITIVA

Fala A terceira vez que Zósimo veio pelo deserto
procurou-a mas não a encontrou nem longe nem perto.
Chamou-a: Maria do Egito! Maria de Alexandria!
Mas dos confins da areia o eco repercutia:
“Santa Maria!”

(Música sem palavras, formando um breve intervalo. Depois, a música serve de fundo.)

E chamou-a dias inteiros.
Mas não viu mais a velha penitente.
E em vão para os quatro ventos lançava seu grito:
Maria do Egito!
Fugitiva Maria Rebelde e brava!
Maria dos barqueiros, dos marinheiros e romeiros.
Maria de Alexandria,
Maria, a vítima da pérfida Serpente,
Maria em parte alguma se encontrava:
nem Maria acordada à luz do caminho santo,
batizada não no Jordão, mas no seu pranto.
Maria de dolorida sabedoria
não se encontrava mais em parte alguma:
passara como no vento a nuvem e na água a espuma.

(Sem música)

Fala E Zósimo sentiu que ela agora habitava
a celeste Jerusalém,
de onde ajudaria a livrar de seus errôneos amores
os que nas ondas dos desejos vão e vêm.
Canta E pois que todos somos desses navegadores,
por ela seremos ajudados, também.

⁹² MEIRELES, Cecília. *Poesia completa Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 266.

CORO Amém.⁹³

A história de Maria do Egito é uma breve peça de extremada sensibilidade poética. É preciso pesquisa histórica e religiosa, mormente do mundo cristão, para poder conceber uma belíssima poesia sacra como esta que nos apresenta Cecília Meireles. O relato finda com um narrador afirmando que a vida de Maria do Egito nos foi repassada pela comoção e sensibilidade do clérigo Zósimo, como se bem pode verificar na passagem que fecha o oratório poético.

NARRADOR PRESENTE

Zósimo voltou então para o seu convento,
Chorando de pena e alegria
pelo que tinha visto e escutado
e escreveu a história de Santa Maria,
da sua vida e do seu arrependimento,
para que Santa Maria Egípcíaca, salva do pecado
também o fosse do esquecimento.

*(Música sem palavras)*⁹⁴

A narrativa acerca de Maria Egípcíaca pode nos ter chegado através de relatos orais que proliferaram na Idade Média. O repasse de mentalidades, através de histórias contadas oralmente, era muito comum nos primeiros tempos do Cristianismo e acentuado durante o período medieval. Os resíduos⁹⁵ de histórias sacras se fazem perceber na contemporaneidade em virtude do forte empenho de grupos religiosos, teólogos, historiadores e curiosos que buscam dar autenticidade aos relatos do mundo cristão. Este expediente de repasse histórico ocorre também com os evangelhos. Não se sabe ainda com precisão qual forma literária dos evangelhos é a mais autêntica. Bart D. Ehrman, em seu livro sobre os escritos primeiros do cristianismo, acerca da mulher flagrada em adultério,

⁹³ Idem, pp. 267-8.

⁹⁴ Idem, ibidem, p. 268.

⁹⁵ Ver notas acerca da *Teoria da Residualidade*.

afirma que não há base científica para o relato em questão, visto que, se considerarmos o evangelho de João, onde o relato é apresentado, não se pode chegar a uma conclusão concreta, pois muitos aspectos da história ficam a desejar.

Apesar do brilhantismo da história, de sua cativante qualidade e de seu enredo próprio, ela suscita um outro problema enorme. Ao que tudo indica, ela não é parte original do Evangelho de João. De fato, não é parte original de nenhum dos evangelhos. Foi acrescentada por copistas posteriores. (...)

Como, então, ela foi acrescentada? Há numerosas teorias acerca disso. Muitos pesquisadores pensam que provavelmente se tratava de um relato bem conhecido que circulava na tradição oral sobre Jesus, que a certa altura foi acrescentado à margem de algum manuscrito. A partir daí, algum copista ou alguém achou que a nota marginal devia ser parte do texto e a inseriu imediatamente depois da narrativa que acaba em João 7,52. Deve-se notar que outros copistas inseriram o relato em diferentes pontos do Novo Testamento – alguns deles depois de João 21,25, por exemplo, e outros, o que é bem interessante, depois de Lucas 21,38. em todo caso, quem quer que tenha escrito o relato, não foi João.

E isso naturalmente deixa os leitores em um dilema: se essa história não fazia originalmente parte de João, pode ser considerada parte da Bíblia? Nem todos responderão a essa pergunta do mesmo modo, mas para a maioria dos críticos textuais a resposta é não.⁹⁶

A história da mulher flagrada em adultério inexplicavelmente é associada à personagem bíblica Maria Madalena. Não se sabe o motivo de tal associação, o fato é que sempre mencionada esta história, logo se estabelece a correspondência com Maria de Magdala, a Madalena. Rezam alguns versículos do Novo Testamento⁹⁷ que Jesus expulsou de Madalena sete demônios. Mas o que seriam demônios para a época em que se iniciava a doutrina do Cristianismo? Poderiam ser doenças do espírito bem como materiais. Contudo uma coisa é certa: não existe neste episódio uma única inferência de que Maria Madalena

⁹⁶ EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? : quem mudou a Bíblia e por quê*. Tradução de Marcos Macionilo. São Paulo: Prestígio, 2006, pp. 74 –5.

⁹⁷ LUCAS 8: 2

tenha sido curada da prostituição. Muito menos que ela seja a mulher flagrada em adultério, pois se assim o fosse, por que o marido traído não estava a seu lado para observar a lapidação? Não existem respostas satisfatórias para tanto questionamento acerca da figura feminina mais intrigante do Cristianismo. Talvez Madalena seja tão reverenciada em segmentos cristãos, como o catolicismo, do que a mãe do cristo, a Virgem Maria. Recentemente a personalidade de Madalena veio à tona, como que um resgate histórico que o mundo cristão tenha que realizar. Em várias manifestações artísticas, Maria Madalena está em evidência, por ser uma personagem que desencadeia muita curiosidade e fascinação. No tão falado *O Código da Vinci*, romance sensacionalista de Dan Brown, a mitológica Maria Madalena surge como se estivesse reclamando os seus direitos de fundadora e divulgadora do Cristianismo, a partir de seu suposto matrimônio sagrado com Jesus Cristo. Trata-se de uma obra de ficção, mas que, sem dúvida alguma, despertou muita discussão e interesse da parte do grande público e até mesmo das hostes da Igreja Católica. Pode-se criticar Brown pelo seu parco conhecimento literário, mas não se pode crucificá-lo pelo fato de atribuir a Cristo um matrimônio, uma vez que outros escritores, inclusive o próprio José Saramago, explicita claramente, em seu *Evangelho segundo Jesus Cristo*, que Maria Madalena era amasia de Jesus Cristo. Isso está no cerne da ficção, porém causou muito furor, uma vez que mexeu com vários dogmas da fé instituídos pelo catolicismo.

A intensa busca por personagem como Maria Madalena pode ter se iniciado no advento da Idade Média. Dan Burstein nos assegura isso com muita propriedade, acrescentando que no mundo ocidental a cultura se mistura à religião e fica quase inviável uma pesquisa que traga esclarecimentos concretos, contudo, nem por isso, devemos esquecer a empreitada, visto que a figura de Madalena se confunde com o papel das mulheres no mundo ocidental. E por conta desse aspecto, Madalena ganhou dimensão

atemporal e supra-espacial, ou seja, o tempo não foi determinado, nem o espaço delimitado para a grandeza deste mito do cristianismo. A mulher, com quem Jesus conviveu, ganha magnitude nos tempos de hoje, insistindo na retificação de sua história, ou quem sabe, da própria história do Cristianismo.

Parece que o verdadeiro significado de Maria Madalena com frequência continua a ser um reflexo do espelho que seguramos diante de nós mesmos. Para alguns estudiosos e figuras religiosas, a narrativa dominante, que considera que a doutrina cristã foi estabelecida por Jesus e tem sido transmitida de maneira resoluta desde então, deve permanecer inalterada em seu lugar – muito embora, como acaba se revelando, o que nos foi ensinado sobre Maria Madalena provenha do pensamento da Idade Média, e *não* dos lábios de Jesus. Muitos outros abraçam um cristianismo nascido da diversidade e cultivado pelo igualitarismo e pela tolerância. Para alguns, ainda, Maria Madalena é apenas nominalmente uma figura na história cristã. Considerando como o cristianismo e a civilização ocidental têm estado intimamente entrelaçados nos últimos dois mil anos, a evolução mítica de Maria Madalena é de fato um metacomentário sobre como a nossa cultura vê o papel das mulheres de uma maneira mais geral.⁹⁸

Retomando o mito da mulher pecadora que é redimida por acontecimentos espirituais, é importante estabelecer que tal fenômeno comunga com o objetivo de dilatação da fé, e esta se expande quando um acontecimento miraculoso se estabelece. Na doutrina cristã, Maria do Egito, por exemplo, chegando às portas de Jerusalém, ficou estática, não conseguindo transpor os portões da cidade sagrada, uma vez que era pecadora, e a cidade não se abriria para uma pecadora que ousou transformar a vida de seus romeiros. Como Maria superou essa chaga? Através da transformação pela fé em Cristo. Redimindo-se de suas iniquidades, tendo que sofrer isoladamente por cerca de cinquenta anos no deserto. Aqui encontramos uma semelhança considerável com a história de Maria Madalena que, ao final de sua vida, teve que se refugiar em um lugar inóspito, vestida somente pelas longas madeixas e alimentada por um alimento celeste trazido por seres do céu.

⁹⁸ *A Verdadeira História de Maria Madalena* / org. Dan Burstein e Arne J. de Keijzer. Tradução de Alexandre Martins e Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, pp. 12-3.

Transcrevemos duas passagens reveladoras desta coincidência entre Maria do Egito e Maria de Magdala, a primeira pertence à obra de caráter cristão mais reverenciada, depois da Bíblia, durante a Idade Média, trata-se da *Legenda Áurea, vidas de santos*, de Jacopo de Varazze, onde se verifica a seguinte assertiva sobre a mulher que até os nossos dias causa discussões.

Por esse tempo, a beata Maria Madalena, desejosa de entregar-se à vida de contemplação das coisas do alto, dirigiu-se a um deserto austeríssimo e num lugar preparado pelas mãos dos anjos permaneceu incógnita por trinta anos. Naquela região não havia fontes, árvores e ervas, para que ficasse claro que ela não tomou ali alimentos terrenos e sim que nosso Redentor fez com que se saciasse com banquetes celestiais. Todos os dias, nas sete horas canônicas, era elevada pelos anjos ao Céu etéreo onde com seus ouvidos corporais ouvia a harmonia de vozes dos gloriosos exércitos celestiais. Todos os dias era saciada com iguarias agradabilíssimas até ser levada de volta a seu lugar pelos anjos. Por isso não sentia a menor necessidade de alimentos corporais.⁹⁹

Já no livro *A Verdadeira História de Maria Madalena, os segredos da mulher mais instigante da Bíblia*, Dan Bursteis e Arne J. de Keijzer transcrevem um artigo da revista *The New Yorker*, produzido por Joan Acocella, onde se pode observa uma proximidade, não extremada, mas considerável, com o texto medieval de Jacopo de Varazze, contudo:

Ela acabou se cansando de pregar e retirou-se para uma caverna numa montanha próxima de Marselha, onde chorava e se arrependia de sua juventude sórdida. Não usava roupas: era coberta apenas por seus longos cabelos (ou, em algumas pinturas, por uma horrorosa espécie de pele). Tampouco se alimentava. Uma vez por dia, anjos desciam para levá-la ao Céu, onde ela recebia “alimento celestial”, e depois a devolviam à gruta. Isso continuou por trinta anos. Então, um dia, seu amigo Maximino, bispo de Aix, encontrou-a levitando dois côvados acima do chão e rodeada por um coro de anjos. Ela imediatamente expirou.¹⁰⁰

⁹⁹ DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 549.

¹⁰⁰ *A Verdadeira História de Maria Madalena* / org. Dan Burstein e Arne J. de Keijzer. Tradução de Alexandre Martins e Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 56.

No texto de Jacopo, existe um deserto, já em Joan Acocella, aparece uma caverna, porém Acocella reconhece que a base da história, a que ele faz menção, está na *Legenda Aurea*, conforme a seguinte passagem:

Este é um resumo de várias histórias, mas a maioria delas pode ser encontrada em *A lenda de ouro*, uma compilação das vidas dos santos escrita por um dominicano do século XIII (...).Depois da Bíblia, diz-se que *A lenda de ouro* foi o texto mais lido na Idade Média. Com base nele, sermões foram redigidos, peças escritas, retábulos pintados (...) ¹⁰¹

Percebe-se que o texto contemporâneo de Acocella está fundamentado no escrito medieval de Jacopo. Se no autor contemporâneo existe uma caverna, e em Jacopo, um deserto, esses dois lugares não deixam de ser inóspitos. Muitas transcrições havia das histórias dos santos, neste caso santas, e de tanto serem ditas, contadas e escritas, acabaram ocorrendo algumas modificações, verificando-se confusões de estilo e, principalmente, de escrita, mas o cerne da questão parece ter sobrevivido, uma vez que, em nossos dias, estamos ainda em busca de um atestado concreto acerca de muitos personagens sagrados. Sobre Maria Madalena, parece que vamos ter muitos debates até se chegar a um denominador comum. Espera-se que a favor desta personagem tão rica histórica e literariamente.

No que diz respeito ao resgate pelo sofrimento, isto é outra atração da fé cristã, e quando é atribuído a mulheres, geralmente essas mulheres são pecadoras que precisam de recomposição, para atingirem o grau mais elevado da espiritualidade cristã. A prostituição é o início de uma metamorfose que se processa a partir de um fato insólito, no caso de Maria do Egito, ela ficou paralisada defronte à Terra Santa, sem poder adentrá-la, por ser quem era, isto é, uma leviana, devassa mulher que destruía os desígnios divinos com o seu corpo

¹⁰¹ Idem, pp. 56-7.

sensual. Deus tinha que dar um basta nesta situação, e Maria percebeu o toque divino às portas de Jerusalém. Sublimou-se pelo sofrimento eremita no deserto. Elevou-se à categoria de santa, porque soube interpretar os desejos de Deus e também teve capacidade e superação de realizá-los, e Zósimo foi o portador da notícia que se espalhou pelo mundo cristão e chegou-nos de maneira poética, possibilitando o surgimento de novas versões da história de Maria do Egito, conforme a seguinte passagem da *Legenda Áurea*, livro muito reverenciado pelos líderes espiritualistas da igreja cristã.

Após essa prece, confiando na bem-aventurada Virgem, fui mais uma vez até a porta da igreja, pela qual passei sem o menor obstáculo. Quando terminei de adorar a Santa Cruz com grande devoção, alguém me deu três moedas, com as quais comprei três pães, e ouvi uma voz que me dizia: “Se atravessar o Jordão, estará salva”. Atravessei o Jordão e vim para este deserto, no qual fiquei 47 anos sem ter visto homem algum. Os três pães que levei comigo, embora com o tempo tenham se tornado duros como pedras, bastaram para me alimentar por 47 anos, mas minhas roupas há muito tempo apodreceram. Durante os primeiros dezessete anos passados neste deserto fui atormentada pelas tentações da carne, mas hoje já as venci, com a graça de Deus. Agora que contei toda minha história, peço que reze a Deus por mim.¹⁰²

Observam-se, na passagem acima, elementos que não compactuam com a realidade factual, isto é, aspectos que rompem com a realidade concreta dos fatos, evidenciando uma realidade que beira o sobrenatural. Mas esse expediente é necessário para que ocorra a transformação do ser delinqüente, bem como para repassar a gerações vindouras o sentido da fé, e que tudo é possível, se acreditamos. A história de Maria do Egito pode ser comparada com a de Madalena, à medida que ambas se propõem à transformação através de uma ocorrência inexplicável do ponto de vista material, mas aceitável no contexto espiritual. A comparação feita entre as duas personagens santificadas é pertinente, pois ocorre, segundo a tradição religiosa do Cristianismo, o mesmo procedimento de remição,

¹⁰²DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 353.

embora Maria Madalena, em nenhum dos quatro evangelhos canônicos, tenha o tratamento de prostituta. Já Maria do Egito, prostituída e espiritualmente fraca, revela-se de maneira patente que é uma mulher em busca da salvação, porque os enganos da juventude a levaram para um caminho espinhoso e cheio de tormentos, assim, procura um caminho que lhe conceda a atenuação do sofrimento, e o deserto, árido, quente e infértil, foi o caminho seguido por Maria Egípcíaca para atingir o estágio de salva e, posteriormente, da santidade.

A principal proposta, neste segmento de nosso estudo, é de instigar historicamente aos interessados no assunto, que recorram a textos literários, e pesquisem acerca da figura feminina nos textos sagrados da tradição judaico-cristã. Maria do Egito e Maria de Magdala são personalidades que ilustram muito bem o quanto à figura da mulher, na tradição ocidental, foi relegada ao segundo plano. No plano de Deus, é como que a mulher apenas servisse de lição, ainda que essa lição tivesse sofrimentos e decadência física, com o intuito de elevar o espírito, meta maior da doutrina cristã. Isso se revela com propriedade no *Oratório de Santa Maria Egípcíaca* e, por analogia, a história de Maria Madalena, a mulher estigmatizada até bem pouco tempo pelos dogmas de uma igreja que teima seguir uma linha traçada desde a Idade Média¹⁰³. É neste período da história ocidental em que se pode projetar uma pesquisa embasada em valores históricos e não apenas em apelos geradores de livros e filmes de cunho sensacionalista. Nós aqui apenas levantamos uma hipótese que pode ser aprofundada, desde que haja empenho e disponibilidade de tempo para aqueles(as) desejosos por um assunto tão intrigante e instigante. No título deste capítulo, onde se lê *texto incidental*, temos somente um levantamento de hipótese que pode virar tese.

¹⁰³ Coube a Gregório, o Grande, no século VI, a tarefa de ratificar, pois isso era discutido há séculos, que Maria Madalena, mulher independente do Novo Testamento, tivesse a chaga da prostituição.

Recorrer à literatura da época, ou seja, aos textos primários, como os evangelhos canônicos e apócrifos, e contextualizá-los, através de uma teoria abrangente, que é o caso da *Teoria da Residualidade*, em textos poéticos da contemporaneidade, foi o método mais viável que encontramos para realizarmos esta pesquisa que, de certa forma, neste ensaio sobre o *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, sugere novas investidas críticas nas áreas da história, teologia, filosofia, sociologia e literatura, em referência ao papel da mulher na tradição espiritual do ocidente. Acreditamos que vale a pena a pesquisa nestas áreas, uma vez que pode quebrar mitos e apelos que em nada ajudaram na compreensão do valor e do papel da mulher em nossa tradição de maneira geral, não somente na religiosa.

4. O Sagrado e o Feminino

Mais de uma vez, Maria de Magdala quis voltar àquela curiosidade de saber da vida do amado, mas Jesus mudava de conversa, respondia, por exemplo, Entro no meu jardim, minha irmã, minha esposa, colho a minha mirra e o meu bálsamo, como o favo com o mel e bebo o meu vinho com o meu leite, e, tendo-o dito tão apaixonadamente, logo passava da recitação do versículo ao acto poético, em verdade, em verdade te digo, querido Jesus, assim não se pode conversar. (José Saramago)

A conclusão deste trabalho nos concede um enorme prazer de ter entrado em contato com textos da categoria de *Cânticos* e *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*. No primeiro, texto inédito de Cecília Meireles, procuramos discorrer sobre os aspectos sagrados que partem de uma voz feminina e que se sublima nas esferas do cosmos. Não existe uma religião particular na poesia de Cecília Meireles, há várias vertentes religiosas que se encontram, ou melhor, se amalgamam com o propósito de conscientizar o lado espiritual do ser humano, seja homem ou mulher, mas, sobretudo, ser humano. No *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, observa-se a transformação do ser que, em vida material, se destina aos prazeres fugazes de uma vida cheia de vícios e ilusões. Maria do Egito, Maria Egípcíaca ou Maria de Alexandria são a mesma pessoa que se transforma em entidade

espiritual da doutrina cristã estabelecida pelo catolicismo. Neste texto buscamos uma analogia com a personagem feminina mais instigante do Novo Testamento, Maria Madalena, a mulher que Jesus Cristo escolheu para apóstolo e que esteve com o mestre amado até à sua morte na cruz romana, bem como sendo testemunha da ressurreição do homem que dividiu a história do mundo ocidental.

Em *Cânticos*, a escritora se mostra preocupada com a falta de conhecimento da espécie humana no que tange à vida espiritual, que muitas vezes é firmada como a verdadeira vida. Quando o homem(mulher) atingir o conhecimento pleno de sua existência, então se elevará à categoria de ser sublime, espiritual, eterno, enfim, *sagrado*. Afirmamos que a sensibilidade feminina se move em direção aos desígnios divinos. Parece que a mulher se sensibiliza mais com os trâmites da vida espiritual do que o homem, mas isso pode ser justificado com a vertente instintiva que predomina no ser humano masculino. O homem é movido por impulsos, ao passo que a mulher, em questões espiritualistas, se mostra mais emotiva e sensível.

O livro se aproxima de textos *sagrados* do Antigo Testamento, existe, inclusive, uma comparação com os versículos geradores de sapiência. Porém não se limita somente a uma forma de se enxergar a espiritualidade. O texto de Cecília Meireles é amplo e rico em valores espiritualistas e, principalmente, literários. Sobre literatura e alma, o católico assumido Charles Du Bos assegura que existe uma forte ligação emotiva entre literatura e a espiritualidade, entendida a partir da palavra *alma*, que se acentua quando se está perante a uma obra de gênio, a saber:

A literatura *deve a sua existência* à emoção, à *emoção criadora*. Falamos, bem entendido, de uma emoção profunda, por isso mesmo distinta da emoção de superfície; esta, como o seu nome indica, espalha-se à superfície; a emoção que tem localização profunda liberta o coração, estimula a alma, gera o pensamento e isto por meios diferentes, mas que, quando se trata de uma obra de gênio, convergem todos no mesmo

sentido, se fundem numa unidade polifônica de orquestra, para atingir o seu ponto culminante na criação.¹⁰⁴

A produção de Cecília Meireles merece receber a atribuição de *obra de gênio*, pois engaja-se em variadas tendências espiritualistas, tendo por veículo o texto literário, ou seja, usa da literatura para tematizar questões de teor *sacro*. Se considerarmos as tradições de caráter religioso, verificamos várias ordens do Cristianismo e de textos que remetem aos preceitos dos orientes próximo e extremo. E a figura feminina é por vezes ressaltada como um elemento primordial, não apenas secundário e tido por comparsa do homem. Também é sujeito de transformação e de ascensão espiritual, conforme se pode verificar nos dois textos postos em análise neste trabalho de pesquisa literária e histórica.

Recorremos para engendrar esta pesquisa ao método de investigação teorizado e confirmado pelo Dr. Roberto Pontes. Trata-se de um método por demais adequado às várias propostas do conhecimento literário e, arriscamos afirmar, que se estende para outras áreas do conhecimento, como a espiritualidade. A *Teoria da Residualidade* propicia ao estudioso a ampliação do campo de pesquisa, estendendo, desta feita, a outros segmentos da mundividência literária. É uma teoria que abarca sem arbitrariedade variadas correntes do conhecimento e que nos foi por demais pertinente ao tipo de análise que pretendíamos realizar sobre a *sacralidade* do texto ceciliano.

O livro *Cânticos* nos revela uma sessão de textos espiritualistas que expõem a vida material como uma parte do caminho de elevação espiritual, possibilitando ao (à) leitor(a) uma reflexão até ele(a) se convencer de que a vida espiritual é a verdadeira e sagrada vida. O corpo é a roupagem utilizada pelo espírito. E este utiliza na sua trajetória de vida muitas roupagens até atingir a sublimação, até se tornar sagrado e divino. Esta temática pode ser

¹⁰⁴ DU BOS, Charles. *O que é Literatura?* Tradução de Nuno de Bragança. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1961, p. 29.

justificada por textos cristãos de teor reencarnacionista, como as literaturas produzidas por Allan Kardec. Este teórico atesta que nós, segundo os informes espíritas, somos resultado de várias experiências e que guardamos numa memória espiritual os nossos trabalhos efetuados em existências anteriores, assim, somos feitos de muitas vidas. E isto se verifica em nossa vida atual, conforme o trecho que se segue:

Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos, de bem ou de mal, nas nossas existências anteriores, temos a intuição, e nossas tendências instintivas são uma reminiscência do nosso passado. Aquela nossa consciência, que é o desejo que abrigamos de não mais cometer as mesmas faltas, nos previne a resistência.¹⁰⁵

Se retomarmos o conceito primaz da *Teoria da Residualidade*, podemos chegar à conclusão de que os escritos de Kardec contemplam parte do método do Dr. Roberto Pontes. Os repasses instintivos professados pelo estudioso francês são na verdade resíduos de vidas anteriores presentes na vida atual e que podem fazer parte de vidas futuras. É o que preconiza, em nosso ponto de vista, a *Teoria da Residualidade*. Como afirmamos em páginas anteriores, este método de investigação é bem mais amplo do que pensa o seu idealizador. Pode gerar discussões e, assim, teses, em variadas áreas do conhecimento.

O livro *Cânticos* apresenta-se como uma produção que acasala o literário com o espiritual, numa voz *sacralizada* que sensibiliza o(a) leitor(a) de forma que este(a) tenha pretensões à sublimação. Mas isto de certa forma acontece, porque uma literatura de nível elevado como *Cânticos* concede ao(à) seu(sua) leitor(a) um estágio de contato com a espiritualidade. A voz *sagrada* no livro é feminina. Com isso não pretendemos de maneira alguma alimentar conflitos de gêneros, queremos, sobretudo, afirmar uma voz que desde o período da alta Idade Média se perdeu ou foi exilada por pura falta de conhecimento, para

¹⁰⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 97ª ed. Araras-SP: IDE, 1995, p. 182.

não dizer ignorância, de homens que afirmavam que a mulher estava ligada diretamente ao sexo, à luxúria, desta forma, condenando toda uma tradição ao esquecimento, mas que parece, hoje, estar se reabilitando por seus próprios esforços e não por caridade de representantes do clero estabelecido, por exemplo, na vertente cristã do catolicismo.

A *sacralidade* feminina ganha mais força no segundo texto¹⁰⁶ desta análise. No *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, observamos uma tentativa de se comungar com os conceitos professados pelo catolicismo, mas que nas entrelinhas podem-se perceber apelos à voz feminina que deseja incontinenti reabilitar-se e voltar ao espaço reservado pelo próprio Cristo, o direito de também professar os valores da espiritualidade. A mulher cristã há muito é coadjuvante em sua doutrina. Ora, se o Cristo veio para consolidar a lei, dando à mulher o direito de se estabelecer como o homem, por que o Cristianismo não obedeceu a este ensinamento? A resposta pode ser encontrada em muitas vertentes da tradição religiosa. Neste questionamento, recorreremos à personagem mais relevante do Cristianismo depois do próprio Cristo, Maria Madalena, a mulher estigmatizada que sofreu historicamente todo tipo de perseguição moral¹⁰⁷. Foi aviltada em seu caráter, foi relegada à prostituição, sem o ínfimo fundamento religioso ou histórico. Maria Madalena recebeu as chagas do mundo, porque a mãe de Jesus não poderia receber, com isso, Madalena teve que sofrer – marca típica dos personagens cristãos –, mais do que devia. Porém a relação entre

¹⁰⁶ Denominamos o *Oratório de Santa Maria Egípcíaca* de incidental por se tratar de uma tese não concluída, ou seja, na verdade não é uma tese, mas uma hipótese que pode desencadear teses em áreas afins à literatura.

¹⁰⁷ Pode-se questionar este procedimento apologético, porém estamos fundamentados naquilo que existe de mais significativo na doutrina cristã, a *ressurreição*. Coube à mulher, no caso Maria Madalena, testemunhar o retorno de Jesus, e aos homens, Pedro e Paulo, por exemplo, um papel de divulgação entre os judeus, gentios e os pagãos. Se a *ressurreição* é muito importante para as bases do Cristianismo, então Jesus incumbiu uma mulher de ser a grande porta-voz do acontecimento, sendo assim, Maria Madalena, em nosso modesto entendimento, é a figura mais relevante do mundo cristão depois de Jesus. Para tanto, ver: STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena, a noiva no exílio*. Trad. Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2006, pp. 42-3.

as duas Marias da vida de Jesus Cristo é um outro tema a ser discutido e que não foi objeto de nossa pesquisa, mas que vale a pena trazer à luz.

A analogia entre Maria do Egito e Maria Madalena se configura, mormente, na penitência. Aquela ficou absorta com o que vira na Terra Santa, já Maria de Magdala voltou-se ao seu amado de corpo e alma e foi testemunha de sua vida e de sua morte material. Há muita semelhança na penitência das duas personagens, pois ambas se refugiam em um lugar inóspito. Sofrem porque pecaram, mas são elevadas, após o expediente de penitência, à categoria de mulheres *sagradas*.

Neste oratório é importante destacar a função da mulher. Aqui não se trata apenas da mulher Maria do Egito ou, por analogia, Maria Madalena, é, sobretudo, a mulher cristã que está em pauta, uma mulher cheia de vida, porém carregada de traumas e de estigmas, é uma mulher de extremada sensibilidade emotiva e, por extensão, espiritual, é uma mulher que pretende entrar em comunhão com o plano divino, é, primordialmente, uma mulher *sacralizada*, não pelo fato de alguém na Idade Média ter ouvido e repassado para os espectadores cristãos, mas por que ela já havia sido escolhida para ser o ponto de equilíbrio da humanidade.

Os textos de Cecília Meireles nos possibilitaram realizar uma pesquisa de muita preocupação estética, histórica e, principalmente, espiritual, por isso estamos muito gratificados em ter realizado um trabalho que mais gerou prazer do que cansaço. No entanto esperamos que as teses discutidas e as hipóteses levantadas sirvam de expediente a outros trabalhos talvez mais precisos do que o nosso.

5. Bibliografia

A Bíblia: Mensagem de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

ACÍZELO DE SOUZA, Roberto. *Formação da Teoria da Literatura*. São Paulo, Ed. UFF, 1987.

ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984.

ANNE, Fremantle. *Idade da Fé*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

A Religião: o seminário de Capri (Org. Gianni Vattimo e Jacques Derrida). com a participação de Aldo Gargani, Hans-Georg Gadamer...[et al.]. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ARIAS, Juan. *Madalena: o último tabu do Cristianismo*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006

A Verdadeira História de Maria Madalena (Org. Dan Burstein e Arne J. de Keijzer). Trad. Alexandre Martins e Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAIGENT, Michael. *A Herança Messiânica*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. *Os manuscritos de Jesus: revelando o maior segredo da história*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *O Santo Graal e a linhagem Sagrada*. Trad. Nadir Ferrari. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1969.

BARJON, Louis. *Paul Claudel*. Trad. João Etienne Filho e Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1959.

BASCHERA, Renzo. *Explicando o Santo Sudário*. Trad. Djalma J. Junqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BHAKTIVEDANTA, Swami & ABHAY, Charan. *Cante e seja feliz*. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1983.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33ª ed. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CANDIDO, Antônio. *Introdução à Formação da literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1994.

CARTER, Joseph. *Os Evangelhos Apócrifos*. Trad. Vani Inge Burg. 3ª ed. São Paulo: Isis, 2003.

CONTI, Dom Servílio. *O Santo do Dia*. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CROMPTON, Samuel Willard. *100 líderes espirituais que mudaram a história do mundo*. Trad. Marise Chinetti de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DÄNIKEN, Erich Von. *Eram os deuses astronautas?* Trad. Else Graf Kalmua. 5ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

_____. *Sim, os deuses eram astronautas: novas interpretações sobre antigos legados*. Trad. Elena Gaidano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

DE CAMPOS, Pedro. *Colônia Capela: a outra face de Adão*. São Paulo: Lúmen Editora, 2002.

DE COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOURLEY, John P. *Amor, Celibato e Casamento Interior*. Trad. Cláudio Giordano. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

DU BOS, Charles. *O que é Literatura?* Trad. Nuno de Bragança. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961.

DUBY, Georges. *As Damas do Século XII: lembranças das antepassadas*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1995.

DUMAS, François Ribadeau. *A Luz Espiritual e a Iluminação*. Trad. Maria Elizabeth Leuba Salum. 9ª ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

DUQUESNE, Jacques. *Maria: a mãe de Jesus*. Trad. Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ECO, Umberto, MARIA, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 1999.

EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? : quem mudou a Bíblia e por quê*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006.

ELIADE, Mircea. *O Conhecimento do Sagrado de todas as Eras*. Trad. Luiz L. Gomes. São Paulo: Mercuryo, 1995.

ENCICLOPÉDIA DO SOBRENATURAL: MAGIA, OCULTISMO, ESOTERISMO, PARAPSICOLOGIA. (Org. Richard Cavendish). Trad. Alda Porto e Marcos Santarita. Porto Alegre: L&PM, 1993.

ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca V. I*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FIORAVANTI, Celina. *As várias encarnações de uma alma*. São Paulo: Pensamento, 1996.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média, nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GAARDE, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Edgar Allan. *Alguns Segredos Natalinos*. Trad. Roberto Pontes. Fortaleza: IAPEL, 2006.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GARDNER, Laurence. *A Linhagem do Santo Graal: a descendência oculta de Jesus revelada*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

GASPAR, Priscila de Faria. *Sexo: da Biologia à Espiritualidade*. 2ª ed. São Paulo: DPL, 1999.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

KARDEC, Allan. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 40ª ed. Araras-SP: IDE, 2004.

_____. *O Céu e o Inferno: ou a Justiça divina segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 40ª ed. Araras-SP: IDE, 2004.

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. São Paulo: Petit, 1997.

_____. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 97ª ed. Araras-SP: IDE, 1995.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 72ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. *São Francisco de Assis*. Trad. Marcos de Castro. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *São Luís*. Trad. Marcos de Castro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ & TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LINS, Ivan. *A Idade Média, A Cavalaria e As Cruzadas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

LINS, Ronaldo Lima. *Nossa Amiga Feroz: breve história da felicidade na expressão contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LYRA, Pedro. *Desafio: uma poética do amor*. 2ª ed. Fortaleza: Topbooks/Edições UFC, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família: Contos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

Leitura, História e História da Leitura. (Org. Márcia Abreu). São Paulo: Fapesp, 1999.

MARITAIN, Jacques. *Arte e Poesia*. Trad. Edgar de Godói da Mata-Machado. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1947.

_____ & MARITAIN, Raïssa. *Situación de la Poesía*. Traducción castellana por Octavio N. Derisi Y Guillermo P. Blanco. Buenos Aires: Club de Lectores, 1975.

MARTINS, José Roberto. *Presságios: o livro dos nomes*. São Paulo: Editora Alegro, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1982.

_____. *Poesia completa Vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. *Poesia completa Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MIEN, Aleksandr. *Jesus, mestre de Nazaré*. Trad. Irami Bezerra da Silva. Vargem Grande Paulista-SP: Editora Cidade Nova, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. *A criação literária: prosa II*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *Dicionário de Termos Literários*. 7ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *História da Literatura Brasileira Vol. V*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Chico Xavier inédito: Psicografias ainda não publicadas*. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2004.

O Novo despertar da Deusa: o princípio feminino hoje. (Org. Shirley Nicholson). Trad. Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnóstico*. Trad. Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PARAENSE, Silvia. *Cecília Meireles: mito e poesia*. UFSM, CAL, Curso de Mestrado em Letras, 1999.

PAREDES, José C. R. Garcia. *A verdadeira história de Maria*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Banquete*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PONTES, Roberto. *Cecília Meireles: residual e trovadoresca*. Fortaleza: IAPEL, 2004.

_____. "Literatura afrobrasilusa: tentativa de conceito". In: PONTES, Roberto, *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Rio de Janeiro/Fortaleza: Oficina do Autor/Edições UFC, 1999.

_____. “Mentalidade e Residualidade na Lírica Camoniana”. In: *Escritos do Cotidiano, Estudos de Literatura e Cultura*. Fortaleza: 7 Sóis, 2003.

_____. *Poesia Insubmissa Afrobrasílusa*. Rio de Janeiro/Fortaleza; Oficina do Autor/Edições UFC, 1999.

PROPHET, Elizabeth Clare. *Reencarnação: O Elo Perdido do Cristianismo*. Trad. Urbana Rutherford e Fanny Rosa Zygband. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.

RALLS, Karen. *Os Templários e o Graal*. Trad. Paulo Soares e Cynthia Cortes. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Trad. Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

RIMBAUD, Arthur. *A Carta do Vidente*. Trad. Daniel Fresnot. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ROHDEN, Huberto. *De Alma para Alma*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Porque Sofremos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ROSA, Antônio Ramos. *Poesia, liberdade livre*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1962.

ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & CIA*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SÈDE, Gérard de. *Estranho Mundo dos Profetas*. São Paulo: Hemus, 1984.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Jogos Extremos do Espírito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

_____. *Da Idade Média a outras idades*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura-Comissão de Literatura, 1964.

_____. *Manual de versificação românica medieval*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.

SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas: Rei Artur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Trad. Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003.

STARBIRD, Margaret. *Maria Madalena, a noiva no exílio*. Trad. Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Maria Madalena e o Santo Graal: a mulher do vaso de alabastro*. Trad. Simone Lemberg Reisner. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad. Beatriz Sidou. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Tribunal da história: julgando as controvérsias da história judaica. (Org. Saul Fuks). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

TSERING, Diki. *Dalai Lama, meu filho: a história de uma mãe*. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VAN CREVELD, Martin. *Sexo privilegiado*. Trad. Ibraíma Dafonte Tavares e Marcos Maffei. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VOLTAIRE. *Cartas Filosóficas*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Dicionário Filosófico*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

6. Apêndice

Nesta parte de nosso trabalho, apresentaremos os textos literários de Cecília Meireles – *Cânticos* e *Oratório Santa Maria Egípcíaca* –, analisados anteriormente, bem como o nosso discurso de defesa. Para maiores explicações transcrevemos aqui na íntegra a nota explicativa do editor do livro *Cânticos*.

A presente edição destas poesias inéditas de Cecília Meireles baseou-se nos manuscritos deixados pela Autora e que aqui são transcritos e reproduzidos (...).

Em alguns cânticos, porém, certos versos receberam uma redação alternativa, indicando, provavelmente, a busca de uma forma final, nunca estabelecida pela poetisa.

Esses casos encontram-se assinalados, ficando o verso-base reproduzido em notas de rodapé.¹⁰⁸

Os cânticos e as partes do oratório, apresentados neste *post scriptum*, recebem, em seu final, considerações que, em nosso entendimento, são pertinentes. No entanto essas novas notas de estudo não devem substituir o que foi analisado, no corpo deste trabalho, referente à pesquisa histórica e literária.

¹⁰⁸ Nota explicativa do editor do livro *Cântico*.

CÂNTICOS

I

Não queiras ter Pátria.
Não dividas a Terra.
Não dividas o Céu.
Não arranques pedaços do mar.
Não queiras ter.
Nasce bem alto,
Que as coisas todas serão tuas.
Que alcançarás todos os horizontes.
Que o teu olhar, estando em toda parte
Te ponha em tudo,¹⁰⁹
Como Deus.

O texto acima passa uma mensagem implícita de desprendimento, não se deve ficar preso aos aspectos materiais. Não se deve ter ilusões e ambições, fatores que limitam a consciência e, por extensão, todo o conhecimento superior que vem do espírito, que é uma parte divina em todo ser.

¹⁰⁹ Verso-base: Estarás em tudo,

II

Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
Não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E sabe que serás assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue:
É a passagem que se continua.
É a tua eternidade...
É a eternidade.
És tu.

Os versos deste texto exprimem uma forte marca espiritual que não se limita a questões religiosas. O espírito é eterno e para se atingir a eternidade é preciso que se faça uma passagem, a que muitos denominam de morte física. Contudo só o que morre é a roupagem do espírito, a matéria, uma vez que o espírito é eterno, sublime, divino, supremo para sempre.

III

Não digas onde acaba o dia.
Onde começa a noite.
Não fales palavras vãs.
As palavras do mundo.
Não digas onde começa a Terra,
Onde termina o céu.
Não digas até onde és tu.
Não digas desde onde é Deus.
Não fales palavras vãs.
Desfaze-te da vaidade triste de falar.
Pensa, completamente silencioso.
Até a glória de ficar silencioso,
Sem pensar.

O pensamento silencioso é parte da comunicação espiritual. As palavras vãs são expressões de quem ainda não conhece, de quem ainda habita na ignorância, marca típica da vida física. A vida espiritual está além de qualquer palavra humana.

IV

Adormece o teu corpo com a música da vida.

Encanta-te.

Esquece-te.

Tem por volúpia a dispersão.

Não queiras ser tu.

Quere ser a alma infinita de tudo.

Troca o teu curto sonho humano

Pelo sonho imortal.

O único.

Vence a miséria de ter medo.

Troca-te pelo Desconhecido.

Não vês, então, que ele é maior?

Não vês que ele não tem fim?

Não vês que ele és tu mesmo?

Tu que andas esquecido de ti?¹¹⁰

A troca do sonho humano é uma metáfora do desprezo à matéria física que é fugaz, que é efêmera. O espírito é infinito, mesmo não tendo ciência disto, é preciso crer e se dispersar para atingir a superioridade divina, a qual está atrelada ao espírito.

¹¹⁰ Verso-base: Tu que te esqueceste de ti?

V

Esse teu corpo é um fardo.
É uma grande montanha abafando-te.
Não te deixando sentir o vento livre
Do infinito.
Quebra o teu corpo em cavernas
Para dentro de ti rugir
A força livre do ar.
Destrói mais essa prisão de pedra.
Faze-te recepo.
Âmbito.
Espaço.
Amplia-te.
Sê o grande sopro
Que circula...

O corpo material, pelo que se pode verificar nos versos acima transcritos, é uma prisão para o espírito o qual deseja incontinenti se libertar e se expandir no infinito, circulando em todos os tempos e todos os espaços.

VI

Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

Nestes versos ocorre a transformação, metamorfose do corpo em alma, e a consolidação da vida espiritual que é eterna.

VII

Não ames como os homens amam.
Não ames com amor.
Ama sem amor.
Ama sem querer.
Ama sem sentir.
Ama como se fosses outro.
Como se fosse amar.
Sem esperar.
Por não esperar.
Tão separado do que ama, em ti,
Que não te inquiete
Se o amor leva à felicidade,
Se leva à morte,
Se leva a algum destino.
Se te leva.
E se vai, ele mesmo...

Observa-se um conflito entre o verdadeiro Amor, que emana da essência espiritual, e o amor ilusório, que provém do *homem*, ao final prevalece a forma eterna, ou seja, a forma de amar que vem do espírito.

VIII

Não digas: “o mundo é belo”.
Quando foi que viste o mundo?
Não digas: “o amor é triste”.
Que é que tu conheces do amor?
Não digas: “a vida é rápida”.
Como foi que mediste a vida?
Não digas: “eu sofro”.
Que é que dentro de ti és tu?
Que foi que te ensinaram
Que era *sofrer*?

Nestes versos as expressões anafóricas e de valor negativo instigam a uma indagação que parte de um ser superior, uma vez que esse ser pergunta tendo ciência de seu conhecimento.

IX

Os teus ouvidos estão enganados.
E os teus olhos.
E as tuas mãos.
E a tua boca anda mentindo
Enganada pelos teus sentidos.
Faze silêncio no teu corpo.
E escuta-te.
Há uma verdade silenciosa dentro de ti.
A verdade sem palavras.
Que procuras inutilmente,
Há tanto tempo,
Pelo teu corpo, que enlouqueceu.

Existe neste texto um desprezo aos sentidos materiais, que enganam, e um apelo à outra forma de percepção a qual está oculta no interior do ser.

X

Este é o caminho de todos que virão.
Para te louvarem.
Para não te verem.
Para te cobrirem de maldição.
Os teus braços são muito curtos.
E é larguíssimo este caminho.
Com eles não poderás impedir
Que passem, os que terão de passar,
Nem que fiques de pé,
Na mais alta montanha,
Com os teus braços em cruz.

Estes versos representam um chamamento àqueles que buscam impedir o andamento e a trajetória pela qual o ser humano deve passar. E não há quem impeça o curso natural da humanidade, pois o caminho fora traçado para que se estabelecesse uma trilha sem retorno.

XI

Vê formaram-se sobre todas as águas
Todas as nuvens.
Os ventos virão de todos os nortes.
Os dilúvios cairão sobre os mundos.
Tu não morrerás.
Não há nuvens que te escureçam.
Não há ventos que te desfaçam.
Não há águas que te afoguem.
Tu és a própria nuvem.
O próprio vento.
A própria chuva sem fim...

Não há fim para aquele que sabe de sua história. O ser consciente do seu destino, certamente, não pode temer aos diversos obstáculos que o esperam, pois tudo faz parte de sua existência. Desprezar os desafios seria desprezar a si mesmo(a).

XII

Não fales as palavras dos homens.
Palavras com vida humana.
Que nascem, que crescem, que morrem.
Faze a tua palavra perfeita.
Dize somente coisas eternas.
Vive em todos os tempos
Pela tua voz.
Sê o que o ouvido nunca esquece.
Repete-te para sempre.
Em todos os corações.
Em todos os mundos.

A verdadeira palavra não sai da boca do homem. Ela sai da eternidade e se expande no universo como que um mandamento divino, porque tem origem no espírito.

XIII

Renova-te.
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais.
Multiplica os teus braços para semeares tudo.
Destrói os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destrói os braços que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo.
Sempre outro.
Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo.

A renovação é o conhecimento de si mesmo(a). Os olhos que devem ser multiplicados não são os olhos físicos, da matéria que logo se decompõe, mas sim aqueles que enxergam tudo, pois têm o discernimento do que é a vida, por pertencerem ao espírito.

XIV

Eles te virão oferecer o ouro da Terra.
E tu dirás que não.
A beleza.
E tu dirás que não.
O amor.
E tu dirás que não, para sempre.
Eles te oferecerão o ouro d'além da Terra.
E tu dirás sempre o mesmo.
Porque tens o segredo de tudo.
E sabes que o único bem é o teu.

Há nestes versos uma oferta material que logo é refutada, porque os bens da Terra não são permanentes, são provisórios, então, de que adianta tê-los, se eles não duram? É preferível ter e manter o que já existe, pois é eterno. E o que já existe são os valores espirituais, o único bem verdadeiro.

XV

Não queiras ser.
Não ambiciones.
Não marques limites ao teu caminho.
A Eternidade é muito longa.
E dentro dela tu te moves, eterno.
Sê o que vem e o que vai.
Sem forma.
Sem termo.
Como uma grande luz difusa.
Filha de nenhum sol.

O texto apresenta a idéia de que a ambição terrena é fugaz e limitada, ao passo que quem tem conhecimento da Eternidade, sabe que esta é parte sua, pois ela é o caminho autêntico. É como uma luz de intenso brilho que jamais se apaga.

XVI

Tu ouvirás esta linguagem,
Simples,
Serena,
Difícil.
Terás um encanto triste.
Como os que vão morrer,
Sabendo o dia...
Mas intimamente
Quererás esta morte,
Sentindo-a maior que a vida.

A morte física não é o fim para quem tem consciência da vida espiritual. A vida física pesa e, constantemente, causa enganos, pois se centra em linguagens diferentes, o que causa estranheza e dificuldade para aqueles que valorizam de forma extremada a parte física da vida eterna.

XVII

Perguntarão pela tua alma.
A alma que é ternura,
Bondade,
Tristeza,
Amor.
Mas tu mostrarás a curva do teu vôo
Livre, por entre os mundos...
E eles compreenderão que a alma pesa.
Que é um segundo corpo,
E mais amargo,
Porque não se pode mostrar,
Porque ninguém pode ver...

Neste texto, os que perguntarão pela alma são os incrédulos presos à vida terrena e ilusória. Eles não têm discernimento para verem a alma, por isso se arriscam na afirmação de que a alma pesa, uma falácia de quem não conhece o propósito do espírito, do ser eternizado.

XVIII

Quando os homens na terra sofrerem
Sofrimento do corpo,
Sofrimento da alma,
Tu não sofrerás.
Quando os olhos chorarem
E as mãos se quebrarem de angústia
E a voz se acabar no rogo e na ameaça,
Quando os homens viverem,
Tu não viverás.
Quando os homens morrerem na vida,
Quando os homens nascerem na morte,
Na vida e na morte nunca mais¹¹¹
Nunca mais tu não morrerás.¹¹²

Quando os homens conhecerem a verdadeira vida, não mais existirá morte. O texto é carregado de antíteses que se fundem, consolidando uma visão paradoxal do que seja a vida e a morte. A morte é material, e a vida, espiritual. Os homens devem se conscientizar disso para viverem eternamente.

¹¹¹ Verso-base: Nem na vida nem na morte

¹¹² Verso-base: Tu não morrerás.

XIX

Não tem mais lar o que mora em tudo.
Não há mais dádivas
Para o que não tem mãos.
Não há mundos nem caminhos
Para o que é maior que os caminhos
E os mundos.
Não há mais nada além de ti.
Porque te dispersaste...
Circulas em todas as vidas
Pairas sobre todas as coisas
E todos te sentem
Sentem-te como a si mesmos
E não sabem falar de ti.

Os versos indicam o sentido da vida espiritual. Nela não há limites. O ser espiritual a tudo vê, toca, sente, emana, emitindo bons fluidos para quem o sente, mas não pode defini-lo, não pode sabê-lo.

XX

Não digas que és dono.
Sempre que disseres
Roubas-te a ti mesmo.
Tu, que és senhor de tudo...
Deixa os escravos rugirem,
Querendo.
Inutiliza o gesto possuidor das mãos.
Sê a árvore que floresce
Que frutifica
E se dispersa no chão.
Deixa os famintos despojarem-te.
Nos teus ramos serenos
Há florações eternas
E todas as bocas se fartarão.

Aquele que detém o conhecimento da vida, não deve dizer que sabe, pois pode cair em contradição. É preciso, segundo os versos, que alguém reconheça o valor do plano divino para repassá-lo àqueles que ignoram a vida eterna. Quando há comunhão, todos ganham e se fartam.

XXI

O teu começo vem de muito longe.
O teu fim termina no teu começo.
Contempla-te em redor.
Compara.
Tudo é o mesmo.
Tudo é sem mudança.
Só as cores e as linhas mudaram.
Que importa as cores, para o Senhor da Luz?
Dentro das cores a luz é a mesma.
Que importa as linhas, para o Senhor do Ritmo?
Dentro das linhas o ritmo é igual.
Os outros vêem com os olhos ensombrados.
Que o mundo perturbou,
Com as novas formas.
Com as novas tintas.
Tu verás com os teus olhos.
Em Sabedoria.
E verás muito além.

Só que vê muito além é quem se conhece e se lança em muitos desafios da existência. O verdadeiro conhecimento, Sabedoria, Sofia, pertence a todos que têm consciência de que a vida não se limita às questões puramente materiais. Tem a Sabedoria o ser sublimado em espírito.

XXII

Não busques para lá.
O que é, és tu.
Está em ti.
Em tudo.
A gota esteve na nuvem.
Na seiva.
No sangue.
Na terra.
E no rio que se abriu no mar.
E no mar que se coalhou em mundo.
Tu tiveste um destino assim.
Faze-te à imagem do mar.¹¹³
Dá-te à sede das praias
Dá-te à boca azul do céu
Mas foge de novo à terra.
Mas não toques nas estrelas.
Volve de novo a ti.
Retoma-te.

O ser começa pequeno, depois cresce e atinge a dimensão de um mar. Porém não deve extrapolar, tocar as estrelas, pois o destino do ser é ele mesmo. Voltar-se a si é encontrar o que se procura, é conhecer o segredo da existência eterna. Eis a provável lição dos versos acima.

¹¹³ Verso-base: Procura o mar.

XXIII

Não faças de ti
Um sonho a realizar.
Vai.
Sem caminho marcado.
Tu és o de todos os caminhos.
Sê apenas uma presença.
Invisível presença silenciosa.
Todas as coisas esperam a luz,
Sem dizerem que a esperam.
Sem saberem que existe.
Todas as coisas esperarão por ti,
Sem te falarem.
Sem lhes falares.

Tudo tem por objetivo iluminar-se. Os versos deste canto revelam que o que é silencioso e invisível aos olhos físicos é o corpo fluídico, o corpo espiritual, pelo qual todas as coisas esperarão, sem apelos, sem divulgação, por ser um processo natural e inviolável.

XXIV

Não digas: Este que me deu corpo é meu Pai.
Esta que me deu corpo é minha Mãe.
Muito mais teu Pai e tua Mãe são os que te fizeram
Em espírito.
E esses foram sem número.
Sem nome.
De todos os tempos.
Deixaram o rastro pelos caminhos de hoje.
Todos os que já viveram.
E andam fazendo-te dia a dia
Os de hoje, os de amanhã.
E os homens, e as coisas todas silenciosas.
A tua extensão prolonga-se em todos os sentidos.
O teu mundo não tem pólos.
E tu és o próprio mundo.

Uma analogia espiritual e cristã. Os verdadeiros Pai e Mãe são aqueles que ensinam o verdadeiro conhecimento, a Sabedoria professada pelos antigos sábios. O conhecimento é o acúmulo de várias vivências, de várias vidas, num processo de transmigração que vem do Cristianismo primitivo e que comunga com outras doutrinas espiritualistas. O espírito está em constante aprendizado até atingir o clímax de sua existência e não mais precisar de corpo físico para experimentar a sua existência, atingindo, pois, a luz suprema, ganhando a primazia santificada, divina.

XXV

Sê o que renuncia
Altamente:
Sem tristeza da tua renúncia!
Sem orgulho da tua renúncia!
Abre a tua alma nas tuas mãos
E abre as tuas mãos sobre o infinito.
E não deixes ficar de ti
Nem esse último gesto!

A renúncia sugerida é a que se prende à vida física. O espírito não necessita de aspectos que estejam literalmente presos à matéria corpórea. O desprendimento é a grande necessidade que o espírito tem para atingir a supremacia, a sublimação, a luz divina, a Eternidade.

XXVI

O que tu viste amargo,
Doloroso,
Difícil,
O que tu viste breve,
O que tu viste inútil
Foi o que viram os teus olhos humanos,
Esquecidos...
Enganados...
No momento da tua renúncia
Estende sobre a vida
Os teus olhos
E tu verás o que vias:
Mas tu verás melhor...

Os olhos humanos vêm de forma limitada, mas, a partir do momento em que ocorrer a renúncia material, os olhos do espírito tomam a situação e expandem o horizonte, vendo o que viam os olhos materiais, porém vendo mais e melhor, por não terem mais cumplicidades físicas.

ORATÓRIO DE SANTA MARIA EGIPCÍACA

I. Cenário de Alexandria

VOZ MÍSTICA

Maria do Egito, Maria,
 por que saís de casa,
 por que foges de tua gente
 que vai morrer de melancolia?

MARIA EGIPCÍACA

Venho para Alexandria.

VOZ MÍSTICA

Que vens fazer, Maria,
 sem conhecido, amigo ou parente,
 Maria do Egito, em Alexandria?

MARIA EGIPCÍACA

<i>Fala</i>	Sou rio, serpente,
	corro para onde quero, sozinha,
<i>Canta</i>	para longe corro.
	Sou perfume de óleo fervente,
	ervas, flor, semente
	em viva brasa.
	Do meu fogo morro.
<i>Fala</i>	Não há fogo de sol nascente,
	não há fogo de sol ardente
	que se compare a labareda minha.
	Olha os meus braços que seguem na minha frente,
	finas cordas de seda muito seguras,
	olha o meu vasto cabelo sombrio,
	que é uma vela redonda de noite e de vento.
<i>Canta</i>	Olha o meu corpo como um navio
	cortando as horas escuras
	e a louca espuma fosforescente...
	Olha na minha boca o mel das tamareiras...

VOZ MÍSTICA

<i>Canta</i>	Cala-te, Maria,
	faze da tua beleza

uma estrela acesa,
enquanto esperas
a luz do dia....

MARIA EGIPCÍACA

Fala Minhas pernas são altas, leves e ligeiras
são minhas pálpebras tendas franjadas
e a sombra das caravanas se deita na minhas
[olheiras
Há nos meus olhos verdes luas levantadas
que escutam passar sedentas feras.

VOZ MÍSTICA

Canta Que vens fazer em Alexandria,
Maria do Egito?

MARIA EGIPCÍACA

Canta Olha como estremeço e palpito!
Vi meu rosto na prata brilhante:
minha curva narina nervosa
é uma concha de seda, é uma rosa...
Minhas mãos são dois ramos de lírios fechados,
minha voz vem de um mundo de púrpura e [açucena,
de aljofres e corais molhados...

VOZ MÍSTICA

Fala Maria do Egito, que ainda és tão pequena,
que farás nesta grande cidade de mercadores,
nesta cidade de Alexandria?

MARIA EGIPCÍACA

Fala Não pensei de maneira alguma no meu destino.
Canta Vou deitar-me nas franjas da água luzidia,
inaugurar um porto de amores,
ser a sua mais fina mercadoria.
E quem trazer mirra, sândalo, benjoim
verá que são de cinza seus pobres aromas,
quando se aproximar de mim.
Fala pois não há pétalas nem gomas
que se comparem ao perfume de túrgidas pomas em
meu corpo desabrochadas.

VOZ MÍSTICA

Fala Oh! Maria do Egito, cala-te, não respondas,
que o Demônio cavalga em tua língua, e solta
sua eloquência de revolta.

MARIA EGIPCÍACA

Canta Sinto-me rosa, nácar, marfim.
Que jarra se compara às curvas redondas
do meu flanco,
dourado e branco...?

VOZ MÍSTICA

Fala Cala-te, Maria, que vais chorar de tristeza,
banhar de lágrimas tua beleza...

MARIA EGIPCÍACA

Fala Tenho pressa, pressa de deitar-me em flores,
abandonar-me em campo suave,
boca de pantera, asa de ave,
Canta ver peregrinos, ver marinheiros,
olhar-me em seus olhos, ouvir seus clamores,
amá-los, quebrar-me em seus dedos grosseiros,
entre esses estranhos cheiros
de lãs, de drogas, de navios e desertos...
Ouvir em mil línguas diversas o mesmo assombro [e o
mesmo grito:
Canta que sou mais bela que a rósea coluna,
mais do que o excelso farol, perfeita:
e nada com mais graça à lua e ao sol se deita,
nem as ondas na praia nem a brisa na duna.

VOZ MÍSTICA

Fala Maria do Egito, Maria do Egito!
há um outro assombro e um outro grito,
e uma cruz que se levanta
e os homens que esperas vão para a Terra Santa...
Canta Deus mandou para todos nós Sua mensagem:
iremos àquela sacratíssima paragem
beijar a terra que pisou o Crucificado,
ver o túmulo de onde saiu ressuscitado!

MARIA EGIPCÍACA

Canta, passando a fala

Eu serei na minhas alfombras
 como um jardim de chafarizes e sombras,
 e ensinarei melhor o horizonte e o infinito,
 e serei como a parede de basalto
 onde tudo está desenhado e escrito,
 e serie como a flor
 que levanta seu rosto tão alto
 e morta se inclina derramando aroma e cor...

Fala Eu pararei as naves, as grandes, austeras naves,
 e farei sorrirem para mim os homens graves
 que procuram a salvação dentro da morte.
 Morro melhor no amor que os sábios em [sabedoria.

VOZ MÍSTICA

Interrompendo, canta

Maria do Egito, Maria!

MARIA EGIPCÍACA

Fala Em cofres de marfim e sândalo
 levantarão seus delicados presentes
 de sedas mais que transparentes,
 com folhas de ouro e prata e raios de água e lua.
 E quedarei velada e nua,
 oculta e fosforescente...

VOZ MÍSTICA

Canta Maria do Egito, em fogo breve será consumida
 tua pequena, ardente vida.
 Maria do Egito, em fogo eterno será queimada
 tua paixão desesperada.

MARIA EGIPCÍACA

Fala Não me atireis palavras de escândalo,
 que eu não serei jamais mulher que se venda,
 seja mendigo ou imperador quem me pretenda.

Canta Eu sou a mulher eternamente dada
 que em seu próprio fogo se sente abrasada.
 Sou minha escrava, mas sou minha dona,
 amo o meu próprio amor, que não me abandona,
 que é todos os dias uma flor nova...

VOZ MÍSTICA

Fala Todos os dias serás uma pedra da tua cova...

MARIA EGIPCÍACA

Canta Envolver-me no bálsamo de todos os vícios...

VOZ MÍSTICA

Fala Antes te envolvesse em ásperos panos cilícios,
e antes pudesses sufocar com a mesma fúria
com que nutres, ó desvairada,
os rubros demônios do Orgulho e da Luxúria!

MARIA EGIPCÍACA

Canta E as minhas pálpebras triunfantes
verão à luz da madrugada
– invencíveis e cintilantes –
a face exausta de mil amantes
tontos dos vinhos e da música dos sistros...

VOZ MÍSTICA

Canta Maria do Egito, cerra os ouvidos,
cerra os teus olhos seduzidos
por esses pérfidos banquetes,
por esses convivas sinistros.
Deixa o teu rosto nos espelhos,
deixa as taças pelos tapetes:
dobra os teus rosados joelhos,
e enquanto todos dormem, fuge,
fuge de ti, de tua vida,
Fala a vida não é o dia de hoje!
Acorda tua alma esquecida,
Maria enferma de luxúria e engano,
Maria que flutuas no pecado
como alga perdida no oceano.

MARIA EGIPCÍACA

Canta Amadurecerei nas mãos possantes
desses homens que pesam âmbar e diamantes,
serei um lótus repleto das abelhas
desses estranhos olhos, com metálicas farpas,

e oleosas trevas e agudas centelhas...

VOZ MÍSTICA

Canta Eu sou a água, eu sou a rosa,
que me desfolho, que me desfolho.
Quero dar-me a quem passa, eu, Maria,
irreprimível dadivosa,
quem me recebe não vejo, só amo...

Fala Meu corpo é a minha sabedoria,
meu rito é o tempo que se goza
na trepidante Alexandria.
Meu nome é ardente alegria.

VOZ MÍSTICA

Fala Volta, Maria do Egito, regressa
à tua casa, Maria do Egito, dessa
triste aventura despede-te, depressa!

MARIA EGIPCÍACA

Canta É neste mar que navego,
mirando o que por mim passa,
em viagem de que nunca chego...
Quem me beija, quem me abraça
fica em deslumbrado sossego.

Neste cenário, Maria busca de forma obsessiva se realizar em prazeres da carne. Procura justificar as atitudes com sua beleza física. Diz não querer saber de quem a procura, pois é capaz de se realizar sexualmente com qualquer um, seja mendigo ou imperador. Vai a Alexandria em busca de diversão e prazer, não se sensibilizando com a voz que a aconselha, insistindo que é a ela que o mal se voltará. Não se satisfazendo em Alexandria, Maria vai à Terra Santa aonde os peregrinos vão. Mais por diversão do que por devoção.

II. Cenário de Alexandria

VOZ DESCRITIVA

Fala Parou um barco em Alexandria,
cheio de romeiros para a Terra Santa.
Na sua almofada, de onde o mar se via,
eis Maria que se levanta.

MARIA EGIPCÍACA

Fala De que terra falais, e de que profecias
e por que navegaís com pressa tanta?

Canta Vinde comer à minha mesa,
Onde o alimento é a minha beleza,
vinde beber meu vinho doce e forte.

Fala Por que ireis procurar a morte?

Canta Que gosto é o vosso por sepulcros e por cruzes?
Ficai comigo, descansai neste aposento
onde o meu sonho é o mar e a minha voz, o vento,
e meus olhos outros faróis de extensas luzes...
Ou levai-me convosco por esses mares que não
[conheço.
Levai-me convosco que posso pagar o que [quiserdes.
Eu mesma serei a moeda, seja qual for o vosso [preço:
pois meu peito é uma cesta de frutas e flores,
meus olhos, uns tanques de inquietos peixes [verdes,
minha cintura uma harpa com fitas de mil amores,

Canta e é uma noite de seda o meu cabelo aberto,
e a minha boca uma tâmara entre os ventos do
[deserto...

VOZ DESCRITIVA

Fala E os romeiros que iam para a Terra Santa
paravam, tontos por essa voz que os seduzia,
como um perfume na jarra daquela garganta,
perguntavam quem era aquela
mulher tão jovem e tão bela,
que a possuía, que os possuía...

Canta E era Maria
de Alexandria...

Fala E embora romeiros e mui devotos,
aqueles homens do barco descidos
vinham ver Maria, bosque de lótus,
brilhando numa água de tênues vestidos.

E da sua fraqueza mui surpreendidos,
os romeiros devotos se debruçavam sobre Maria,
e diante dela Jerusalém desaparecia.
E o dono do barco, mais atrevido que os outros [dizia:
Canta Levo-te comigo de Alexandria,
levo-te para qualquer viagem:
com o gosto da tua boca, Maria,
irás pagando para sempre a tua passagem...

MARIA EGIPCÍACA

Fala Mas a terra de que falais não é um mundo eterno?
Não dizeis que buscais uns lugares sagrados?
Como quereis levar-me para essas terras tão [tristes,
onde tudo que é belo está morto?
Não, deixai-me, deixai-me neste turbulento [porto...
Assim como sou. Não me abraçais? não me [vistes?
– cálida, gloriosa e opulenta
como a terra que o rio banha e em verdura rebenta.

VOZ MÍSTICA

Canta Maria do Egito, Maria,
não provoques o peregrino
que pára no porto de Alexandria.
Não o desvies do seu destino.
Não transmitas o teu pecado a quem procura
o trono de Deus, tão longe e tão alto, na terra [escura.

CORO DOS ROMEIROS SUBINDO PARA O BARCO

Romeiros somos, carregados
de tenebrosos pecados.
Procuramos o Céu, mas estamos ainda no Inferno.
O Demônio nos chama por todos os lados,
e nesta barca levamos corpos ainda mui pesados.

VOZ MÍSTICA

Canta Maria, anjo do céu caído,
parte também em romaria,
deixa os delírios de Alexandria,
cobre-te com um denso vestido,
vai ver a vida que da morte se levanta,

no milagre da Terra Santa,
como sai da noite o dia.

Em Alexandria, os romeiros paravam para se satisfazerem com Maria do Egito. A mulher encenava o papel de anjo caído, de demônio da luxúria, mas havia algo de bom em Maria, por isso a *Voz Mística*, ou *Voz Sacra*, se expressava para despertar em Maria o desejo de se regenerar. E Maria, quase que involuntariamente, aceita seguir os romeiros à Terra Santa. Seria o princípio da redenção e, por conseguinte, da santificação, contudo o caminho terá muitos espinhos, mas Maria suportará. Vejamos.

III. Cenário de Jerusalém

VOZ DESCRITIVA

Canta E Maria foi para a Terra Santa,
 Maria a serpente de fogo de Alexandria:
 Maria do Egito a da veludosa garganta,
 a da boca de amêndoa macia.

Fala Sobre a sua cabeça brilhava o céu de estrelas
 [adornado,
 azul e negra a seus pés a água fervia.
 Seu corpo suntuosos, entre ondas e estrelas [deitado,
 ia com os romeiros para a romaria.
 E afinal pararam, saltaram, subiram para os [lugares
 que vinham buscando ao longo de desertos e [mares.

Canta Mas quando os romeiros avistaram o sítio sagrado
 e pensaram em seu Mestre Jesus, que foi morto
 para que os homens tivessem alma eterna e vida,
 esqueceram-se daquela que era uma deusa no [porto
 movimentado de Alexandria,
 daquela morena e verde e resplandecente Maria
 por eles no barco trazida

Fala e que pagara aquela devota viagem
 com beijo da sua boca, repartida
 por toda a equipagem.

Canta E Maria do Egito, Maria,
 com seu corpo de gata e serpente,
 caminhava no meio daquela gente,
 pela primeira vez calma e fria.

Fala e aqueles que tinham, beijado
 e tocado em seu rosto e dormido em seu peito
 puderam entrar de coração satisfeito
 nos santos lugares de peregrinos.
 E ali cantavam seus doces hinos
 com lábios onde ainda se sentia
 o gosto, o perfume, o calor de Maria,
 de Maria de Alexandria.
 Ela, porém, ia ficando distante e sozinha,
 até todos terem passado,
 e então desejou cantar, e seu passo estava
 [imobilizado,
 e sua voz, coberta de confusão e melancolia, assim
 [dizia:

MARIA EGIPCÍACA

Fala Branca Jerusalém, cidade dos profetas,
deixa-me prosseguir! Por que tenho este chumbo [nos
passos?
Eu sou aquela egípcíaca, de dourados braços,
de dias festivos, de noites inquietas.
Eu sou aquela que dançava como a brisa.
Deixei tapetes de seda para pisar estas pedras [duras,
para te ver, Jerusalém, e ver teus santos,
ah! por que não posso andar como as outras [criaturas?

VOZ DESCRITIVA

Fala E de muito longe uma voz respondia:

VOZ DO CÉU

Canta Maria, tu mesma paras, Maria de Alexandria!
Maria, tu mesma acordas, e vês o teu primeiro dia!
Maria, tu mesma sentes o peso dos teus espantos!
Maria, põe tua voz sobre as palavras destes [cantos!
Maria, estas palavras são claras como claras [fontes!
Maria, segue por estes pedregosos, floridos [montes!
Maria, não tenhas medo da aspereza destes [caminhos!
Maria, isto é um chão de cruzes, todas coroadas de
[espinhos!
Maria, o fim dos homens é serem nas suas cruzes
[pregados!
Maria, das nossas cruzes renascemos [purificados!

VOZ DESCRITIVA

Fala E Maria prostrou-se com o rosto na poeira,
e cheia de lágrimas respondia desta maneira:

MARIA EGÍPCÍACA

Fala Senhor, Senhor, Senhor, eu sou Maria,
aquela do porto de Alexandria,
que desde menina vivo dedicada
a amar quem passa pela cidade.
Como posso cantar para a Eternidade,
se a minha vida é só para breves instantes?
E como poderei amar a Divindade,
se apenas mortais têm sido os meus amantes?
Senhor, eu não sou romeira nem peregrina,
eu sou a que fugiu de casa, quando era menina,

a que era tão leve, tão bela e graciosa
 que nem a palmeira, que nem a brisa, que nem a [rosa.
 Não posso mais levantar meu rosto para o rosto
 daqueles que deixei desesperados de desgosto,
 como levantarei para a tua Face, que é divina?
 Senhor, não posso dar um passo para frente!
 Sinto nos pés a força de uma severa corrente
 e não consigo acompanhar toda essa gente
 que canta seus hinos diante de Ti ajoelhada...
 Mas eu amei quanto pude, amei por amar, mais [nada.
 Deixe-me ir para trás, ao menos, para o deserto,
 aprender o que está errado e o que está certo,
 e voltarei, talvez, se conseguir um dia chegar perto
 de Ti, Senhor, e iluminada!

VOZ MÍSTICA

Canta Vai para esse deserto que escolheste, penitente,
 e abre teu coração à luz Onipotente
 que desce em silêncio dos quatro horizontes.
 Banha-te nessas douradas fontes,
 e aquele grande fogo que consumia
 tua vida em Alexandria,
 verás cair teu corpo como um vestido encarnado,
 e estarás para sempre perfeita e livre do vil [pecado!

A transformação de Maria ocorre quando ela se sensibiliza com a fé daqueles que buscavam em Jerusalém uma atenuação para seus pecados. De imediato, pede perdão para se modificar. Se aqueles que estiveram com ela tiveram a ousadia de se conectarem com o plano Divino, por que ela não poderia? Pede perdão e sugere o refúgio e a penitência no deserto para se iluminar. No Cristianismo, para se chegar à iluminação, é preciso abnegação e sacrifício, atributos que tomaram conta de Maria do Egito.

IV. Cenário do deserto

VOZ DESCRITIVA

Fala E Maria levou uns cinquenta anos sozinha
em penitência pelo deserto.
Nada mais possuía, nada mais tinha
além de seu velho corpo, pela cabeleira coberto.
Um pobre corpo como no inverno a cepa da vinha.
Os 4 Evangelhos sobre os 4 ventos
vinham trazer-lhe seus ensinamentos.
E nem comia nem bebia,
Maria de Alexandria,
nem acordava nem dormia,
e sua vida estava suspensa
entre o alto céu e a ânsia imensa,
alimentada só por um celeste rossio.
E às vezes caminhava por cima das águas do rio.

A vida no deserto mais parece uma pena exaustiva, é um tempo de sacrifício e de resgate espiritual. Maria se dedica de corpo e alma e se modifica alimentada pelo alimento celeste, o que transforma e torna seres caídos em seres elevados.

V. Cenário do deserto

Prelúdio, com as três linhas seguintes cantadas e o resto, fundo musical.

VOZ DESCRITIVA

<i>Canta</i>	Zósimo passava pelo deserto
<i>Fala</i>	quando viu um vulto que se aproximava. Velho, muito velho era o corpo coberto apenas por uns cabelos muito compridos, como uns desbotados vestidos. E o vulto dizia baixinho:

MARIA EGIPCÍACA (*voz alquebrada de Maria*)

“Zósimo, Zósimo, não te afaste do caminho,
 eu sou uma pobre penitente
 que por aqui aprende o Evangelho.
 Vem ouvir minha história,
 antes que se apague da minha memória,
 como um dia que termina:
 Zósimo, Zósimo, eu sou uma antiga menina,
 que deixou para trás sua família e sua casa,
 e foi queimar-se tal o incenso na brasa,
 no curvo porto azul de Alexandria.
 Ah!, os banquetes diante do noturno mar prateado!
 As sedas em que estive meu corpo amortalhado!
 Os peixes d’água e luz que nos traziam os [pescadores,
 os vinhos que espumavam nos jarros de mil cores.
 E este corpo, que vês, óleo doce e macio
 flutuava no amor como um céu sobre um rio.
 Ah! Zósimo, este é o corpo, e o amor não é mais
 [nada!
 Diante de Deus, fiquei parada e envergonhada.
 Vim para aqui pensar nas minhas rebeldias,
 pesar com o coração a herança dos meus dias.
 Minha alma aqui se abriu, pobre romã partida:
 somente lágrimas continha a minha vida.
 Zósimo, pensa em mim! que sofro longamente
 para poder andar diante de Deus sem medo:
 pensa em mim, Zósimo, porém sem pena: pois [bem
 cedo
 deixarei esta areia,

entrarei calma na minha sepultura,
tão velha, tão feia, sublimada por altas chamas,
tão feliz, tão pura!”

VOZ DESCRITIVA

Fala E Zósimo partiu sem perguntar nada,
 porque sua alma ficara muito comovida e
 [assombrada.

Era preciso que o testemunho fosse explanado. Nada mais coerente ao Cristianismo católico do que um clérigo ser ouvinte de Maria do Egito e repassar a sua triste história como lição àqueles(as) que não seguem aos preceitos divinos.

VI. Cenário do deserto

VOZ DESCRITIVA

Canta Pela segunda vez Zósimo passava
e outra vez o vulto encontrava,
Fala coberto com a chuva cinzenta dos seus cabelos,
e agora caminhando pelos
do Jordão líquidos caminhos.
E lembrou-se de perguntar “Como te chamas?”
E o vulto lhe respondia:

MARIA EGIPCÍACA

Canta Eu fui aquela
egipcíaca donzela
que fugiu de casa para Alexandria.
Era tão perversa e tão bela
que a minha fama se conhecia
nos impérios todos do mundo.
Depois, fui com meu corpo imundo
visitar o lugar sagrado
de Jesus Crucificado,
Oh! altos montes, negras oliveiras,
Pedras repletas de ecos, ó puras sombras [verdadeiras!
E meu passo ficou tolhido,
tão grande era o peso do pecado
pelo meu sangue subitamente reconhecido.
Meu nome era Maria,
pecadora de Alexandria.
Agora sou a penitente das areias,
e só o vento do deserto vem cantar nas minhas [veias.
O vento canta na minha pele e nos meus ossos.
E sou feliz por ver os meus próprios destroços.
O vento canta nos meus cabelos.
A harpa é mísera, mas comoventes são os apelos.
Zósimo, grava na tua memória
os quatro instantes da minha história:
a menina enganada,
a pecadora reclinada,
a romeira subitamente esclarecida,
e esta que morre e só na morte encontra vida.

VOZ DESCRITIVA

Fala E Zósimo olhava a seca figura
que por cima das águas andava
sem ir ao fundo
e que repetia:

MARIA EGIPCÍACA (*voz de Maria*)

Canta Morei no mundo,
fui Maria de Alexandria
aqui chorei, das minhas paixões lembrada,
da minha vida passada,
dos meus banquetes, dos meus abraços.
Aqui triturei minhas lembranças com os próprios
[passos,
aqui roguei para que morresse a minha saudade
das vozes que amei, dos sonhos antigos,
daquela espécie de felicidade
que me cercava de perigos.
Aqui solucei pelos meus pecados inocentes:
ajoelhada no chão cortava minhas cadeias com os
[dentes.

Fala Olha os meus braços nus, lenhosos e torcidos,
que foram tão roliços e de tantas jóias cingidos;
e estas pernas que eram lisas e firmes, e finas [como
pluma,
e são negras e moles e sem força nenhuma;
e estes peitos vazios, frouxos e indiferentes,
que eram romãs coroadas, redondas e
[resplandecentes.
E como será meu rosto, que vejo só com os dedos,
[neste deserto,
meu rosto que parecia noturno lótus aberto
e a minha boca, cheia de consentimentos,
– olha tudo isso nas areias e nos ventos...
Zósimo, Zósimo, como eu chorei, para deixar de [ser
bela,
para me despir de pecados,
para matar meus sonhos desesperados!
Mil demônios estão construindo pântanos e [florestas
para suas eternamente satânicas festas.
E havia uma voz que me falava e eu ouvia.
Quem era?

Canta Mas o deserto é a minha moradia,
e tenho um porto de anjos e de estrelas e navego
como quem de repente deixou de ser cego.

VOZ MÍSTICA

Canta Longe morre Alexandria:
 Longe morrem teus pecados.
 Outra e a mesma, agora pisas
 do Jordão as ondas lisas...

VOZ DESCRITIVA

Fala Então, Zósimo estendeu à penitente
 um punhado de tâmaras, de lentilhas e de figos.
 E ela deslizou pelas águas, leve e nua
 como no quarto minguante o vulto da lua.
 “Como sabes meu nome?”, perguntou Zósimo [sempre
 assombrado.

MARIA EGIPCÍACA (*voz de Maria*)

Canta “O vento que me ensina o Evangelho
 fez-me clarividente.
 Sei o nome de amigos e inimigos,
 e o de cada pecado:
 vejo o futuro como vejo o passado,
 minha alma vai sendo mais nova, no corpo mais
 [velho.
 Como é possível que eu tenha sido a de [antigamente.
 Choro por mim, como por outra pessoa.
 E meu corpo que foi de chumbo agora voa.”

VOZ DESCRITIVA

Fala E seu vulto, na verdade, voava e desaparecia.
 E Zósimo chorava também por Maria de [Alexandria.

É preciso que algo sobrenatural aconteça para se atestar a transformação. Zósimo é a testemunha viva da comunidade cristã que ouviu da boca de Maria um relato comovente e verdadeiro. Chora por Maria, mas está disposto a atendê-la no que for preciso, e assim vai proceder.

VII. Cenário do deserto

VOZ DESCRITIVA

Fala A terceira vez que Zósimo veio pelo deserto
 procurou-a mas não a encontrou nem longe nem
 [perto.
 Chamou-a: Maria do Egito! Maria de Alexandria!
 Mas dos confins da areia o eco repercutia:
 “Santa Maria!”

(Música sem palavras, formando um breve intervalo. Depois, a música serve de fundo.)

E chamou-a dias inteiros.
 Mas não viu mais a velha penitente.
 E em vão para os quatro ventos lançava seu grito:
 Maria do Egito!
 Fugitiva Maria Rebelde e brava!
 Maria dos barqueiros, dos marinheiros e romeiros.
 Maria de Alexandria,
 Maria, a vítima da pérfida Serpente,
 Maria em parte alguma se encontrava:
 nem Maria acordada à luz do caminho santo,
 batizada não no Jordão, mas no seu pranto.
 Maria de dolorida sabedoria
 não se encontrava mais em parte alguma:
 passara como no vento a nuvem e na água a [espuma.

(Sem música)

Fala E Zósimo sentiu que ela agora habitava
 a celeste Jerusalém,
 de onde ajudaria a livrar de seus errôneos amores
 os que nas ondas dos desejos vão e vêm.

Canta E pois que todos somos desses navegadores,
 por ela seremos ajudados, também.

CORO Amém.

F I M

NARRADOR PRESENTE

Zósimo voltou então para o seu convento,
Chorando de pena e alegria
pelo que tinha visto e escutado
e escreveu a história de Santa Maria,
da sua vida e do seu arrependimento,
para que Santa Maria Egípcíaca, salva do pecado
também o fosse do esquecimento.

(Música sem palavras)

Nesta última parte do *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, observa-se a assunção de Maria do Egito. A perda do porto de Alexandria havia conquistado a sublimação divina. Elevou-se aos céus para que sua história tivesse um motivo sagrado. Coube ao abade Zósimo escutar e transcrever a história de uma mulher perdida, mas encontrada depois da experiência em solo sagrado. Trata-se de uma exemplificação medieval que a poeta Cecília Meireles soube relatar em versos modernos de muita maestria espiritual e literária.

DISCURSO DE DEFESA

O trabalho que se apresenta neste instante teve como principais tópicos as vertentes espiritualistas internalizadas na produção de Cecília Meireles em *Cânticos*, livro de teor religioso publicado postumamente. Recorremos à *Teoria da Residualidade* como método de investigação, uma vez que, conforme o seu idealizador, Prof. Dr. Roberto Pontes:

A *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. (...) Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo, abrange igualmente a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes.¹¹⁴

Verificamos, a partir deste conceito de Pontes, que a abrangência de sua teoria era extravagante. Não comportava apenas os elementos da cultura material; havia, pois, possibilidade de estudo no âmbito da cultura imaterial, bem como de vertentes de ordem espiritualistas, o que, de pronto, embasamos com as últimas sentenças do fragmento textual acima transcrito, mormente, com a palavra *crenças*. Recorremos, então, a leituras de textos que tratavam de aspectos da cultura e crenças judaico-cristãs. Encontramos no Cristianismo não apenas um *cristianismo*, mas uma doutrina variada desde sua essência.

A leitura de Cecília Meireles em *Cânticos* concedeu-nos um vasto caminho para enveredarmos, à procura de fundamentos que denunciassem uma conduta cristã de remanescentes espirituais. Verificamos que uma das doutrinas cristãs mais próximas de repasses da mentalidade espiritual é o *Espiritismo*, doutrina descodificada por Allan Kardec em meados do século XIX na França. Observamos, ainda, que o texto de Cecília Meireles é

¹¹⁴ Roberto Pontes, in: *Literatura Afrobrasilusa: tentativa de conceito*, p. 9.

todo esquematizado, não no sentido estruturalista, mas no que toca a tematizações de ordem espiritualista, em preceitos que remontam às leituras sagradas do Antigo e do Novo Testamentos. E a dialogação com o plano divino se processa na diversidade de vozes internas, sendo predominante a voz feminina, que parece ser a que mais se aproxima do teor sagrado, uma vez que vai limpa e cheia de graça em direção ao plano maior que é o espiritual, segundo os escritos de Kardec.

Também devemos destacar aqui que o nosso estudo teve início a partir de debates instigados pelo Prof. Dr. Roberto Pontes, numa disciplina que reverenciava a poeta maior do século XX como uma voz *residual e trovadoresca*. Daí surgiram idéias de ampliar este estudo que, a princípio, nos veio em forma de ensaio, mas, depois, foi distendido por forte influência, para não dizer insistência, de nosso orientador. Visamos duas vertentes: a *espiritual* e a *medieval*. Aquela externava os anseios de caráter espiritualista, inseridos na cosmovisão ocidental, tendo como base superior os preceitos do Cristianismo medieval; esta, mais voltada para as questões historiográficas, nos revelou que, em nenhum outro tempo da história do mundo ocidental, se cultuaram tanto as tendências espiritualistas judaico-cristãs, principalmente, os aspectos cristalizados no mundo pagã romano, depois convertido aos ensinamentos do Homem de Nazaré. Como se vê, as duas tendências estão intrinsecamente relacionadas, para não dizer amalgamadas.

Outro destaque de nossa pesquisa foi o papel da figura feminina na cristalização das vertentes do Cristianismo no Ocidente. Buscamos aqui dois mitos: um, artístico medieval¹¹⁵; outro, místico e sagrado, personificados pelo mito de Santa Maria Madalena, mulher estigmatizada pela igreja medieval, mas redimida na contemporaneidade, graças às

¹¹⁵ O livro de Denis de Rougemont nos foi por demais relevante. Podemos dizer que foi um breviário a que recorremos para atestarmos a nossa pretensão.

várias insistências de historiadores(as) e teólogos(as) que não aceitavam tal chaga para uma personalidade cristã da estirpe de Maria Madalena. Talvez, e nós acreditamos, Maria Madalena, depois de Jesus, seja a figura mais relevante do mundo cristão. Porém a igreja insistiu em outra Maria, a mãe de Jesus, que foi elevada à categoria de *imaculada*. Não está em pauta a discussão sobre o papel de Maria, a mãe, no mundo cristão, contudo queremos reiterar que Maria, a Madalena, foi tão ou até mais relevante que a mãe do homem que dividiu a história ocidental em antes e depois dele.

No segmento em que se destaca a figura de Maria Madalena, comentamos um outro texto de Cecília Meireles, um oratório ao gosto medieval, que tanto recorre à figura da mulher mais instigante desta parte do globo. O *Oratório de Santa Maria Egípcíaca*¹¹⁶ era a fundamentação de que precisávamos para aliar as duas vertentes de nossa pesquisa. Ele, o oratório, entrou no corpo de nosso trabalho como texto incidental, mas de muita importância para se atestar que o mito Maria Madalena é a maior voz do apostolado cristão. A quem afirme que ela seja *apostola apostolarum*, ou seja, a apóstola dos apóstolos. Aquela a quem foi destinada a grande chave do Cristianismo que é a ressurreição de Jesus; aquela a quem Jesus apareceu pela primeira vez após ser crucificado; a testemunha-mor da ressurreição de Cristo.

Sobre o fundamento cristão medieval que assegura o valor epistemológico e espiritual de Maria Madalena no Cristianismo, transcrevemos aqui um trecho do ensaio de Diane Apostolos-Cappadona, historiadora cultural especializada em arte religiosa, presente no livro *A Verdadeira História de Maria Madalena*, onde estão dispostas várias argumentações acerca desta personalidade cristã. Neste trecho, há a presença do feminino

¹¹⁶ O livro *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze, nos foi precioso para a analogia entre as duas personagens: Maria Madalena e Maria do Egito.

como elemento de importância significativa no que diz respeito ao mito medieval que foi repassado para a contemporaneidade. De forma providencial, se atesta a fusão, que destacamos em nosso trabalho, entre Maria Madalena e Maria do Egito.

Durante a Idade Média, Maria Madalena começa sua transformação visual de “ponta” no drama cristão de figuras santas femininas na arte românica e gótica em um importante indivíduo independente – uma heroína por seus próprios méritos. As representações de Maria Madalena ganharam destaque nos ciclos narrativos e litúrgicos das catedrais medievais, de arcos gravados ou pintados a afrescos de parede e esculturas de portais. Juntamente com essa transformação artística, Maria Madalena começou a ser alvo de devoção como santa penitente e foi fundida à outra prostituta-tornada-santa reformada, Maria do Egito, que teve uma vida de penitência no deserto.¹¹⁷

Portanto a nossa pretensão não é a de reiterar o que o autor de *O Código Da Vinci* repassou para os seus leitores(as), mas a de retificar que a voz feminina está presente nas culturas do ocidente não por um mero acaso, mas, sim, pelo fato de, no passado, esta voz ser de muita relevância para a consolidação de uma religião insipiente e perseguida pelos ritos do paganismo romano, que é o Cristianismo, ironicamente, absorvido pelos pagãos de Roma.

No que se refere à literatura de Cecília Meireles, asseguramos que a autora de *Cânticos* nos possibilitou uma tarefa mais do que prazerosa, nos concedeu uma leitura que foge aos padrões estabelecidos no ensino de literatura. Praticamente Cecília Meireles nos afirma e confirma que a literatura e seus temas pertencem a todos os tempos. E tudo permanece para ser criticado ou apreciado, parafraseando aqui um aspecto de aula de Roberto Pontes sobre a importância da *Teoria da Residualidade*. Meu muito obrigado.

¹¹⁷ *A Verdadeira História de Maria Madalena* / org. Dan Burstein e Arne J. de Keijzer. Tradução de Alexandre Martins e Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 223.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)